



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4395 - www.pphgis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Ata 1, PPGHI				
Data:	Vinte e quatro de fevereiro de dois mil e vinte e um	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	15:36
Matrícula do Discente:	11912HIS001				
Nome do Discente:	Dayane Cristina de Freitas				
Título do Trabalho:	O TEMA E O PROBLEMA: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1989-2019)				
Área de concentração:	História Social				
Linha de pesquisa:	Política e Imaginário				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ciganos em Portugal e no Brasil: composições modernas				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: Nara Rúbia de Carvalho Cunha (UFU), Rejane Meireles Amaral Rodrigues (Unimontes), Gilberto Cézar de Noronha orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Gilberto Cézar de Noronha, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Gilberto Cezar de Noronha, Presidente**, em 24/02/2021, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nara Rúbia de Carvalho Cunha, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rejane Meireles Amaral Rodrigues, Usuário Externo**, em 24/02/2021, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2559683** e o código CRC **50FCDF3**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

DAYANE CRISTINA DE FREITAS

O TEMA E O PROBLEMA: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria
Firmina dos Reis (1987 – 2019)

Uberlândia

2021

DAYANE CRISTINA DE FREITAS

O TEMA E O PROBLEMA: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre
Maria Firmina dos Reis (1987– 2019)

Texto apresentado como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História Social do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de concentração: História Social

Linha de pesquisa: Política e Imaginário

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Cézar de Noronha

Uberlândia

2021

**Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

F866	Freitas, Dayane Cristina de, 1987-
2021	O tema e o problema [recurso eletrônico] : memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1989 – 2019) / Dayane Cristina de Freitas. - 2021.
	Orientador: Gilberto Cézar de Noronha. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em História. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2549 Inclui bibliografia.
	1. História. I. Noronha, Gilberto Cézar de, 1979-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História. III. Título.
	CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

DAYANE CRISTINA DE FREITAS

O TEMA E O PROBLEMA: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1987 – 2019)

Texto apresentado como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História Social do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de concentração: História Social

Linha de pesquisa: Política e Imaginário

Uberlândia, 24 de fevereiro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gilberto Cézar de Noronha (UFU)
Orientador

Profa. Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha (UFU)

Profa. Dra. Rejane Meireles Amaral Rodrigues (Unimontes)

DEDICATÓRIA

À minha filha Clarice.

*Mesmo este trabalho sendo um pobre substituto
para a presença de sua mamãe, espero que ele
possa ainda ser motivo de orgulho para você.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Gilberto Cézar de Noronha, por ter me acolhido no meio da tempestade e me guiado com muita sabedoria. Sou grata por todas as ideias, correções e empenho em trazer qualidade para este trabalho e por compartilhar comigo sua experiência.

Ao professor Adalberto Paranhos, que me recebeu em meio às inseguranças e plantou a semente do que esta pesquisa se torna hoje.

Ao amigo e professor da graduação Thiago Lemos Silva, cujo incentivo foi vital para que eu perseguisse o sonho do mestrado e acreditasse em minhas próprias habilidades.

Aos professores do Centro Universitário de Patos de Minas que forneceram as bases para que a curiosidade e vontade de aprender crescessem.

Aos professores da Universidade Federal de Uberlândia, especialmente as professoras Carla Miucci e Ana Paula Spini, pelas maravilhosas e riquíssimas aulas e pela acolhida solidária neste ambiente tão novo para mim.

Aos colegas do mestrado. Embora tenhamos convivido por pouco tempo, a acolhida e a troca de experiências em muito me marcaram.

Às minhas irmãs por me receberem em sua casa em Uberlândia durante as aulas, estadia paga em pizzas, risadas e brigas.

Ao meu marido pelo apoio e incentivo, pelo companheirismo e por todas as vezes que me ouviu falar sobre um assunto do qual nada conhece e, ainda assim, tentar ajudar. Obrigada por ser a rocha na qual posso descansar durante a tormenta. À minha mãe e sogra pela rede de apoio e pelo cuidado com a minha pequena quando foi preciso. Não teria sido possível sem vocês. À minha joia, minha Clarice, cujo sorriso e futuro me inspiram a ser cada vez melhor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar esta pesquisa.

RESUMO

Maria Firmina dos Reis foi uma professora e escritora negra maranhense que publicou seu principal texto em 1859. Celebrada em seu tempo, foi esquecida e excluída da historiografia literária de grande parte do século XX, até 1975, quando seu romance *Úrsula* foi publicado em edição fac-similar e uma biografia foi organizada por José Nascimento Morais Filho. Deste momento em diante, é possível perceber um crescente número de estudos que tratam da autora, abordando diversos aspectos de sua vida e obra. Estes estudos são o objeto de análise desta pesquisa. É nosso objetivo entender de onde surge a demanda pela lembrança desta autora nos meios acadêmicos, bem como analisar como se formam os discursos e memórias a respeito de Maria Firmina e de seus escritos no meio acadêmico. Para atingir tal objetivo, foram selecionadas 29 teses e dissertações que abordam a maranhense e sua obra de forma direta ou transversal, produzidas entre 1987 e 2019. Estas pesquisas foram questionadas em três pontos principais: quem, para que e como evocaram e (re)construíram a memória de Maria Firmina dos Reis? Identificamos abordagens compartilhadas entre estes trabalhos, sobretudo, relacionadas à temática antiescravista no texto firminiano, à ênfase na humanização da personagem negra, e na questão da autoria negra e da literatura afro-brasileira bem como a denúncia da condição das mulheres no Maranhão do século XIX. Buscamos com esta pesquisa ampliar o corpo de estudos sobre Maria Firmina dos Reis numa perspectiva crítica quanto aos usos do passado e ao dever de memória desde as análises e os resultados das teses e dissertações examinadas, oferecendo um olhar não comprometido com a sacralização da autora.

Palavras-chave: Dever de memória; Esquecimento; Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

Maria Firmina dos Reis was a Black teacher and author who published her main text in 1859. Celebrated in her time, she was forgotten and excluded from the literary historiography of most of the 20th century, until 1975, when her novel *Úrsula* was published in a facsimile edition and a biography was organized by José Nascimento Moraes Filho. From that moment on, it is possible to notice an increasing number of studies that deal with the author, addressing different aspects of her life and work. These studies are the object of analysis of this research. Our goal is to understand where the demand for this author's memory in the academic circles comes from, as well as to analyze how the speeches and memories about Maria Firmina and her writings were formed. To achieve this goal, 29 thesis and dissertations, published between 1987 and 2019, that discuss the author and her work, in a direct or transversal way, were selected. These researches were questioned in three main points: who, why, and how they evoked and (re)build the memory of Maria Firmina dos Reis. We identified approaches shared between those researches, mainly related to the anti-slavery theme in her work, the humanization of the black characters, the question of black authorship and afro-brazilian literature, as well the denunciation of the women's condition in 19th century Maranhão. With this research, we seek to expand the body of studies on Maria Firmina dos Reis in a critical perspective regarding the uses of the past and the duty of memory from the analyzes and results of these examined theses and dissertations, offering a look not compromised with the author's sacralization.

Keywords: Duty of memory; Forgetting; Maria Firmina dos Reis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis por ano	17
Figura 2: Edições de Úrsula	17
Figura 3: Pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis por área	21
Figura 4: Ilustração de Maria Benedita Câmara Borman existente em Mulheres Illustres do Brazil	77
Figura 5: Pintura reproduzida por Rogério Martins	77
Figura 6: Busto em bronze de Maria Firmina dos Reis	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pesquisas analisadas (por ano de publicação)	27
Tabela 2: Pesquisas que tomam Maria Firmina dos Reis como tema central	57
Tabela 3: Pesquisas comparativas ou de temas diversos	58
Tabela 4: Trechos que caracterizam Maria Firmina dos Reis como pioneira	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTDC: Catálogo de Teses e Dissertações Capes 27

BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações 27

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Quem tem se interessado pelo estudo de Maria Firmina dos Reis?	31
1.1 Os arqueólogos da memória	31
1.2 Os escribas	38
2 Para quê estudar Maria Firmina dos Reis?	57
2.1 As personagens negras.....	59
2.2 A questão das mulheres e a autoria feminina negra	67
2.3 Entre ressurreição e canonização: a (re)construção da memória	74
3 Como Maria Firmina dos Reis foi lembrada e esquecida?	80
3.1 Imagens da memória	81
3.1.1 Pioneira na escrita feminina	81
3.1.2 Abolicionista /antiescravista	85
3.1.3 Crítica da questão feminina	87
3.2 – Imagens do esquecimento	91
3.2.1 A professora	94
3.2.1 A pessoa historicamente situada	101
3.3 Maria Firmina dos Reis por si mesma	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

“Um projeto que visa ao resgate da autoria feminina do esquecimento a que foi relegado é um projeto feminista e, logo, político.”

(Bárbara Loureiro Andreta, 2016)¹

“Lida e aplaudida no seu tempo, foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida: o nome e a obra!”

(Nascimento Moraes Filho, 1975)²

“O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não o soube colorir nem aformosentar. [...] Mas, ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade.”

(Maria Firmina dos Reis, 1873)³

Em meados de 1960, um proeminente bibliófilo e advogado paraibano comprou um lote de livros antigos e esbarrou com uma pequena brochura intitulada *Úrsula - Romance Original Brasileiro - Por Uma Maranhense*, datado de 1859. Intrigou-o o fato de desconhecer um título escrito no estado do Maranhão, terra que, segundo ele, tinha sido “no passado um viveiro de homens ilustres”⁴ e cuja capital, São Luís “granjeou fama de Atenas brasileira”⁵, devido à grande produção intelectual de seus filhos. Tratava-se ainda de uma mulher a escrever um livro, o que não era inédito, mas feito raro na cena literária oitocentista. Quem seria esta autora cujo nome e obra eram desconhecidos no século XX? Quem seria aquela mulher maranhense que se empenhara em escrever um romance no qual contava a história de um casal desafortunado e, no pano de fundo, evidenciava as misérias da escravidão?

O bibliófilo em questão era o intelectual paraibano Horácio de Almeida. Ainda antes de empreender a leitura do romance tentou responder a estas perguntas, intrigado pelo esquecimento imposto ao livro e à sua autora. Buscou primeiro os melhores dicionários de pseudônimos de seu tempo, sem sucesso. Voltou-se então para o renomado Dicionário Biográfico Brasileiro de Sacramento Blake⁶. Uma vez que a única informação de que

¹ ANDRETA, Bárbara Loureiro. *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016, p. 37.

² MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 12. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>. O texto disponibilizado no site acima mencionado foi generosamente compartilhado pelo pesquisador Rafael Balseiro Zin e está dividido em 6 partes distintas. Para as referências desta pesquisa, assinalamos qual parte e qual página do arquivo consultamos.

³ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 93

⁴ ALMEIDA, Horácio De. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina Dos (Ed.). *Úrsula*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, p. 1.

⁵ Ibid., p. 1.

⁶ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brazileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <<https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/221681>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

dispunha para empreender sua busca era o epíteto de “Uma Maranhense”, recorreu ao índice deste dicionário organizado posteriormente por Otávio Torres, que catalogou os autores por estado. Ali, percorreu o nome de todos os escritores maranhenses até finalmente se deparar com certa Maria Firmina dos Reis, apresentada por Sacramento Blake como a autora de *Úrsula*.⁷

O enigma sobre a autoria do romance fora decifrado⁸, mas muitas outras questões permaneciam sem respostas. Quem era Maria Firmina dos Reis? Por que a terra dos ilustres não registrou seu nome ao lado de Gonçalves Dias e Aluísio de Azevedo? Seria por sua condição de mulher, negra, ou pelo fato de seu livro não ter alcançado o mérito literário requerido por esta “estranya instituição chamada literatura”⁹? O que teria sido necessário para que sobrevivesse à sua morte, para que fosse canonizada como foram os autores da *Canção do Exílio*, Gonçalves Dias ou de *O Cortiço*, Aluísio de Azevedo?

O verbete de Blake a respeito de Maria Firmina dos Reis consultado por Horácio de Almeida é sucinto: informa-nos sua filiação, sua profissão, sua obra. Segundo o dicionário, teria nascido em 11 de outubro de 1825 e fora professora de primeiras letras no município de Guimarães, distante 70 km de São Luís, capital do Maranhão. Conta-nos também que Firmina criara uma aula mista e gratuita para seus alunos, mas que esta tivera que ser fechada em menos de três anos. Ao fim desta breve descrição, o dicionário elenca suas atividades de escritora de poesia e romance, atribuindo a ela a autoria de um livro de poesias chamado *Cantos à beira-mar*, o conto *A Escrava*, além do romance *Úrsula*.¹⁰ Insatisfeito com estas poucas informações, Horácio de Almeida continuou sua pesquisa e descobriu que se atribui a Maria Firmina dos Reis também a autoria do conto *Gupeva*.¹¹

É interessante notar que, conforme percebeu e apontou Régia Agostinho da Silva, o verbete de Sacramento Blake apresenta algumas “incongruências: considera, por exemplo, *A Escrava* como romance.”¹² Este texto curto, desde sua edição pela Editora Mulheres, vem sendo apresentado como um conto. Tal engano possivelmente ocorreu por conta de Sacramento Blake ter escrito a obra a partir das informações que solicitou aos literatos do país

⁷ ALMEIDA, Horácio de. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Luís: Governo do Maranhão, 1975, p. 4-5.

⁸ Ibid., p. 5.

⁹ Aqui, fazemos referência à expressão de DERRIDA, Jacques. *Essa estranya instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 118 p.

¹⁰ BLAKE, Sacramento. Op. Cit.

¹¹ ALMEIDA, Horácio de. Prefácio. Op. cit., p. 4.

¹² SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 88.

para construir seu dicionário, não necessariamente consultando ele mesmo os títulos mencionados, o que parece ter sido o caso do verbete sobre Maria Firmina dos Reis.¹³

Satisfeita minimamente sua curiosidade a respeito da autoria daquela “pequena brochura”,¹⁴ intitulada *Úrsula*, Horácio de Almeida deixou o livro de lado por alguns anos e só voltou a dar-lhe atenção quando se pôs a pesquisar quem teria sido a primeira mulher no Brasil a escrever um romance. Seus estudos o levaram de volta a Maria Firmina dos Reis, que, tendo escrito *Úrsula* ainda em 1859, foi, por ele, considerada primeira romancista brasileira.¹⁵

Finalizada a pesquisa, Almeida organizou o fac-similar de *Úrsula*, publicado em 1975. Esta edição foi patrocinada pelo Governo do Maranhão no mandato de Nunes Freire e figuraria como uma das ações comemorativas do sesquicentenário de nascimento da autora¹⁶ que, segundo as palavras do organizador, “tantos anos dormiu no esquecimento de seus próprios conterrâneos.”¹⁷ Desde então, estavam instituídos os contornos de duas importantes imagens paradoxais pelas quais a autora seria retomada em muitas outras ocasiões: a de escritora esquecida e a de uma escritora pioneira.

Entre 1973 e 1975 o professor, poeta e jornalista maranhense José Nascimento Moraes Filho pesquisava sobre a autora depois de descobri-la por acaso, ao procurar nos jornais da Biblioteca Benedito Leite por textos natalinos de autores maranhenses. Por dois anos empreendeu pesquisa que resultou na publicação, em 1975, da primeira, e ainda única, biografia sobre ela: *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, obra cuja publicação também foi patrocinada pelo Governo do Maranhão. Além de pesquisa em arquivos públicos do estado do Maranhão, Moraes Filho entrevistou dois filhos de criação da autora: Leudes Guimarães e Nhazinha Goulart. Adicionado ao texto biográfico, a obra traz alguns poemas e charadas escritas por Firmina que tinham sido divulgados em jornais maranhenses, de 1860 a 1903, bem como os contos *Gupeva* e *A Escrava*.

A biografia produzida por Nascimento Moraes tratou a escritora “como a mais expressiva figura feminina maranhense”¹⁸, e teve como objetivo tirar do esquecimento o nome de Maria Firmina dos Reis. Segundo Moraes Filho, junto com Ana Jansen¹⁹, Maria Firmina

¹³ ALMEIDA, Horácio de. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Luís: Governo do Maranhão, 1975, p. 4.

¹⁴ Ibid., p. 4.

¹⁵ Ibid., p. 5.

¹⁶ Ibid., p. 8.

¹⁷ Ibid., p. 8.

¹⁸ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Maranhão, 1975, parte 1, p. 11.

¹⁹ Sobre Ana Jansen ver: NOVAES, Irlane Regina Moraes. *Ana Jansen: empreendedorismo feminino no século XIX*. 2012. 141f. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

dos Reis era a figura feminina mais proeminente do Maranhão.

Ambas sobrevivem ... A primeira, [Ana Jansen] em forma de visão, metamorfoseada por seus inimigos em estórias de assombração, correu mundo... A segunda, esquecida do mundo, fixou-se na figura humana, que as lembranças carinhosas de sua família vimaranense conservaram para a História!²⁰

Mas como Maria Firmina dos Reis poderia ser “expressiva” se fora esquecida? Para ser esquecida é necessário primeiro que tivesse sido conhecida. Teria sido esse o caso de Firmina? Desde 1847, ano em que se tornou a primeira aprovada em concurso público para a cadeira de instrução primária, até sua morte em 1917, foi por Excelentíssima ou distinta professora e poetisa que os jornais de São Luís trataram Maria Firmina dos Reis, seja para anunciar em suas páginas algum poema produzido por sua pena²¹, seja para noticiar algum fato que denotasse seu prestígio, como no caso da visita que recebera do então governador do Maranhão, Luís Antônio Domingues da Silva, em 1911.²²

Sabemos que o pseudônimo “Uma Maranhense” não escondeu sua identidade por muito tempo: já em 1860, apenas um ano após a publicação de *Úrsula*, o Jornal do Comércio²³ publicava um anúncio deste romance, informando que sua autoria era da Sra. Maria Firmina dos Reis. A esta apreciação se seguiram outras, relacionando o nome da maranhense com o livro e destituindo o pseudônimo com o qual assinara inicialmente. Isto não impedi, no entanto, que cem anos depois, seu nome já não fosse mais tão relembrado, como se depreende da dificuldade inicial de Horácio de Almeida para determinar a autoria do livro. O que nos chama a atenção aqui não é o fato de uma escritora e uma obra serem desconhecidas da geração seguinte, mas as razões pelas quais, no limiar do século XXI, em 1987, tanto *Úrsula* como sua criadora, Maria Firmina dos Reis, voltarem à cena literária pelas artimanhas da memória social e coletiva, irrompendo em outras configurações sociais e políticas. A retomada do nome de Firmina por Horácio de Almeida e Morais filho em um momento em que ela era uma figura esquecida, mesmo por seus conterrâneos, deu início a um processo de redescoberta da autora e de ressignificação de sua obra que atinge seu ápice na segunda década do século XXI.

Imaginemos um cenário: se Horácio de Almeida pudesse ser transportado de 1960 para o ano de 2020, e do mesmo modo decidisse empreender uma pesquisa sobre a autora daquela velha brochura intitulada *Úrsula*, escondida sob a alcunha de “Uma Maranhense”.

²⁰MORAIS FILHO, Nascimento. Op.cit., parte 1, p. 12.

²¹Ibid., parte 1, p. 20.

²²*Pacotilha*, São Luís, 16 de jan. 1911.

²³MORAIS FILHO, Nascimento. Op.cit., parte 1, p. 17.

Antes de buscar em um grande e empoeirado dicionário, ele provavelmente se dirigiria a um computador e digitaria o nome da autora em um *site* de buscas. Ao invés de demorar dias ou semanas para encontrar um único verbete pouco descriptivo, como fez em 1960, seria inundado com as tantas informações disponíveis hoje sobre a autora e sua obra.

Uma busca na plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube* provavelmente o levaria a vídeos de resenhas de *Úrsula*, exortando a figura de Maria Firmina dos Reis, diante do “apagamento da escritora na historiografia literária do nosso país”²⁴, ou ainda a outros que consideram-na “muito progressista”²⁵ para sua época e afirmando que a redescoberta da autora e de sua obra tem “funcionando como bandeira para muitas meninas, muitas mulheres negras que não se veem representadas no nosso país.”²⁶ Procurando por Maria Firmina dos Reis no *site* de buscas *Google*, Almeida se depararia com dezenas – se não centenas – de páginas com temas diversos trazendo matérias sobre a autora²⁷: desde *websites* totalmente dedicados a ela²⁸, até artigos de periódicos científicos, teses e dissertações. Legítima biblioteca de Babel, bem ao gosto de Borges.²⁹ Assim, é inegável que a situação da memória de Maria Firmina dos Reis, hoje é bem diferente da de 1960.

Para ficarmos apenas com as teses e dissertações sobre a autora, em busca empreendida em junho de 2020, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, localizamos 33 pesquisas que evocam, direta ou transversalmente, a imagem de Maria Firmina dos Reis. Há ainda outras 16 pesquisas em desenvolvimento, incluindo esta, de acordo com levantamento preliminar feito por Rafael Balseiro Zin.³⁰ O aumento no volume dos estudos acadêmicos (Gráfico 1) e as numerosas reedições do romance *Úrsula* (Gráfico 2) demonstram existir um grande interesse contemporâneo em rememorar Maria Firmina dos Reis, desde o trabalho de Norma Telles, em

²⁴ LITERATURE-SE. *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. 2019 (11m33s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oCiBd6M2OZ4>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

²⁵ PANDA CLÁSSICOS, *Úrsula*. 2018. (13m16s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p_YzEtvM1nA>. Acesso em 04 mai. 2018.

²⁶ LER ANTES DE MORRER. *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. 2019 (18m40s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8L7Vi85gAlU>> Acesso em: 01 jun. 2020.

²⁷ Em uma busca no Google, por exemplo, afora a Wikipedia, os dois primeiros resultados são: MARIA Firmina dos Reis, a abolicionista negra que se tornou a primeira romancista do Brasil. *El País*, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/11/politica/1570793304_499201.html. Acesso em: 01 jun. 2020. e D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. *Revista Cult*, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

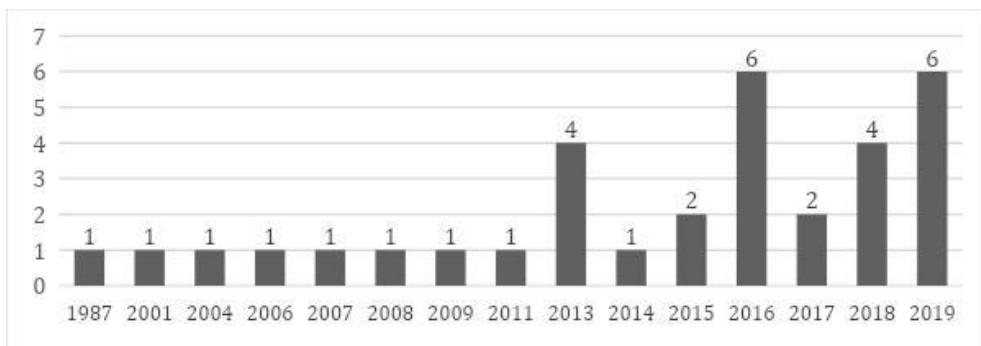
²⁸ Memorial de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

²⁹ BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In: *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

³⁰ Este levantamento e diversos outros materiais utilizados nesta pesquisa foram compartilhados pelo referido pesquisador. Gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer publicamente pela generosidade.

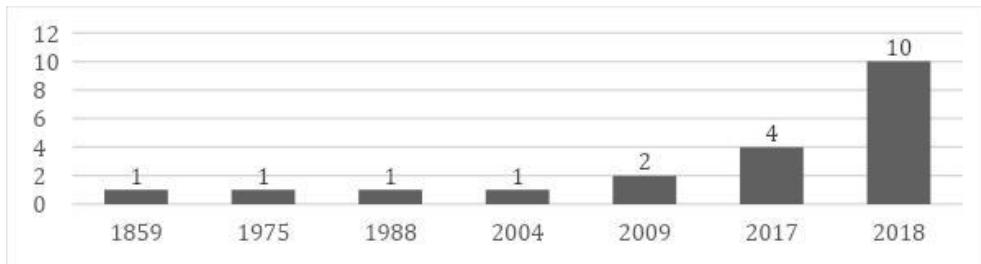
1987³¹ até as pesquisas mais recentes, ainda em andamento. Assim, uma autora antes “esquecida do mundo”, segundo a expressão de Nascimento Moraes Filho, torna-se personagem recorrente não apenas fora do meio acadêmico, mas também em seu interior.

Figura 1: Pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis por ano



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Figura 2: Edições de *Úrsula*



Fonte: Site Memorial de Maria Firmina dos Reis

É possível notar um movimento de crescente interesse no romance *Úrsula* que, em um único ano (2018), teve mais reedições do que nos 150 anos anteriores. Por que o crescimento exponencial da oferta de (e a demanda por) um texto que esteve à margem do grande público por tanto tempo? Por que suscita hoje tanto interesse? Tal fato guarda relação com o centenário da morte da autora? Estariam as editoras publicando e atendendo a uma demanda crescente por textos produzidos fora do cânone literário brasileiro, por um público que anseia pela leitura de obras com personagens e ideias mais afinadas com seus posicionamentos políticos contemporâneos? Ou este fenômeno é um indício da mudança no próprio cânone que a acolhe, a formar novos leitores? Enfim, por que a lembrança desta mulher maranhense do século XIX irrompe na passagem do século XX para o XXI? Teria ela passado de uma “figura esquecida do mundo” para uma “forma de visão”, tal qual Ana

³¹ Telles, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. 1987. 532 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

Jansen, sua conterrânea, em muitos aspectos, antípoda a ela? Ana Jansen (branca e rica), em contraste com Maria Firmina (negra e pobre), representaria melhor os interesses e valores da sociedade maranhense e brasileira de outrora? A celebração e a rememoração de ambas atenderiam aos mesmos grupos sociais?

Foi ao notar esta forte movimentação em torno da figura de Maria Firmina dos Reis, inclusive no meio acadêmico, que surgiu o interesse em investigar as motivações e implicações deste novo estatuto da memória da autora. A análise centrada na irrupção e construção da memória de Maria Firmina se tornou de interesse pessoal quando percebi que eu mesma tinha tomado conhecimento da existência da autora e de seu livro *Úrsula* por conta deste recente *boom de memória*. Foi através de um vídeo no *YouTube*³² que mencionava o pioneirismo e o esquecimento de Maria Firmina e fazia uma resenha de *Úrsula*, enfatizando seus posicionamentos políticos e de sua obra em seus aspectos abolicionistas e relacionados à mulher, que eu tive o primeiro contato com a maranhense. Surgiu ali a vontade de lê-la e, posteriormente, interrogar sua obra como objeto de estudo para o Programa de Pós-Graduação no qual estou inserida.

O objetivo inicial era, no entanto, comum a muitos dos trabalhos acadêmicos sobre ela: analisar as representações de gênero contidas em *Úrsula* através de uma perspectiva feminista que se destacava nesta retomada da autora. Tal inclinação foi uma herança da pesquisa empreendida durante a graduação no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação Científica (PIBIC), onde analisei as representações femininas na obra da autora inglesa Jane Austen³³. No entanto, ao longo do desenvolvimento do projeto para o mestrado percebi que a rememoração de Maria Firmina dos Reis como expoente feminina, ou mesmo feminista, era apenas uma das formas de se lembrar da maranhense, uma característica da obra que nos ajuda a compreender seu reconhecimento contemporâneo, mas não explica o fenômeno de memória. Assim, passou a me interessar não apenas a Maria Firmina Feminista ou Abolicionista, legitimamente festejada, ou qualquer das imagens identitárias com as quais eu poderia me reconhecer, instituídas e apoiadas nas imagens-lembança e do esquecimento da escritora, mas o próprio processo de identificação envolvido nas diversas formas contemporâneas de se lembrar de Maria Firmina dos Reis.

Assim, voltei-me à tarefa de empreender uma análise mais abrangente dos movimentos da memória (e da consciência histórica) que levaram à retomada de Maria Firmina dos Reis, ainda que para isso tivesse que restringir as fontes analisadas aos trabalhos acadêmicos produzidos sobre a autora, tendo como objetivo compreender como tem se dado a

³²PANDA CLÁSSICOS, *Úrsula*. 2018. (13m16s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p_YzEtvM1nA>. Acesso em 04 mai. 2018.

³³ FREITAS, Dayane Cristina de. *A literatura como narrativa do passado: Jane Austen e a mulher inglesa do século XVIII*. 2016. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro Universitário Patos de Minas, Patos de Minas, 2016.

evocação e construção de sua memória pelos estudiosos. Isto me pareceu oportuno visto que os trabalhos acadêmicos que estudaram Maria Firmina se tornaram eles mesmos fontes ou arautos da memória desta maranhense, contribuindo para dar visibilidade à autora, promovendo e impulsionando a publicação e divulgação de sua obra em outros espaços, bem como a formação de novos leitores. Nossa estudo tratará, então, de interrogar as fontes, como é a praxe dos historiadores, mas não apenas as fontes arquivísticas – ditas “primárias” para o conhecimento da história vivida de Maria Firmina dos Reis (entre 1822 e 1917), imprescindíveis para a reconstrução de sua biografia –, não apenas as suas obras literárias tomadas como fontes, mas sobretudo, as fontes da história de sua memória, produzidas nos 45 anos transcorridos desde o seu renascimento mnemônico com o trabalho de Nascimento Morais Filho, em 1975, até o ano de 2020.

Perceber como se dá sua transmutação de uma figura do esquecimento, para uma imagem-lembrança poderosa; autora lembrada, exaltada, festejada, publicada e lida, evocada e perscrutada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, mostra-se válido para a compreensão da atuação dos mecanismos da memória no campo da literatura e do político. Não raro a memória, como um fenômeno histórico, tem sido manejada de forma inadvertida – ou mesmo premeditada – de maneira a fornecer contornos específicos a determinadas personagens do passado, possibilitando que este atenda às necessidades do presente. Tais usos do passado têm sido questionados, sobretudo, quando os sujeitos lembrados fazem parte de um grupo social privilegiado a representarem a história do vencedor, cujo mecanismo a história crítica pretende desnudar. Não é este o caso de Maria Firmina dos Reis, entretanto. Relembrar a autora é ação mais ligada à irrupção da memória dos vencidos, do que dos vencedores, de uma história vista de baixo, ou para utilizar uma expressão cara aos leitores de Gramsci, uma ação contra hegemônica. Mas uma história verdadeiramente crítica (que inclui a autocrítica), também deve questionar e procurar compreender melhor quais são as demandas do presente da rememoração que motivam os pesquisadores a estudar Maria Firmina sob determinadas chaves de leitura, constituindo uma urgência nas formas de lembrá-la e de reabilitar sua obra.

Ora, é claro que toda observação do passado parte de uma demanda do presente, já que a memória “sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.”³⁴ No entanto, associada constituinte das manipulações sofridas pela memória está a ideia de dever de memória que, como proposto por Paul Ricoeur, não

³⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 4.

raro se traduz em um dever de justiça às figuras esquecidas do passado, implicando que “dizer ‘você se lembrará’, também significa dizer ‘você não esquecerá.’”³⁵ Neste sentido, questionamos: por que (não) nos lembrarmos hoje de Maria Firmina dos Reis? Do mesmo modo também é importante perguntar: por que antes ela teria sido esquecida? Seria também aquele esquecimento gerido politicamente? E hoje, o que significa evocar a obra de uma escritora que escreveu no século XIX, destacando suas características de mulher, negra, nordestina e pobre?

Assim, nosso objetivo principal de pesquisa é perceber como, por que e para que as imagens e o furor de memória sobre Maria Firmina dos Reis são mobilizados. Para tal, lançaremos mão de um olhar direcionado do presente para o passado, guiados pelas sugestões de importantes teorias que tratam da memória. Ao ler os estudos que versam sobre a maranhense e sua obra – nossas fontes do lembrar – queremos vislumbrar como os seus pesquisadores leram, evocaram e reconstruíram voluntária ou involuntariamente, em seus textos, a memória sobre Maria Firmina dos Reis.

Para alcançar este objetivo central, identificamos quem são aqueles autores de teses e dissertações que se lembram de Maria Firmina dos Reis, o que nos levou a outras questões relacionadas. Por exemplo, por que os estudos realizados por pesquisadores da área de História se encontram em quantidade inferior aos de Letras³⁶ (Figura 3)? Ou ainda, por que teriam os historiadores chegado tão tarde às discussões sobre Maria Firmina dos Reis? Enquanto o primeiro estudo acadêmico sobre a autora nas Ciências Sociais foi concluído em 1987 e na área de Letras no ano de 2001³⁷, os três primeiros trabalhos realizados no campo da História são apenas de 2013³⁸.

³⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 100.

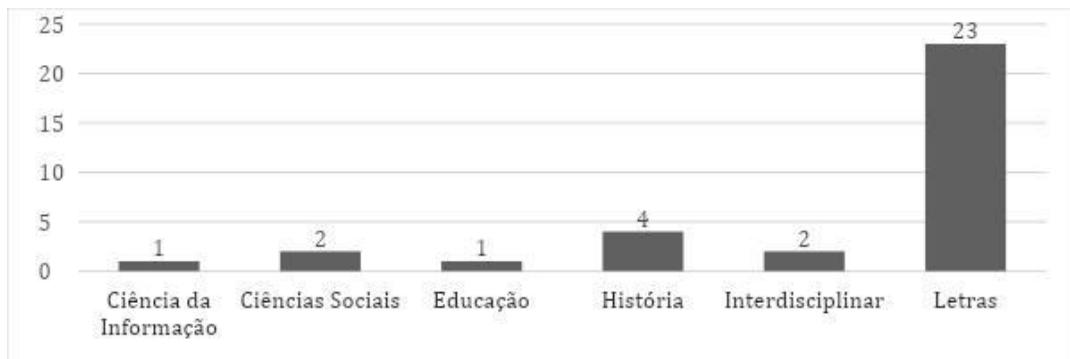
³⁶ Para os fins desta pesquisa, agrupamos sob o rótulo de Letras todas as pesquisas produzidas em programas relacionados a este campo, tais como Teoria e Crítica Literária, Linguagem e Literatura.

³⁷ OLIVEIRA, Cristiane Maria Costa. *A escritura-vanguarda de Maria Firmina dos Reis: inscrição de uma diferença na literatura do século XIX*. 2001. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

³⁸ CORREIA, Janaína dos Santos. *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão da segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Figura 3: Pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis por área



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

A retomada de Maria Firmina dos Reis, no século XXI, possui múltiplas explicações. Uma das hipóteses que nos guiaram ao longo da pesquisa foi o fato de que a retomada de Maria Firmina tivesse se iniciado concomitantemente com a renovação na historiografia brasileira que buscava a valorização do sujeito enquanto objeto, motivada em grande parte pelos esforços da chamada história vista de baixo, resultando em uma prática historiográfica onde sujeitos antes ignorados no fazer histórico, “reclamaram seu lugar na história do país.”³⁹ Sendo Maria Firmina mulher, negra, pobre e ignorada pela historiografia literária, ela carregaria características que despertaram o interesse dos estudiosos adeptos a esse novo olhar. No entanto, a testagem de tal hipótese nos levou de volta à questão: se esta discussão está no âmago das reflexões sobre a história, por que teriam os historiadores demorado tanto a se interessar pela autora?

Este atraso nos estudos da História sobre Maria Firmina dos Reis, em relação a outras áreas, parece estar vinculado com as recorrentes mudanças dos paradigmas historiográficos. Desde a delimitação do que merece ser investigado até o entendimento do que se configura em fonte legítima para o historiador, o campo da História passou – e ainda passa – por diversas mudanças.

Mesmo sem retornarmos a Tucídides e aos primórdios de algo que possa ser conhecido por fazer historiográfico, uma observação de como os historiadores trabalharam do século XIX ao XXI já nos mostra um vislumbre de como as regras de seu trabalho se modificam com o tempo. Ainda que Camilotti e Naxara nos chamem a atenção para o papel de Jules Michelet no entendimento de que “o próprio *fazer história*, e aquilo que comportava ou podia comportar de *literário*, não se encontrava ao longo do século XIX *apaziguado* ou

³⁹ SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 75-95, 2000, p. 78.

resolvido”⁴⁰, a percepção mais generalizada do ofício do historiador durante o XIX era a de que seu trabalho deveria estar sustentado na científicidade positivista que era voga naquele momento. Assim, a história se ocupava da esfera política, de grandes fatos e de pessoas importantes, apoiando-se nos documentos oficiais que as registravam.

No início do século XX, nota-se um deslocamento deste interesse estritamente político para o social, “estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos ‘Annales’, por outro.”⁴¹ No que se refere ao interesse dos historiadores pelas obras literárias enquanto fonte, a mudança de foco dos campos econômico e político para o cultural é o mais significativo. Com os historiadores dos Annales este desvio se configurou pelo interesse naquilo que foi inicialmente chamado de história das mentalidades e do imaginário. É neste momento de interesse pelo social e seu *imaginário*, que a literatura passa a ser considerada mais fortemente aos historiadores enquanto “produção do imaginário”, “documento privilegiado”⁴², fonte, uma vez que “História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço.”⁴³

Se esse interesse pela literatura não é tão recente, por que então os historiadores brasileiros chegaram tão tarde - em relação aos pesquisadores das áreas de Letras - nos estudos a respeito de Maria Firmina dos Reis? Ainda que a noção de fonte e o campo de interesse dos historiadores tenham sido alargados, a utilização de obras literárias como fonte para a historiografia requer aproximações conceituais diversas, que podem ter levado a este quadro onde “a maioria dos historiadores da cultura tem demonstrado alguma relutância em utilizar a teoria da literatura de qualquer forma direta.”⁴⁴

Tratar de imaginário - e de literatura - implica trabalhar com o conceito de representação, que é por si mesmo um conceito complexo e permeado por debates. Seria a representação, como entende a vertente francesa, uma presentificação do ausente?⁴⁵ Ou estaria a representação melhor definida através dos paradigmas pós-modernos, que a consideram menos importante que o processo de sua construção em si?⁴⁶ Estas duas possíveis definições

⁴⁰ CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, [s. l.], v. 50, n. 1, p. 15–49, 2009, p. 20. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15670>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

⁴¹ HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 2.

⁴² Expressões de LE GOFF, Jacques, *O imaginário medieval*. Lisboa: Edições 70, 1980. p.12.

⁴³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Mundos novos*, [s. l.], 2006, p. 20. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

⁴⁴ HUNT, Lynn. op.cit., p. 19.

⁴⁵ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 5, n. 11, p. 173–191, 1991.

⁴⁶ ARKENSMIT, Franklin R. Representação e referência. In: *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

sobre o conceito de representação estão situadas em um âmbito que permeia diretamente o trabalho com as fontes literárias. Ao entender que ambas, Literatura e História, abordam possibilidades de realidade, o espaço para o debate sobre o que é real se abre e as fronteiras entre estas disciplinas passam a ser consideradas inexistentes por alguns estudiosos. Estes debates sucederam o *linguistic turn*, movimentação ocorrida em meados de 1980 que procurou levantar questionamentos até hoje indigestos para muitos historiadores. Tratam, entre outros, da admissão do texto histórico como artefato literário, construído por “ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências.”⁴⁷

Para nós, isto implica dizer que as construções históricas concebidas no meio acadêmico sobre Maria Firmina dos Reis são fruto tanto de descoberta quanto de criação. Não há, nestes processos de escrita histórica (sejam eles empreendidos por acadêmicos do campo da história ou das letras) uma replicação do passado exatamente como teria acontecido. As lacunas que nos impõem o tempo e as fontes não permitem. É no preenchimento destas lacunas que se dá o trabalho criador do pesquisador⁴⁸ e que, em alguns momentos, se manifesta o dever de memória.

Como recurso teórico para atingir o objetivo principal desta pesquisa - analisar a instituição/evocação da memória de Maria Firmina dos Reis por seus estudiosos no século XX e XXI - apropriamo-nos das teorias da memória que a compreendam também em seu aspecto emocional e político, atentando para a necessidade de lembrar o passado não para acumular conhecimento sobre este, mas atendendo a “uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir [...] instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente.”⁴⁹ Se considerarmos também o caráter projetivo e político da memória, é possível percebê-la como uma aposta para o futuro. Tais características gerais da memória, como fenômeno histórico, por sua vez, nos levaram a formular outras questões: qual é a aposta feita por aqueles que evocam a lembrança de Firmina e lutam para fixá-la no presente?

É importante manter em mente que toda memória, toda evocação da lembrança, parte de demandas do presente. Em nosso caso, falamos de um presente no qual as chagas da escravidão ainda não foram curadas ou reparadas, onde a desigualdade racial ainda é uma

⁴⁷ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: USP, 1994, p. 98.

⁴⁸ É importante ressaltar que nosso entendimento de ficção e criação não está relacionado com a noção de mentira ou falsidade. Entendemos que a ficção na história se baseia em possibilidades do real amparada nas fontes.

⁴⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 103.

realidade e na qual os movimentos que buscam mitigar estas diferenças têm ainda muitas lutas em seu caminho. É no seio destas lutas que a memória surge como estratégia de ação contra o esquecimento de certos debates, como os do feminismo e do racismo, e de figuras com potencial para representá-los – ou melhor, para fazê-los emergir/irromper. Ao se propor a recuperar a memória de determinados sujeitos individuais, como Maria Firmina dos Reis, para ilustrar ou fortalecer determinadas lutas, o papel político da memória, muitas vezes ignorado ou subestimado, é posto em evidência. Por sua vez, a apropriação da memória para fins políticos – em seus mais diferentes espectros, justificáveis ou não – termina por gerar um frenesi de memória⁵⁰ que tem o efeito contrário àquele proposto por Gangnebin, de produzir instrumentos para conhecer o presente.

Ao tratar das formas pelas quais a história se apropria da memória como ferramenta de análise, a situação se revela ainda mais problemática. Pretendemos nos afastar da tendência geral dos historiadores que, não raro, tem sido de historicizar e instrumentalizar a memória, relegando-a ao *status* de fonte e trabalhando como se fosse possível resgatá-la em sua integralidade. Nesta pesquisa, buscaremos superar tanto o voto que a memória impõe à análise crítica do historiador⁵¹ quanto esta postura instrumentalista, que despe a memória de suas particularidades temporais e concebe-a como uma linha temporal esticada, onde seria possível acessar qualquer lembrança em qualquer tempo de forma intencional.

Procuramos nos aproximar da compreensão de que a memória “não é estática, nem seu volume e conteúdo são fixos”⁵² e pensá-la como uma espiral em constante movimento, imagem que a retrata melhor. Vamos, assim, interrogar a espiral das memórias referentes a Maria Firmina dos Reis. Espiral essa onde as imagens-lembrança podem ser acessadas em suas múltiplas temporalidades e facetas, mas conectada aos diversos presentes dos quais tem sido evocada (século XIX, anos 1960-70, anos 2000), num movimento que não obedece à cronologia e às periodizações tão caras aos historiadores. Ainda que a história precise obedecer a uma ordem cronológica mais rígida em seus trabalhos, a memória não se curva a esta demanda e tem sua própria linguagem. Ao tentar evocar o passado, dificilmente as memórias se estenderão em nossa mente como imagens enfileiradas umas atrás das outras, obedecendo à ordem da data em que ocorreram.

⁵⁰ SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 43.

⁵¹ GUAZZELLI, Dante Guimaraens. O dever de memória e o historiador: uma análise de dois casos brasileiros. *Mosaico*, [s. l.], v. 2, n. 4, 2010, p. 55.

⁵² SEIXAS, Jacy Alves. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História*. São Paulo: Ed.PUC/SP, jun 2002, p. 45.

Assim, já que “toda lembrança se transforma à medida que se atualiza”⁵³, torna-se impossível “resgatar memórias” tal qual pretendeu Joana Maria Job (2011) ao se propor a efetuar “o resgate desta autora esquecida pela historiografia literária brasileira”⁵⁴. O termo resgate, a propósito, sugere que aquilo que apreendemos do passado estaria completo ou mesmo intacto, à espera de nossa intervenção ou apreciação no presente. Certamente os expedientes da memória não são tão simples e mecânicos. Aquilo de que lembramos nem sempre pode ser recuperado em suas diversas facetas; nós podemos apenas percorrer os vestígios da memória em busca de vislumbrar o passado, mas dificilmente seremos capazes de capturá-lo integralmente. Assim, a Maria Firmina dos Reis que os pesquisadores se empenham em retratar não é a mesma que seus filhos de criação conheceram e rememoraram, ou aquela com quem seus alunos aprenderam.

Estas questões transformam a memória em um elemento dotado de linguagem e procedimentos próprios, “nem sempre redutíveis aos métodos historiográficos”⁵⁵. O historiador termina assim, frequente e involuntariamente colocando-se também a serviço da memória, ao invés de domá-la ou recuperá-la do passado, segundo seus objetivos explícitos. Ao evidenciar um aspecto ou acontecimento em detrimento de outro, um estudo trabalha menos como crítico do que como servo da memória e do esquecimento.

É neste meio-termo configurado pelas disputas entre a memória e o esquecimento que Gagnebin retoma Benjamin e Nietzsche para apresentar o paradoxo no qual o trabalho do historiador muitas vezes se encontra, dividido entre “não esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes”⁵⁶, conforme urgiu Benjamin; mas também de “não cair na ilusão narcísica de que a atividade intelectual e acadêmica possa encontrar sua justificação definitiva nesse trabalho de acumulação”⁵⁷, como criticou o filósofo prussiano.

O dever de memória se torna uma questão que “excede assim os limites de uma simples fenomenologia da memória. Ela excede até os recursos de inteligibilidade de uma epistemologia do conhecimento histórico.”⁵⁸ Acaba então, se convertendo em uma “problemática moral”, segundo a compreensão de Paul Ricoeur⁵⁹

⁵³ SEIXAS, Jacy Alves. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História*. São Paulo: Ed.PUC/SP, jun 2002, p. 45.

⁵⁴ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 27.

⁵⁵ SEIXAS, Jacy Alves. op. cit., p. 44.

⁵⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 11.

⁵⁷ Ibid., p. 11-12.

⁵⁸ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 104.

⁵⁹ Ibid., p. 104.

Atado a este paradoxo se localiza também essa pesquisa: não buscamos ignorar ou sequer minorar a relevância da vida e da obra de Maria Firmina dos Reis tão enfatizada nos trabalhos que retomam e celebram sua memória, desnudando o passado escravocrata, patriarcal e suas consequências; mas atentamos para o processo de evocação de memórias, que também é um processo histórico que merece reflexão - um frenesi de memória - quando se trata de trazer para o presente figuras com potencial de representatividade, como é o caso de Maria Firmina dos Reis. Tendo em vista as palavras de Ricoeur, ao evocarmos a lembrança de Maria Firmina dos Reis como figura exemplar, estamos dispostos a “pagar a dívida, diremos, mas também submeter a herança a inventário.”⁶⁰

Para compreender como se dão os estudos a respeito de Maria Firmina dos Reis, enquanto uma imagem-lembrança, valeremo-nos de uma análise quantitativa destas pesquisas que, sendo importantes referências bibliográficas sobre a autora e sua obra, serão consideradas também como fontes da memória e do esquecimento, porque também são [re]produtoras de imagens-lembrança de Maria Firmina dos Reis. Objetivando perceber como esta memória se institui e se expressa nas pesquisas sobre a autora, escolhemos entre o total de 33 pesquisas que a abordam de forma direta ou transversal, os 29 estudos disponíveis para consulta integral.⁶¹ Estes estudos foram analisados seguindo três questionamentos principais: quem se lembrou de Maria Firmina dos Reis no meio acadêmico, por que escolheram a maranhense para seus trabalhos e como reconstruíram a memória da maranhense. Assim, foram analisados os temas de cada pesquisa, suas justificativas acadêmicas e motivações pessoais, sociais e políticas, frequentemente expostas nos textos. Esta investigação foi feita manualmente, sem auxílio de *softwares* para pesquisa qualitativa, baseando-se na utilização e repetição de determinadas palavras-chave, mencionadas no decorrer desta pesquisa.

⁶⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 104

⁶¹ Do total de 33 resultados pesquisados, 5 pesquisas são anteriores à Plataforma Sucupira ou não possuem acesso autorizado. Desta forma, não estão indisponíveis para acesso digital os seguintes trabalhos: OLIVEIRA, Cristiane Maria Costa. *A escritura-vanguarda de Maria Firmina dos Reis: inscrição de uma diferença na literatura do século XIX*. 2001. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001; CUNHA, Maria de Lourdes da Conceição. *Os Destinos Trágicos da Figura Feminina no Romantismo Brasileira*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004; BATIGNIANI, Rosangeli de Fátima. *Caminhos entrecruzados: história, escravidão e literatura em “Úrsula” (1859) e “As vítimas algozes: quadros da escravidão” (1869)*. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2016; SILVA, Joseylza Lima. *A narrativa de Maria Firmina dos Reis e a perspectiva hermenêutica para a prática dos estudos literários*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018.

Tabela 1: Pesquisas analisadas (por ano de publicação)

	Autor (a)	Orientador(a)	Título	Ano	Área	Status / acesso	Cidade
1	Norma Telles	Edgard de Assis Carvalho	<i>Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX.</i>	1987	Ciências Sociais	Livro ⁶²	São Paulo
2	Algemira Macêdo Mendes	Regina Zilberman	<i>Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX.</i>	2006	Letras	CTDC	Porto Alegre
3	Adriana Barbosa de Oliveira	Constâncio Lima Duarte	Gênero e etnicidade no romance <i>Úrsula</i> , de Maria Firmina dos Reis.	2007	Letras	CTDC	Belo Horizonte
4	Paraguassu de Fátima Rocha	José Endoença Martins	<i>A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances <i>Úrsula</i> de Maria Firmina dos Reis e <i>Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo</i>.</i>	2008	Letras	CTDC	Curitiba
5	Juliano Carrupt do Nascimento	Alcmeno Bastos	<i>O romance <i>Úrsula</i>, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro</i>	2009	Letras	CTDC	Rio de Janeiro
6	Sandra Maria Job	Simone Pereira Schmidt	<i>Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras.</i>	2011	Letras	CTDC	Florianópolis
7	Janaína dos Santos Correia	Márcia Elisa Teté Ramos	<i>O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil</i>	2013	História	CTDC	Londrina
8	Melissa Rosa Teixeira Mendes	César Augusto Castro	Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance <i>Úrsula</i> , de Maria Firmina dos Reis.	2013	História	CTDC	São Luís
9	Régia Agostinho da Silva	Horácio Gutierrez	<i>A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão da segunda metade do século XIX.</i>	2013	História	CTDC	São Paulo
10	Virgínia Silva de Carvalho	Elio Ferreira de Souza	<i>A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance <i>Úrsula</i>, de Maria Firmina dos Reis.</i>	2013	Letras	CTDC	Teresina
11	Vanessa Figueiredo de Souza Alcântara	Idemburgo Pereira Frazão Félix	<i>Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas.</i>	2014	Letras	CTDC	Duque de Caxias

⁶² Ainda que a tese de Norma Telles também seja anterior à Plataforma Sucupira, e não esteja disponível para consulta online, a mesma foi publicada em formato de livro. Assim, pôde ser incluída nesta pesquisa.

	Autor (a)	Orientador(a)	Título	Ano	Área	Status / acesso	Cidade
12	Katiana Souza Santos	Sandra Maria Sousa Nascimento	<i>Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance Úrsula.</i>	2015	Cultura e Sociedad e	CTDC	São Luís
13	Ana Carla Carneiro Rio	Antônio Fernandes Júnior	<i>Autoria, devir e interdição: os "entre-lugares" do sujeito no romance Úrsula</i>	2015	Letras	CTDC	Catalão
14	Rafael Balseiro Zin	Miguel Wady Chaia	<i>Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista.</i>	2016	Ciências Sociais	CTDC	São Paulo
15	Carla Sampaio dos Santos	Maria do Carmo Martins	<i>A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX.</i>	2016	Educação	CTDC	Campinas
16	Luciana Martins Diogo	Ana Paula Cavalcanti Simioni	<i>Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis.</i>	2016	Filosofia	CTDC	São Paulo
17	Bárbara Loureiro Andreta	Anselmo Peres Alós	<i>Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula.</i>	2016	Letras	CTDC	Santa Maria
18	Thayara Rodrigues Pinheiro	Nadilza Martins de Barros Moreira	<i>Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, "Uma Maranhense".</i>	2016	Letras	CTDC	João Pessoa
19	Francisca Pereira da Silva Meneses	Rafael Eisinger Guimarães	<i>As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães.</i>	2017	Letras	CTDC	Santa Cruz do Sul
20	Geraldo Ferreira da Silva	Ivana Ferrante Rebello	<i>Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos.</i>	2017	Letras	CTDC	Montes Claros
21	Rodrigo Gouvêa Rodrigues	Maria da Luz Santos Ramos	<i>Romance de autoria feminina: "o ser mulher" em Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes.</i>	2018	Letras	BDTD	Goiânia
22	Sidinea Almeida Pedreira Vrbata	Adeílton Manoel Pinho	<i>Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil.</i>	2018	Letras	BDTD	Feira de Santana
23	Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho	Alcione Corrêa Alves	<i>Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis.</i>	2018	Letras	CTDC	Teresina
24	Karina de Almeida Calado	Maria Nazareth Soares Fonseca	<i>Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da Memória</i>	2019	Letras	CTDC	Belo Horizonte
25	Renata Carmo Alves	Alexandre Montuary Batista Coutinho	<i>As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco.</i>	2019	Letras	BDTD	Rio de Janeiro

	Autor (a)	Orientador(a)	Título	Ano	Área	Status / acesso	Cidade
26	Fernanda Rodrigues de Miranda	Mário César Lugarinho	<i>Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada.</i>	2019	Letras	BDTD	São Paulo
27	Jessica Frizon Neres	Maurício Cesar Menon	A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento".	2019	Letras	BDTD	Pato Branco
28	Vanessa Jamile Santana dos Reis	José Carlos Sales dos Santos	<i>A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social.</i>	2019	Ciências da Informação	BDTD	Salvador
29	Michelly Cristina Alves Lopes	Adelia Miglievich Ribeiro	<i>Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo</i>	2019	Letras	BDTD	Vitória

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Esta pesquisa está dividida, assim, em três eixos norteadores que tentarão responder quem, por que e como Maria Firmina dos Reis tem sido lembrada. No primeiro capítulo, elencamos as pesquisas e seus autores, discutindo as propostas gerais das pesquisas que tratam da autora, procurando compreender o conjunto desta produção tomada como fonte.

No segundo capítulo analisamos as motivações e justificativas apresentadas pelos autores dos trabalhos em sua busca pela figura de Maria Firmina dos Reis, delimitando especialmente os objetivos e motivações compartilhados por estas pesquisas

Já no terceiro capítulo, tratamos de responder ao nosso questionamento maior: como Maria Firmina dos Reis tem sido lembrada? (Re)construímos, desde as imagens identificadas nos trabalhos analisados, até a nossa própria, as imagens da lembrança e do esquecimento sobre Maria Firmina dos Reis que irrompem nessa produção acadêmica. Buscaremos detalhar quais imagens da memória de Firmina são valorizadas e lembradas, e quais são esquecidas, minimizadas ou subsumidas. Assim, analisamos as formas pelas quais a figura da maranhense é transfigurada do século XIX para o XXI, de uma figura do esquecimento - esquecida do mundo - para uma imagem-lembrança metamorfoseada, tão ou mais proeminente na contemporaneidade que sua conterrânea Ana Jansen e com uma missão clara de enunciar importantes questões políticas contemporâneas: vinculada às questões identitárias – de gênero e étnica - e os temas da escravidão e do racismo.

Enfim, esta não é uma pesquisa sobre a vida e a obra da maranhense Maria Firmina dos Reis, mas sim um estudo que lançará um olhar crítico sobre as pesquisas acadêmicas produzidas tendo a escritora como objeto, de forma a perceber como estas

constroem e operam a memória de Maria Firmina dos Reis.

1 QUEM TEM SE INTERESSADO PELO ESTUDO DE MARIA FIRMINA DOS REIS?

Para iniciar a análise da construção da memória de Maria Firmina dos Reis no meio acadêmico, torna-se importante saber quem são os pesquisadores que se debruçaram sobre sua vida e obra. Assim, apresentamos brevemente os primeiros estudos que trataram de Firmina e de seus textos. Em seguida, analisamos as pesquisas acadêmicas que são propriamente o objeto deste estudo, ressaltando quais pesquisadores e quais áreas de estudo evocaram a maranhense e as personagens por ela criadas como uma estratégia de reconstruir o passado escravocrata, o romantismo, a historiografia literária brasileira, bem como discutir as identidades por ela evocadas, dentre outros aspectos percebidos na escrita firminiana.

Fizemos esta análise adotando a ordem cronológica de publicação destas pesquisas, buscando apreender continuidades e rupturas em suas temáticas e problematizações. Para tal, examinaremos os títulos, resumos e introdução, uma vez que nestas partes do trabalho são expostas estas temáticas. Ressaltamos anteriormente que os movimentos da memória não obedecem às ordens cronológicas. Porém, este é um trabalho de história, que – neste momento – privilegiará o recorte cronológico.

1.1 Os arqueólogos da memória

Uma vez que “o fenômeno da memória é resistente à descrição mais direta e incide em processos metafóricos,”⁶³ a elaboração de alegorias nos permite analisar a formação da memória de Maria Firmina dos Reis no meio acadêmico respeitando sua fluidez. Em nossa pesquisa duas metáforas principais foram evocadas: a de arqueólogo, para se referir aos que primeiro estudaram Maria Firmina dos Reis, e a de escriba, em referência aos pesquisadores selecionados em nosso *corpus* documental. Não coincidentemente, estas são metáforas que derivam daquelas duas que Assmann elencou como principais para a descrição da memória: a da tabuleta e a da câmara. Estas são alegorias espaciais da memória cuja problemática maior reside na sugestão de “presença e acessibilidade duráveis, algo justamente problemático no que diz respeito às lembranças.”⁶⁴ Assim, ainda que carreguem estas problemáticas, estas metáforas - arqueólogo e escriba - nos são úteis pois se revelam nos trabalhos aqui analisados que tentam recuperar e moldar a memória de Maria Firmina dos Reis, muitas vezes

⁶³ ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp, 2011, p. 162.

⁶⁴ Ibid., p. 163.

desprezando a fluidez e efemeridade da memória. Foram escolhidas apesar e por isso. Enquanto seus arqueólogos partem de uma noção de que a “espessa cortina de silêncio”⁶⁵ que ocultou a maranhense do século XXI pode ser aberta para revelar sua vida, obra, intenções, anseios e paixões tais como ocorreram, seus escribas buscam fixar as imagens da memória que surgem (ou são criadas) tanto no tempo quanto em relação ao conteúdo.

A metáfora da arqueologia “introduz na teoria da memória a categoria de profundidade.”⁶⁶ A isto está atrelada uma noção de que as memórias estão sobrepostas, de forma acessível ou não, e soterradas, conservando-se a espera de resgate. A noção de escavar, então, este amontoado de memórias de forma a recuperá-las totalmente é debitária dos trabalhos de Freud e, enquanto é possível no âmbito clínico uma recuperação mais ou menos completa do passado, no âmbito histórico o mesmo não ocorre. Ao buscar, com suas pesquisas, escavar⁶⁷ o passado de Maria Firmina dos Reis, a recuperação de sua totalidade não pode ser criticamente almejada. O trabalho historiográfico encontra impedimentos na recuperação das memórias tanto por questões de ordem física, como fontes inacessíveis ou manipuladas, quanto de ordem mais abstrata, como a confiabilidade de relatos orais.

Optamos por chamar os primeiros estudiosos de Maria Firmina dos Reis de arqueólogos tanto porque eles foram os que iniciaram a escavação de seu passado, como porque, como a metáfora sugere, trabalharam com a esperança de recuperar e resgatar Maria Firmina dos Reis das camadas de esquecimento que a soterraram. Assim, antes que a maranhense ganhasse as páginas de dissertações e teses universitárias e para além da curta referência de Sacramento Blake em seu *Diccionario bibliographico brazileiro*, parece ter sido realmente Horácio de Almeida o primeiro a se interessar por um estudo sistemático, ainda que não acadêmico, sobre a autora. Almeida foi um intelectual e advogado paraibano, membro fundador da Academia Paraibana de Letras. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1946, onde encontrou uma edição original de *Úrsula* em um sebo e empreendeu pesquisa para descobrir quem era *Uma Maranhense*.

O segundo a estudar a autora foi Nascimento Moraes Filho. Considerado o primeiro biógrafo da autora⁶⁸, ligado ao meio literário, uma vez que seu pai era escritor.

⁶⁵ DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>. Acesso em: 21 jun. 2019.

⁶⁶ ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da UNICAMP, 2011, p. 175.

⁶⁷ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 16. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

⁶⁸ MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da*

Morais Filho foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e atuou também como poeta, considerado forte expoente do Modernismo no estado⁶⁹. Mas é especialmente por sua “função social [...] de homem engajado”⁷⁰ com a cultura e história maranhense que Morais Filho é lembrado. Foi nesta função que se dedicou a *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. Encarada como uma espécie de “lei da compensação”⁷¹, esta obra é um misto de transcrição de escritos da maranhense, artefatos recuperados principalmente em jornais do século XIX, e apreciações de Morais Filho sobre a autora e sua trajetória.

Descoberta ao acaso em 1973, enquanto procurava por hinos natalinos nas bibliotecas maranhenses, a maranhense logo se tornou objeto de pesquisa de Morais Filho. De posse dos diversos documentos encontrados e das entrevistas empreendidas com Leude Guimarães, filho de criação de Maria Firmina dos Reis, e Dona Nhazinha, a “fonte da memória”⁷², Morais Filho pôde publicar em 1975 um volume que reuniu *Cantos a Beira-mar*, *Gupeva*, *A escrava*, composições musicais, enigmas e o *Álbum* de Maria Firmina dos Reis, bem como uma síntese bibliográfica da autora e relatos sobre sua vida. Importante notar que o texto de teor biográfico ocupa parte reduzida do volume que, afora a reprodução dos textos da maranhense, se dedica a saldar esta dívida do esquecimento e compensar a autora através de discussão sobre sua “posição no panorama da cultura maranhense”⁷³ e da literatura brasileira em geral, além de cravar sua posição enquanto “primeira romancista da literatura brasileira.”⁷⁴

Tendo sido produzida pelo “descobridor e glorificador de Maria Firmina dos Reis”,⁷⁵ a apreciação de Nascimento Morais Filho carrega certas problemáticas que vão desde a desorganização da obra⁷⁶ até a mitologização⁷⁷ da maranhense promovida por seu biógrafo. Apesar de seu valor inestimável para os pesquisadores, na obra prescinde de juízo crítico⁷⁸,

⁶⁹primeira metade do século XIX a partir do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. 2013. 149 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013, p. 15.

⁷⁰GARRIDO, Natércia Moraes. *A poética modernista em Azulejos de Nascimento Morais Filho*. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

⁷¹Ibid., p. 9.

⁷²MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 1. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

⁷³Ibid., parte 6, p. 32.

⁷⁴Ibid., parte 1, p. 24.

⁷⁵Ibid., parte 6, p. 4.

⁷⁶Ibid., parte 6, p. 31.

⁷⁷CARVALHO, Jéssica C. Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p. 10.

⁷⁸SANTOS, Carla Sampaio dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 108.

⁷⁹NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no*

falta repetida por grande parte dos estudiosos que a consultaram, que pouco questionaram o caráter de verdade absoluta dado pelo biografista aos relatos orais e fontes que utiliza. Moraes Filho também é ávido em alçar e cravar Maria Firmina dos Reis em uma posição sacralizada, apresentada como “paradigma que devem suas conterrâneas tomar”⁷⁹ e imitar, elemento também não debatido pelas pesquisas que tratam da condição da mulher na obra e ótica firminiana. Importante ressaltar que a imagem de Maria Firmina dos Reis pintada por Nascimento Moraes Filho, e que deveria ser imitada, é a de uma mulher feminista, mas não a má feminista, e sim aquela que “reivindica para a mulher – meeira natural do homem – as responsabilidades da vida e na vida,”⁸⁰ uma visão que, atualmente, pode ser considerada misógina, mas que, ainda assim não foi discutida pelas pesquisas que abordam o tema da mulher e do feminismo na vida e obra firminianos. Isto nos mostra que, no movimento de escavar e descobrir vestígios para a composição de uma memória de Maria Firmina dos Reis, não apenas os achados documentais foram importantes, mas também os sentidos e valores que cada pesquisa privilegiou e elegeu como, mais do que não esquecer, a forma correta de se lembrar.

Além disso, a metáfora do arqueólogo serve muito bem para a pesquisa de Nascimento Moraes Filho, e para grande parte das posteriores, porque, além de presumir uma permanência de vestígios a se recuperar, uma escavação se preocupa apenas com os achados, não com as lacunas, com o esquecido. Esta escavação, que exuma os restos da memória de Maria Firmina dos Reis e busca tirar a maranhense do esquecimento, o faz inquirindo seu passado, mas, muitas vezes, se esquecendo de que aquilo que desenterra, que é retirado do mundo dos mortos e transportado para o dos vivos, não é o sujeito (ou o passado) completo, mas vestígios que podem ser ressignificados arbitrariamente, no afã de fazer renascer, em glória, a Maria Firmina dos Reis do século XIX no XXI. Eventualmente, como ocorre no campo da arqueologia, a liberdade acadêmica de pensar e inquirir o passado, é confundida com a de agir conforme bem se entende⁸¹ mediante os restos, biológicos e culturais do passado.

O fato é que a obra de Nascimento Moraes Filho é, ainda hoje, a principal

romantismo brasileiro. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 17.

⁷⁹ Ibid., parte 1, p. 11.

⁸⁰ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 11 - 12. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

⁸¹ LIMA, Tania Andrade. *Restos humanos e Arqueologia Histórica*: uma questão de ética. South Carolina Institute of Archaeology and Anthropology, 1994, p. 7. Disponível em: <<https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2017/08/tc3a2nia-andrade-de-lima.pdf>> Acesso em: 4 jan. 2021.

referência para grande parte das pesquisas em análise neste estudo: dos 29 estudos selecionados, 23 trazem a obra de Nascimento Morais Filho como fonte bibliográfica. Das informações por ele apresentadas, apenas a data de nascimento e a filiação da autora foram contestadas posteriormente, por pesquisa documental publicada por Dilercy Adler (2015).⁸²

Após a publicação da biografia de Morais Filho, em 1975, Maria Firmina dos Reis começa lentamente a aparecer em outros textos. A primeira pesquisadora a trazê-la efetivamente para a universidade parece ter sido Norma Telles, em sua tese, *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil – século XIX*, defendida em 1987, no departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.⁸³ No extenso e magistral trabalho de Telles são reunidas diversas mulheres que escreveram no século XIX e, dentre elas, figura o nome de Maria Firmina dos Reis, ainda que brevemente discutida. Ao analisar *Úrsula*, e as obras de outras autoras, Telles acaba por descobrir “um ‘continente esquecido’, um continente escuro e silencioso”⁸⁴ que se desvela em sua pesquisa. Relacionando o livro de Firmina com diversos outros textos e apoiando sua teoria em pensadoras como Sandra Gilbert e Susan Gubar, Telles aponta os elementos góticos do romance de Maria Firmina dos Reis, em cujo enredo a loucura é apontada como a fuga da opressão e onde “não há solução para a época a não ser a destruição de todos.”⁸⁵ Mas, segundo Telles, “o que mais distingue o livro [Úrsula] não é o exagero romântico [de suas descrições], ou as peripécias do enredo, mas sim o tratamento que a autora dá ao escravo.”⁸⁶

Esta afirmação somada à interpretação de que, apesar de ter sido também professora, é por “sua defesa do escravo”⁸⁷ que a maranhense deve ser lembrada, Telles criou uma imagem-lembrança de Maria Firmina dos Reis e de sua obra que, conforme percebemos no decorrer das análises aqui efetuadas, é mais repetida do que questionada: a da prioridade da atuação como escritora sobre a de professora e a ideia de que o conteúdo político da fala firminiana ultrapassa em importância qualquer análise formal, ou especificamente literária, de sua obra.

Assinalada nos agradecimentos do trabalho de Norma Telles está Maria Lúcia

⁸² ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018

⁸³ Esta pesquisa foi publicada como livro em 2012 e figura tanto neste capítulo quanto nas análises de teses e dissertações devido a sua importância em ambos campos.

⁸⁴ TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 64.

⁸⁵ Ibid., p. 171.

⁸⁶ TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, [s. l.], v. 0, n. 120, 1989, p. 77. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>>. Acesso em: 20 jul. 2020

⁸⁷ TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, [s. l.], v. 0, n. 120, 1989, p. 73. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Barros Mott, que parece ter sido a primeira historiadora a tratar de Maria Firmina dos Reis. Em seu livro *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão* (1988) a autora aborda o viés abolicionista da obra firminiana. Luiza Lobo também se empenhou em iluminar a figura de Firmina ao trazer dois capítulos sobre a maranhense em seu livro *Crítica sem juízo* (1993), que se propõe a trazer críticas literárias fora do cânone. Esta é, inclusive, a pesquisadora que primeiro se dedicou a analisar o *Álbum* de Maria Firmina. Suas reflexões acerca dos diários íntimos da maranhense também ecoam nas pesquisas acadêmicas: das 29 pesquisas selecionadas, 15 delas tratam do *Álbum*. Destas 15, seis apenas mencionam a existência do diário pessoal da maranhense, enquanto nove fazem análises de seu conteúdo, em maior ou menor grau que geralmente estão baseadas no texto de Luíza Lobo.

Publicado pela Editora Mulheres⁸⁸, sediada em Florianópolis até seu fechamento em 2015, e cujo papel na retomada do nome de Maria Firmina dos Reis é fundamental, o dicionário *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. (V.1, 1999; V. 2, 2004) foi organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, fundadora da editora e membro da banca de defesa de uma das pesquisas aqui analisadas⁸⁹, e traz um verbete sobre Maria Firmina, contribuição decisiva para a maior divulgação do nome de Firmina. Em artigo posterior ao verbete⁹⁰, Muzart retoma as pesquisas de Morais Filho, acrescentando suas próprias reflexões sobre o pioneirismo na escrita de Maria Firmina dos Reis. Este texto torna-se uma das referências basilares para as teses e dissertações que aqui analisamos: das 29 pesquisas, 15 citam diretamente o trabalho de Muzart.

Ainda em 2004, Norma Telles escreveu mais uma vez sobre Maria Firmina dos Reis em “*Escritoras, escritas, escrituras*”, texto publicado no volume *História das Mulheres no Brasil*, organizado pela historiadora Mary Del Priori, que trata brevemente de *Úrsula* e é citado em 13 das 29 pesquisas que analisamos.

Além destes, os trabalhos de Constância Lima Duarte e Eduardo de Assis Duarte, ambos ligados ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, são de grande importância para os estudos firminianos. Em 2004, Eduardo Assis Duarte foi o responsável pelo posfácio da 4^a edição de *Úrsula*, publicada pela Editora Mulheres. O texto

⁸⁸ Esta editora teve papel importantíssimo na divulgação não só de Maria Firmina dos Reis, mas de outras escritoras brasileiras antes ignoradas na historiografia literária, “cuja finalidade seria realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar os livros das escritoras do passado.” MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da Editora Mulheres. Revista Estudos Feministas, [s. l.], v. 12, 2004, p. 103. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300011/9506>>.

⁸⁹ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

⁹⁰ MUZART, Zahidé L. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Muitas Vozes*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 247–260, 2013, p. 247.

por ele produzido, *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira* celebra *Úrsula* como o primeiro romance da literatura afro-brasileira, por ele definida como “produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro.”⁹¹ Duarte é, ainda hoje, um dos mais engajados estudiosos de Maria Firmina dos Reis, tendo organizado em 2014, uma coletânea de estudos em quatro volumes, *Literatura Afro-Brasileira, antologia crítica*, em cujo volume I traz um verbete sobre Maria Firmina dos Reis. Esta coletânea e diversos outros artigos publicados por Duarte buscam firmar o conceito de literatura afro-brasileira e trazer para a historiografia literária escritores negros até então esquecidos, como foi o caso de Maria Firmina. Muitos destes textos estão na forma de prefácios e posfácios das edições de *Úrsula* produzidas pela Editora Mulheres, Editora PucMinas e no portal *Literafro*, revista sediada no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.⁹² Duarte também participou de pelo menos duas bancas de defesa de pesquisas do nosso *corpus* documental.⁹³

Da mesma forma, Constância Lima Duarte tem sido ativa nos estudos que tratam da maranhense. Além de orientar um dos trabalhos sobre a autora, que integra o *corpus* documental desta pesquisa⁹⁴, foi organizadora do livro *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora* (2018) que reúne textos que abordam diversos temas que permeiam a obra da maranhense, tais como a desconstrução da razão negra ocidental, a perspectiva autoral negra, o discurso religioso em sua obra e a maternidade. Dos 20 textos reunidos neste volume, 8 são contribuições de autores das teses e dissertações que analisaremos nesta pesquisa.

Um dos textos deste livro, no entanto, foi produzido fora do eixo acadêmico. Trata-se dos resultados da pesquisa publicada por Dilercy Adler em 2015, responsável por trazer à tona os *Autos de Justificação da data de nascimento de Maria Firmina dos Reis*, documento que marca a data de nascimento da autora em 11 de março de 1822 e não 11 de

⁹¹ DUARTE, Eduardo de Assis. *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>. Acesso em: 21 jun. 2019.

⁹² Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>

⁹³ ANDRETA, Bárbara Loureiro. *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016; CALADO, Karina de Almeida. *Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da Memória*. 2019. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

⁹⁴ OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

outubro de 1825 como se acreditava até então⁹⁵. Tal documento resulta de uma solicitação de Maria Firmina dos Reis por ocasião de sua aprovação em concurso público para Mestra Régia em 1847. Considerando o ano de 1825 como o ano de seu nascimento, a autora teria apenas 22 anos e não poderia assumir o cargo, reservado para maiores de 25 anos. Ela recorreu então à paróquia onde fora batizada para a emissão de um documento que afirmasse/reconhecesse ter nascido em 1822 e que ela teria recebido o sacramento apenas em 1825. Tal demora no registro teria se dado por conta de uma doença não especificada no texto.⁹⁶

Neste artigo também é possível reunir algumas informações sobre os pais de Firmina. Adler nos informa que nos registros pesquisados por ela, consta que o pai de Maria Firmina, João Pedro Esteves, era negro. Já a mãe, que “em alguns trabalhos aparece como branca e de origem portuguesa”⁹⁷, na Certidão de Batismo de Maria Firmina dos Reis, documento anexo à solicitação para a mudança da data de nascimento, é caracterizada como “molata forra”. Nascimento Morais Filho, na biografia publicada anteriormente à descoberta destes documentos, não tinha problematizado a origem racial de Maria Firmina dos Reis, limitando-se a discutir as diferenças de grafias do nome da mãe e do pai na Certidão de Óbito da maranhense e no verbete do dicionário de Sacramento Blake.⁹⁸

O que podemos perceber ao analisar as contribuições destes que primeiro *escavaram* a memória de Maria Firmina dos Reis é a descoberta e interpretação dos artefatos que levaram à criação de uma imagem-lembrança, iniciada por Norma Telles e atualizada pelos que a seguiram, de uma Maria Firmina ativista, engajada politicamente, e uma faceta do esquecimento de sua condição de educadora. Esta faceta foi poucas vezes observada pelos trabalhos acadêmicos sobre a autora, como percebemos nas análises apresentadas adiante.

1.2 Os escribas

A metáfora da escrita para abordar a memória evoca problemáticas similares à da arqueologia, uma vez que é “tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita.”⁹⁹ Sendo a memória algo tão fluido, a escrita enquanto metáfora implica em uma

⁹⁵ Ainda que não tenhamos acesso ao documento mencionado, optamos neste trabalho por adotar a data de nascimento de Maria Firmina dos Reis declarada nos referidos Autos de Justificação: 11 de março de 1822.

⁹⁶ ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: Uma maranhense. In: DUARTE, C. L. (Ed.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Porto Alegre: Malê, 2018, p. 82.

⁹⁷ Ibid., p. 83.

⁹⁸ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 3. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

⁹⁹ ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da

permanência inalterada da memória. Pensar tanto nos escritos de e sobre Maria Firmina dos Reis enquanto elementos estáticos e indubitáveis porque registrados impede a valorização desta fluidez da memória, além de incorrer em interpretações desenraizadas da realidade histórica da maranhense.

A escolha do escriba enquanto alegoria para se referir aos pesquisadores da maranhense advém não só das questões da escrita enquanto metáfora da memória, mas das particularidades da atividade de escriba. Historicamente esta foi uma função de privilégio,¹⁰⁰ cuja tarefa esteve mais ligada à reprodução dos hábitos e tradições do que de interpretação e inovação. De forma similar a pesquisa acadêmica se desenvolve: ser pesquisador ainda é uma posição de privilégio que nem todos podem alcançar e a ela se dedicar, assim como se trata de uma atividade que, ainda que busque inovação em cada um de seus campos específicos, depende do apoio a tradições anteriores que nem sempre são revisitadas.

Dentre as 29 pesquisas a respeito de Maria Firmina dos Reis selecionadas para análise neste trabalho, 20 são provenientes da área de Letras. Destas, quatro são teses de doutorado e as outras 16 são dissertações de mestrado. Das nove pesquisas de outras áreas diversas, duas são teses de doutoramento e sete são dissertações. Além destes dados, observamos que destas 29 pesquisas, apenas quatro são de autoria masculina. As outras 25 foram realizadas por mulheres. Este perfil majoritariamente feminino na escrita de teses e dissertações sobre Maria Firmina dos Reis, pode ser, sozinho, um indício das motivações que levaram as pesquisas sobre a maranhense serem realizadas: as mulheres possivelmente estão mais interessadas em estudar e representar a si mesmas, e questões de gênero são caras aos estudos acadêmicos firminianos.

A maior parte destas pesquisas são advindas de universidades federais, sendo que a maioria – 13 – advêm da região sudeste do Brasil, onde há a concentração dos programas de pós-graduação. As restantes estão divididas da seguinte forma: 7 estão situadas na região Nordeste, 7 na região Sul e 2 no Centro-Oeste. É interessante notar que o fato de Maria Firmina ser nordestina e maranhense não tenha influência em uma quantidade maior de estudos produzidos em seu estado natal. Das 6 pesquisas produzidas em universidades nordestinas, apenas 2 vem do estado do Maranhão.

O trabalho de Norma Telles foi o primeiro dos de titulação acadêmica a tratar de Maria Firmina. Sua pesquisa, no entanto, não se restringiu à maranhense. Defendida em 1987,

Unicamp, 2011, p. 166.

¹⁰⁰ COELHO, Liliane Cristina. *Hieróglifos e aulas de História: uma análise da escrita egípcia antiga em livros paradidáticos*. Revista Mundo Antigo, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 188–205, 2012, p. 193.

na Pontifícia Universidade de São Paulo, no curso de Ciências Sociais, a tese *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX* “levanta questões e fornece indicações, ao mesmo tempo faz uma leitura mais detalhada da obra de algumas escritoras brasileiras do século XIX.”¹⁰¹ Esta pesquisa foi publicada em livro em 2012 e, conforme pontua Margareth Rago em seu prefácio, o trabalho de Norma Telles nos “dava a conhecer os inúmeros romances de autoria feminina produzidos no país, ao longo daquele século.”¹⁰² Com este trabalho, diversas escritoras brasileiras, como Júlia Lopes de Almeida, Narcisa Amália de Campos, Maria Firmina dos Reis e muitas outras, foram saindo do anonimato para serem conhecidas – se não pelo público geral – pelo meio acadêmico.

Com a exceção das dissertações de Cristina Maria Costa Oliveira¹⁰³, defendida em 2001, e de Maria de Lourdes da Conceição Cunha¹⁰⁴, defendida em 2004, ambas indisponíveis em meio online, os estudos acadêmicos sobre Maria Firmina dos Reis passam por um novo hiato de 19 anos, voltando a ser assunto de estudos apenas em 2006, quando Algemira Macedo Mendes defende sua tese *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. Defendida no curso de Letras da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul em 2006, a pesquisa mobiliza a noção de rastro de Michel de Certeau para vasculhar dicionários e compêndios literários em busca de registros dos nomes de Maria Firmina e Amélia Beviláqua. Dentre esporádicas passagens, a pesquisadora percebe uma ausência sobre estas autoras na historiografia literária brasileira e busca “contribuir com a crítica para oferecer suporte sobre a autora de modo a contribuir para a formação de novos cânones na história da literatura brasileira.” O termo “memórias”, utilizado no título de seu trabalho, possui duplo sentido: em seu texto Mendes explora as memórias / lembranças das personagens que analisa como uma forma de humanização das mesmas. Subscrito neste projeto está também o trabalho com a recuperação da memória destas escritoras na história da literatura brasileira. Assim como ocorre com muitos pesquisadores que a sucederam, o trabalho de Mendes sobre Maria Firmina dos Reis baseia-se nos estudos de José Nascimento Moraes Filho, reunidos na obra

¹⁰¹ TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 64.

¹⁰² RAGO, Margareth. Em defesa da escrita feminina. In: TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 14.

¹⁰³ OLIVEIRA, Cristiane Maria Costa. *A escritura-vanguarda de Maria Firmina dos Reis: inscrição de uma diferença na literatura do século XIX*. 2001. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

¹⁰⁴ CUNHA, Maria de Lourdes da Conceição. *Os Destinos Trágicos da Figura Feminina no Romantismo Brasileiro*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida e nos poemas publicados nos jornais *O Jardim das Maranhenses*, *A Imprensa* e *O domingo*.

Em 2007, Adriana Barbosa de Oliveira defende, na Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Constância Lima Duarte, responsável desde 2006 pelo grupo de pesquisa Mulheres em Letras na mesma universidade, a dissertação *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Gênero neste trabalho é entendido como uma construção social¹⁰⁵ e sua articulação com etnia se daria na defesa que Maria Firmina dos Reis faz das mulheres e dos negros em sua obra.¹⁰⁶ Esta abordagem da escrita firminiana como lugar de denúncia e defesa tanto das personagens negras quanto femininas já era percebida na pesquisa de Algemira Macêdo Mendes e é um recorte recorrente nas pesquisas sobre a maranhense, conforme perceberemos no decorrer das análises. Na pesquisa de Oliveira é possível perceber que a valorização da obra firminiana é feita pela mesma chave de leitura proposta por Telles: ou seja, destacando o caráter excepcional da autora¹⁰⁷ e o mérito que esta detém em efetuar denúncias contra o regime escravocrata¹⁰⁸.

Advinda do curso de Teoria Literária da Universidade Campos de Andrade, em Curitiba, Paraguassu de Fátima Rocha defendeu, em 2008, sua dissertação *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vivêncio de Conceição Evaristo*, um trabalho de literatura comparada que busca nas obras de Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis “discussões sobre o patriarcalismo, as relações identitárias e de gênero, sempre visando às personagens afrodescendentes.”¹⁰⁹ Orientada por José Endoença Martins, especializado em temas relacionados à questão negra, a pesquisadora mobiliza estes textos, inclusive *Úrsula*, sob o entendimento de que a literatura afro-brasileira encontra-se ainda em processo de construção e, assim, busca criar um espaço para a valorização do herói nas figuras das personagens Preta Suzana e Túlio. A marginalização destes heróis se daria pelo sentido radical da palavra: são “sujeitos de uma nação periférica que se edifica e se consolida na medida em que se desvincula do passado de sofrimento e se projeta para um futuro de reconhecimento.”¹¹⁰

¹⁰⁵OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 14.

¹⁰⁶Ibid., p. 19.

¹⁰⁷Ibid., p. 19.

¹⁰⁸Ibid., p. 19.

¹⁰⁹ROCHA, Paraguassu de Fátima. *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Campos de Andrade, Curitiba, 2008, p. 9.

¹¹⁰ROCHA, Paraguassu de Fátima. *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma*

Segundo a interpretação de Rocha, esta perspectiva se mostra “uma saída viável para lutar contra o racismo velado e perpetuado ao longo dos séculos na história política e social brasileira.”¹¹¹

Juliano Carrupt do Nascimento em *O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*, dissertação defendida em 2009 no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolve uma perspectiva já acenada desde Telles: o do papel político da obra de Maria Firmina na representação das mulheres e escravizados. É uma pesquisa que pretende priorizar a construção estética de *Úrsula*, ao invés de focar nos fatores extra literários e perder tempo com as “divagações, devaneios, notas elogiosas e ao mesmo tempo cheias de preconceitos”,¹¹² e com as disputas pela primazia de Firmina como pioneira da escrita feminina no Brasil. Assim, Nascimento percebe na análise textual do romance “uma construção irônica perspectivada nos valores culturais do Brasil colonial”¹¹³. Esta argumentação do pesquisador é construída pelo exame do prólogo de Maria Firmina à primeira edição de *Úrsula*, onde ela alega saber que seu livro será entendido como menor em relação aos dos homens letRADOS de seu tempo, bem como da construção das personagens femininas e escravizadas do livro. Trata-se também de uma pesquisa que não almeja promover a “panfletagem crítica da mulher ou do negro como personagens históricas ou literárias, nem a reivindicação de que Maria Firmina dos Reis tenha sido excluída das Histórias da Literatura Brasileira.”¹¹⁴

Este objetivo constitui, a nosso ver, um interessante exemplo de como a memória não obedece a comandos: ainda que não tenha se dedicado a discutir a exclusão de Maria Firmina dos Reis do cânone literário ou a existência em seus textos uma defesa das mulheres e negros, a pesquisa de Nascimento acaba por se revelar ela mesma um trabalho da memória, uma vez que, mesmo alegando objetivos indiferentes à “panfletagem” – a nosso ver termo relacionado tanto à defesa quanto à divulgação da autora – sua pesquisa é também uma contribuição para que a lembrança de Maria Firmina dos Reis se mantenha viva.

Valendo-se das perspectivas intersecionais entre gênero, raça e classe, Sandra Maria Job defendeu em 2011, no curso de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa

releitura dos romances *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e *Ponciá* Vicêncio de Conceição Evaristo. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Campos de Andrade, Curitiba, 2008, p. 4.

¹¹¹Ibid., p. 4.

¹¹²NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, 14

¹¹³Ibid., p. 7.

¹¹⁴Ibid., p. 9.

Catarina, sob a orientação de Simone Pereira Schmidt e com a presença de Zahidé Muzart em sua banca de defesa, a tese *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras*, com concepção e resultados que enfatizavam as representações das mulheres negras na escrita de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo. Em seu trabalho, Job tratou não só de *Úrsula*, mas também do conto *A escrava*, concluindo que “Maria Firmina antecipou o que viria a se tornar uma das bases do pensamento feminista, isto é, a experiência/prática como um caminho viável e frutífero para promover debates/teorias sobre o feminismo negro.”¹¹⁵ Trata-se de um trabalho que busca iluminar as representações de personagens femininas, especificamente das personagens negras. O papel político da escrita firminiana é ressaltado por Job ao reconhecê-la como “uma escritora à frente do seu tempo, utilizando-se das palavras, através da arte literária, para denunciar uma injustiça social.”¹¹⁶

A premissa de abordar como Maria Firmina tratou das mulheres de seu tempo não é exclusiva da área das Letras. Melissa Rosa Teixeira Mendes defendeu em 2013, no curso de História da Universidade Federal do Maranhão, a primeira pesquisa posterior à de Nascimento Moraes efetuada no estado de origem da autora. Intitulada *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*, esta pesquisa também está preocupada com os modelos representativos adotados por Maria Firmina para conceber as mulheres de seu tempo. Para analisar a coincidência – ou não – destes modelos com a realidade brasileira do XIX, a pesquisadora cruza o romance *Úrsula* com documentos e jornais dos oitocentos, concluindo que "Firmina (...) recebeu e incorporou muito da visão de mundo de sua época, mas por outro lado, recebeu e combateu alguns pontos que não concordava."¹¹⁷

Também advinda da área de História e analisando a obra firminiana através do conceito de representação, o trabalho de Régia Agostinho da Silva aprofunda-se na análise do contexto da época, trazendo para seu estudo a questão do escravizado e da mulher. Egressa do programa de História Econômica da Universidade de São Paulo e orientada por Horácio Gutierrez, diretor do Centro de Estudos da América Latina (CEDHAL), a tese defendida por Silva em 2013, *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão da segunda metade do século XIX* dá maior enfoque à dimensão econômica de seu objeto de estudo, analisando diversos anúncios de

¹¹⁵ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 70.

¹¹⁶ Ibid., p. 61.

¹¹⁷ MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013, p. 92.

compra e venda de escravizados no Maranhão do século XIX.

Além de *Úrsula*, Silva traz para seu estudo os dois contos de Firmina: *Gupeva* (1861), pela primeira vez analisada nas pesquisas selecionadas, e *A Escrava* (1887), o que lhe dá um escopo de análise mais robusto, tanto devido a estes textos terem temáticas diferentes de *Úrsula*¹¹⁸, quanto pelo fato de o tempo transcorrido entre o primeiro e o último indicar mudanças tanto no estilo e percepções da autora quanto no contexto social no qual ela esteve inserida. Esta pesquisa é, inclusive, a primeira a analisar criticamente a biografia produzida por Nascimento Moraes Filho, apontando que a “grande preocupação do autor é falar do pioneirismo da autora como a primeira mulher a publicar romance no Brasil.”¹¹⁹

Sua pesquisa dedica também um capítulo à temática que nos ocupa neste trabalho: os movimentos da memória e do esquecimento sobre a trajetória de Maria Firmina do Reis. A pesquisadora elabora uma periodização da história da memória baseada em quatro momentos: o tempo vivido pela maranhense (considerado ainda de 1825 a 1917), o hiato de esquecimento imposto até 1975, o *boom* de memória que se inicia nesse período e uma quarta temporalidade, marcada pela edição de 1988 de *Úrsula*, prefaciada por Charles Martin com o texto *Uma rara visão de liberdade*. Para Silva, é nesta quarta temporalidade, onde “Maria Firmina dos Reis é lida, como uma escritora antiescravista, ou abolicionista no dizer de Luiza Lobo”¹²⁰ que nos encontramos. Esta ideia coincide com a nossa própria, de uma imagem-lembança de uma Maria Firmina escritora e ativista que se atualiza e se sobrepõe às outras facetas desta maranhense.

Sua análise, no entanto, é centrada naqueles aspectos da memória que são comumente historicizados, tais como a memória coletiva, as comemorações e os lugares de memória. Assim, seu estudo aborda, principalmente, a biografia de Firmina produzida por Nascimento e as representações imagéticas de Maria Firmina dos Reis: o busto produzido em sua homenagem e o retrato que foi, por diversos anos, erroneamente divulgado como um sendo da maranhense. Silva destaca que há uma “luta de memórias”¹²¹ travadas em torno da definição da imagem de Firmina, que serão discutidas no terceiro capítulo desta pesquisa.

Por sua vez, a dissertação de Janaína dos Santos Correia, *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão*

¹¹⁸ Enquanto em *Úrsula* a temática do antiescravismo é mais discreta, em *A Escrava*, publicado às portas da abolição, Maria Firmina tem um posicionamento mais direto sobre esta questão. Já *Gupeva* é um conto com temática indianista.

¹¹⁹ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão da segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 90.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 86.

¹²¹ *Ibid.*, p. 101.

negra no Brasil, defendida em 2013 no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina direciona seu olhar para as possibilidades de utilização da obra firminiana como fonte histórica em sala de aula. Orientada por Mária Elisa Teté Ramos, especialista em ensino de história, a autora ressalta os laços entre história e literatura, apontando esta como fonte para o conhecimento daquela. Através do romance *Úrsula*, a pesquisadora busca “conhecer a dinâmica da escravidão negra no Brasil, bem como introduzir os alunos no fazer historiográfico e/ou na construção do conhecimento histórico.”¹²² Correia mobiliza os textos de Roger Chartier, Sandra Jatahy Pesavento e Carlo Ginzburg, dentre outros, para entender a literatura como uma possibilidade de percepção de aspectos do social e cultural não ditos – ou ditos diferentemente – nas fontes documentais.

Tal entendimento faz sentido uma vez que a pesquisa lida com *Úrsula*, um romance. Para Peter Gay o romance é um objeto rico para o historiador uma vez que, de forma geral, os romancistas tendiam a ser “firmemente comprometidos com o princípio da realidade”¹²³. Ainda assim o autor alerta que romances não são uma narração do real e muitas vezes são imperfeitos. Porém, “mesmo ao apresentam as coisas de modo errado, eles podem fazê-lo de maneiras instrutivas.”¹²⁴ Sendo o romance um espelho erguido ao mundo, ele é capaz de lançar apenas reflexos distorcidos¹²⁵. São nesses erros, nestas distorções que pode ser possível utilizar a literatura como fonte para perceber os silêncios e as opacidades do passado. Ainda assim, com todas as possibilidades que a literatura oferece para o trabalho histórico, sua utilização ainda não é ampla. Um dos possíveis motivos está relacionado a uma percepção da literatura apenas como uma criação desagregada da realidade, fabulosa e inventada. Esta percepção implica em entender os artefatos literários como fontes de pouco valor para a pesquisa histórica. E, mesmo quando considerada uma fonte, esbarra na falta de uma metodologia específica na historiografia para lidar com estas fontes.¹²⁶

De volta ao campo das Letras, em 2013, Virgínia Silva de Carvalho defendeu, na Universidade Estadual do Piauí, a dissertação *A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*, sob a orientação de Elio Ferreira de Souza, líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro da UESPI, e com a participação de Algemira Macêdo Mendes e Alcione Correa Alves na banca de defesa. Seu texto se dedica,

¹²² CORREIA, Janaína dos Santos. *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013, p. 13.

¹²³ GAY, Peter. *Represálias selvagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 11.

¹²⁴ Ibid., p. 19 - 20.

¹²⁵ Ibid., p. 18.

¹²⁶ CORREIA, Janaína dos Santos. Op. Cit., p. 32-33.

como o título indica, a analisar a construção das identidades e subjetividades das personagens negras. É interessante notar que a palavra efígie é geralmente utilizada para se referir à representação de alguém, real ou fictício, em moedas ou emblemas. Tal uso traz uma carga de reverência, de homenagem. No entanto, Carvalho homenageia em seu texto não apenas Maria Firmina dos Reis, mas também a construção das personagens escravizadas em sua obra. *Úrsula* permitiria ao leitor perceber “nuanças ainda não desveladas sobre a história da representação da identidade do negro.”¹²⁷ A pesquisadora se atém também ao que afirma serem “reflexões sobre temas que anteriormente estiveram relegados, como, por exemplo, as experiências femininas”¹²⁸, mas que, na realidade, pudemos perceber que já haviam sido abordados em pesquisas anteriores, tais como as de Adriana Barbosa de Oliveira, que pesquisou as relações entre gênero e etnicidade em *Úrsula*, e Sandra Maria Job, que analisou as representações de mulheres negras na obra firminiana.

Apontando para as possibilidades de conexões entre dois textos de origem diversa – o literário e o jurídico – Vanessa Figueiredo de Souza Alcântara se propôs, em *Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas*, dissertação defendida em 2014 no curso de Letras da Universidade do Grande Rio, a destacar “o fato de que a violência simbólica sofrida pelas personagens trabalhadas nos textos literários encontram sua verossimilhança em diversos fatos reais”¹²⁹, propondo assim a literatura como parceira do direito “na tentativa de diminuir as atrocidades exercidas contra as mulheres.” A escolha dos textos ficcionais de Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, bem como a autobiografia de Maria da Penha se mostra uma forma de destacar a permanência destas violências através do tempo. No entanto, a própria autora aponta que, no cenário brasileiro, a dificuldade na diminuição destas atrocidades não está ligada à falta de leis, mas ao descumprimento das mesmas.¹³⁰

Também se guiando pela questão de gênero enquanto problemática, Katiana Souza Santos defendeu sua dissertação *Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance Úrsula* em 2015. A pesquisa, orientada por Sandra Maria Sousa Nascimento, coordenadora do Grupo de Estudos de

¹²⁷CORREIA, Janaína dos Santos. *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013, p. 13.

¹²⁸CARVALHO, Virgínia Silva de. *A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013, p. 77.

¹²⁹ALCÂNTARA, Vanessa Figueiredo de Souza. *Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas*. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2014, p. 106.

¹³⁰Ibid., p. 106.

Gênero, Memória e Identidade, e contando com a participação da pesquisadora Régia Agostinho da Silva na banca de defesa, foi produzida na Universidade Federal do Maranhão e traz o romance *Úrsula* como fio condutor para a percepção de como se estabeleciam as relações de gênero no Brasil da segunda metade do XIX. Esta pesquisa, produzida em um programa de pós-graduação interdisciplinar, explora a temática que se destaca no conjunto dos trabalhos sobre MFR: a questão do gênero. Adotado desde o trabalho de Norma Telles, mais vinculado com a história das mulheres, até as pesquisas mais recentes como a da própria Santos, que aborda a perspectiva de gênero, acionando as teorias de Joan Scott e Judith Butler, as categorias mulher e gênero estão presentes nas análises da vida e obra de Maria Firmina dos Reis, geralmente associada também às de raça e classe.

Ana Carla Carneiro Rio defendeu em 2015, no curso de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, a dissertação *Autoria, devir e interdição: os "entre-lugares" do sujeito no romance Úrsula*, onde se vale dos conceitos de Michel Foucault e Deleuze para destacar o diálogo entre o prólogo do romance, onde Maria Firmina dos Reis apresenta seu livro sob o pseudônimo de ‘Uma Maranhense’, e a narrativa. Considerando o caráter inicialmente submisso desse prólogo, Rio conclui que o romance “nos mostra que é possível resistir e produzir estratégias de liberdade, mesmo sob dominação, pois a resistência é, também, uma forma de poder, uma forma de reação.”¹³¹

Rafael Balseiro Zin defendeu em 2016 sua dissertação no curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientada por Miguel Wady Chaia, coordenador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política e intitulada *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*, esta pesquisa aborda não só *Úrsula*, mas também os contos *A escrava* e *Gupeva*. Trata-se de trabalho de investigação cujo aporte teórico está nas apreciações produzidas por Nascimento Morais Filho e Eduardo de Assis Duarte sobre o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis como escritora e abolicionista e que busca, conforme o título indica, analisar as produções textuais da maranhense avaliando o legado intelectual de Maria Firmina dos Reis em sua “trajetória” como escritora. Trajetória intelectual, para Zin, se configura no “estudo do pensamento de um dado intelectual, em relação aos movimentos políticos, culturais, estéticos e científicos de sua geração, levando-se em consideração a dimensão histórico-social que suas ideias atingem e

¹³¹RIO, Ana Carla Carneiro. *Autoria, devir e interdição: os "entre-lugares" do sujeito no romance Úrsula*. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Linguagem, 2015, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015, p. 121

em que estão inseridas.”¹³² Assim, a análise da trajetória da maranhense, percebida pelo cotejamento de sua biografia, publicações e diário, levou Zin a perceber um fio condutor na totalidade de sua obra que denota que Firmina sabia, desde cedo, a importância de “se propagar e de se estabelecer naquela decadente sociedade brasileira oitocentista os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, contribuindo, assim, para a construção de um país mais justo e sem opressão.”¹³³

No Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Carla Sampaio dos Santos defendeu, em 2016, a dissertação *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*, uma pesquisa centrada no estudo de Maria Firmina dos Reis enquanto professora, analisando sua história e memória sob os aspectos que se referem a sua vida enquanto educadora. Orientada por Maria do Carmo Martins, então coordenadora do Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação, Santos torna-se a primeira pesquisadora a efetivamente valorizar a maranhense enquanto professora, em relação a sua atuação como escritora. Ainda que aborde também sua obra literária, algo inescapável, esta pesquisa se desloca da imagem-lembrança da Maria Firmina escritora e abolicionista já pré-estabelecida e repetida pelos trabalhos anteriores, para sua atuação no magistério. Assim, Santos analisa a produção literária da maranhense, entendendo que seus textos “representam e visam uma conscientização dos leitores ao apresentar os sujeitos sociais (negros escravos e a mulher) a partir do ponto de vista dos oprimidos”¹³⁴, enfatizando assim o “caráter pedagógico propiciado pelo romance *Úrsula*. ”¹³⁵

Discutindo a representação da subjetividade negra criada por Maria Firmina dos Reis através dos personagens de *Úrsula* e *A Escrava*, a dissertação de Luciana Martins Diogo, *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina Reis*, foi defendida em 2016 no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo. Editora e gestora de conteúdo do site Memorial de Maria Firmina dos Reis, Diogo foi uma das primeiras a buscar deslocar a figura de Firmina da excepcionalidade e pioneirismo evidenciado por outras pesquisas e situá-la como fruto de seu tempo, creditando tal excepcionalidade apenas ao tratamento que a escritora deu à personagem negra ao longo de sua obra, construindo para estes uma subjetividade até então

¹³² ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 15.

¹³³ Ibid., p. 89.

¹³⁴ SANTOS, Carla Sampaio dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 17.

¹³⁵ Ibid., p. 13.

inédita na literatura, e não pelo fato de tratar do problema da escravidão em si.¹³⁶

Destacando o merecimento de Maria Firmina dos Reis em ser “estudada e rememorada”¹³⁷, a pesquisadora Thayara Rodrigues Pinheiro defendeu em 2016, no curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, a dissertação *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: "Uma maranhense"*. Em seu trabalho, Pinheiro também privilegiou a ótica dos estudos de gênero ao tratar das vozes femininas do romance *Úrsula* e defende a hipótese de que, através de seu texto, Firmina “permitiu um espaço para que as mulheres pudessem expor sua condição”, moldadas pela autora sob uma “ótica de transgressão”.¹³⁸ Esta pesquisa, no entanto, se apoia na ginocrítica, vertente da crítica feminista que constitui o “estudo da mulher enquanto escritora, isto é, a mulher enquanto produtora de significado textual.”¹³⁹ Trata-se de uma escolha teórica diferente da encontrada nas pesquisas anteriores, mas que se revela uma estratégia para atingir a mesma finalidade: “contribuir para a divulgação de uma memória literária brasileira feminina, pouco estudada.”¹⁴⁰ A pesquisadora ressalta, no entanto, que a fortuna crítica de *Úrsula* já existente até o momento de sua pesquisa, baseia-se numa “receptividade crítica [que] excede dos elementos inovadores e originais do plano construtivo da narrativa”, sendo o romance “arquitetado mais pela sua função histórica e ideológica que por suas qualidades estéticas”¹⁴¹, em um posicionamento que remonta à leitura inicialmente proposta por Telles, que afirmou que o valor de *Úrsula* é “o tratamento que a autora dá ao escravo.”¹⁴²

A dissertação de Bárbara Loureiro Andreta - *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. - dedica-se a analisar como a autoria feminina tornou-se lugar político de denúncia do regime escravocrata, tanto no Brasil, através da fala de Maria Firmina dos Reis, quanto em Cuba, com o trabalho de Gertrudis Gómez de Avellaneda. Defendido em 2016 no curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, este trabalho se apoia na crítica feminista para entender que a autoria feminina de *Sab* e *Úrsula* trazem críticas ao

¹³⁶DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras úrsula e a escrava de maria firmina dos reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 82.

¹³⁷PINHEIRO, Thayara Rodrigues. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: "uma maranhense"*. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p.86.

¹³⁸Ibid., p.89.

¹³⁹Ibid., p.40.

¹⁴⁰Ibid., p. 12.

¹⁴¹PINHEIRO, Thayara Rodrigues. op.cit., p. 16.

¹⁴²TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, [s. l.], v. 0, n. 120, 1989, p. 77. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>>. Acesso em: 20 jul. 2020

regime escravocrata capazes de promover “uma desestabilização da identidade nacional.”¹⁴³

O pesquisador Geraldo Ferreira da Silva defendeu em 2017, no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, a dissertação *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*, na qual analisa o romance *Úrsula* em seu aspecto antiescravista, tema que todas as pesquisas abordaram em maior ou menor grau. Silva, no entanto, destaca em sua análise a estratégia retórica de Maria Firmina dos Reis: a utilização da religiosidade cristã “para expor a injusta situação do negro na sociedade”¹⁴⁴ e para apelar contra as desigualdades entre brancos e negros.

Retornando ao foco nas relações de gênero e etnia em *Úrsula*, a dissertação defendida por Francisca Pereira da Silva Meneses, em 2017, no curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, *As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*, faz um comparativo entre os dois romances na busca de rupturas e continuidades no tratamento que ambos deram à questão da mulher e do escravizado no Brasil do século XIX, entendendo que

o texto de Firmina pode ser considerado superior ao de Bernardo Guimarães quanto à questão de gênero, uma vez que o discurso da maranhense se solidariza com sua raça, claramente a defende sem receios de retaliações, porque tinha a coragem e a ‘liberdade’ para escrever, tanto por não se submeter à estética branca de sua época, como por não depender de mecenás.¹⁴⁵

Percebemos estas conclusões como discutíveis em pelo menos dois aspectos: em primeiro lugar, julgar a superioridade de um texto literário pelo seu conteúdo político, apartado do estético, talvez seja muito apressado, uma vez que superior é um julgamento de valor relativo e frágil que denuncia mais o posicionamento individual de quem julga do que os resultados efetivos de uma pesquisa. Além disso, a exaltação do discurso de coragem e liberdade na escrita firminiana nessa interpretação parece servir a um propósito sacralizante, percebido não só nesta pesquisa, como em muitas outras. Ainda que seu texto supere as representações estereotipadas das personagens negras, é válido lembrar que em sua totalidade o romance *Úrsula* é debitário do romantismo em voga naquele momento, implantado pela elite intelectual da época e edificado sobre a cultura europeia branca.

¹⁴³ ANDRETA, Bárbara Loureiro. *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016, p. 134.

¹⁴⁴ SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017, p. 60.

¹⁴⁵ MENESES, Francisca Pereira da Silva. *As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017, p. 108.

Também preocupado com as questões de gênero observáveis na obra firminiana, Rodrigo Gouvêa Rodrigues defendeu a dissertação *Romance de autoria feminina: "o ser mulher" em Maria Firmina e Júlia Lopes* no curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 2018. Seu trabalho se apoia naqueles que o precederam, como na pesquisa de Juliano Carrupt do Nascimento, para concordar com a perspectiva elaborada por este do caráter irônico da composição de *Úrsula*,¹⁴⁶ a pesquisa de Adriana Barbosa de Oliveira para entender que “a literatura de autoria feminina foi um aliado do movimento feminista ao ficcionalizar e questionar, abertamente, os valores apregoados na sociedade patriarcal”¹⁴⁷ e nos estudos de Thayara Rodrigues Pinheiro para perceber *Úrsula* como o “primeiro romance brasileiro a desarranjar o poder mandonista dos proprietários de terra.”¹⁴⁸ Desta forma, Rodrigues não propõe novas perspectivas em relação ao que já se tinha elaborado nos trabalhos anteriores, se diferenciando deles apenas na escolha da obra de Júlia Lopes de Almeida como objeto de análise, juntamente com *Úrsula*.

Sidinea Almeida Pedreira Vrbata em sua dissertação *Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil*, defendida em 2018 no curso de Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, extrapola as ideias quase sacralizantes – de ativismo político e provedora de voz para os subalternos - que giram em torno da figura de Maria Firmina dos Reis. Definido pelo *Dictionary of the Yoruba Language* como “*title given to wise women; a lady of high rank*”¹⁴⁹, Iyalodê do Brasil como título para Maria Firmina dos Reis busca creditar à maranhense “a voz das mulheres e dos negros, é a voz das ruas, dos pelourinhos, dos porões, das matas e das florestas, a voz do Maranhão oitocentista, a poeta e escritora das Negras e dos Negros.”¹⁵⁰ Assim, esta pesquisa nos parece consagrar e consumar uma imagem-lembrança que universaliza Maria Firmina dos Reis para além de sua realidade histórica verificável num tempo e espaço determinados, elevando-a – ou pretendendo elevá-la – de simples mulher, professora e escritora para o totém de um ideal. Ao direcionar a análise de maneira que inscreva na escrita da maranhense uma representação de todas as mulheres ou todos os negros – por mais subjetiva que tal afirmação possa ser –, a pesquisa adquire um

¹⁴⁶RODRIGUES, Rodrigo Gouvêa. *Romance de autoria feminina: "o ser mulher" em Maria Firmina e Júlia Lopes*. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018, p. 41.

¹⁴⁷Ibid., p. 33.

¹⁴⁸Ibid., p. 41.

¹⁴⁹IYALODE. In: *A dictionary of the Yoruba Language*. Lagos: Church Missionary Society Bookshop, 1913. Disponível em: http://edeyoruba.com/uploads/3/0/0/1/3001787/yoruba_dictionary.pdf. Acesso em: 01 jul. 2020.

¹⁵⁰VRBATA, Sidinea Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018, p. 97.

aspecto mais diretamente ligado a um querer, um dever de memória do que a uma análise orientada cientificamente da questão, como é de se esperar de um trabalho acadêmico. Ao contrário de Juliano Carrupt do Nascimento que buscou se afastar daquilo que chamou de panfletagem, Vrbata não se esquiva da admissão do papel político de Maria Firmina dos Reis, no presente. Ato político legítimo, mas que encontra seus limites enquanto resultado de pesquisa acadêmica.

É importante ressaltar que nossa conclusão não surge ligada a qualquer tipo de juízo de valor – negativo ou positivo – a respeito da *panfletagem* ou pretensa objetividade para tratar de e sobre Maria Firmina dos Reis. Sabemos que cada pesquisa leu e (re)apresentou Maria Firmina no presente atendendo a necessidades, interesses e questões levantadas pelo próprio presente, independente do fato de a maranhense ter vivido num tempo-espacó situado no *passado*. Isso denota, conforme discutimos anteriormente, os usos do passado e do papel político e de agenciamento no presente que a memória adquire. Sabendo-se que se trata de uma estratégia política, que utiliza metáforas poderosas, não raro ao preço do sacrifício da historicidade do sujeito, resta-nos não o julgamento do propósito, mas a discussão dos resultados que tal estratégia produz na construção da memória de Maria Firmina dos Reis, de tantas quantas são as bandeiras levantadas em torno de sua história e memória.

Defendida em 2018, no curso de Letras da Universidade Federal do Piauí sob a orientação de Alcione Corrêa Alves, a dissertação de Jéssica Barbosa de Carvalho, *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*, também busca evidenciar o papel político e interseccional da escrita firminiana ao tratar de gênero e raça. A pesquisa foi orientada por Alcione Corrêa Alves, coordenador do Grupo de Pesquisa *Teseu, o labirinto e seu nome*, dedicado ao tema das construções identitárias nas literaturas negras e americanas, do qual Carvalho fez parte. Com o aporte teórico fornecido por trabalhos como o de bell hooks, a pesquisadora entende que Firmina “da forma como pôde, naquele contexto em que atuou, não se eximiu da construção dessas ferramentas de luta por liberação, o meio literário foi o seu espaço, e a literatura um instrumento para impulsionar sua voz.”¹⁵¹ Carvalho chega, assim, a uma conclusão que entendemos menos comprometida com a sacralização de Firmina e mais interessada em produzir uma análise cuidadosa de seu objeto.

¹⁵¹ CARVALHO, Jéssica C. Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p. 114.

Por sua vez, a pesquisadora Karina de Almeida Calado defendeu, em 2019, no curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a tese *Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da memória*. O estudo foi orientado por Maria Nazareth Soares Fonseca, do Grupo de Estudos sobre estéticas diáspóricas da PUC-MG e organizadora, junto a Eduardo Assis de Duarte, do quarto volume da coletânea *Literatura e Afrodescendência no Brasil*. Trata-se de pesquisa que se dedica a analisar as memórias a respeito da diáspora negra, criadas e/ou representadas nos romances mencionados. Calado se apoia nos pressupostos teóricos de Michael Pollak para analisar a memória enquanto constituinte da identidade e as características da chamada ‘memória subalterna’ na escrita de autoria feminina e negra.¹⁵² É, inclusive, na existência de uma relação estreita entre a memória e o sentimento de identidade¹⁵³ que surgem os usos políticos, como o empreendido por Vrbata, analisado há pouco, da figura de Maria Firmina dos Reis como estandarte representativo de uma identidade negra feminina.

Da mesma forma que Vrbata deu a Maria Firmina dos Reis a posição de porta-voz de uma identidade feminina negra, Renata Carmo Alves percebeu na figura da maranhense e de outras escritoras negras os ecos das vozes negras através dos tempos. Em dissertação defendida ainda em 2019, no curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Alves tecê uma trama que interliga as falas e os trabalhos de Maria Firmina dos Reis, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco. Em *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco*, o entendimento de que “passado, presente e futuro tem sido constantemente a mesma massa de temporalidades amalgamadas”¹⁵⁴ possibilita a Alves a criação de uma espiral – numa trama muito bem construída – onde as falas destas mulheres negras ecoam e se atualizam umas nas outras. Partindo da percepção de uma “investida político-pedagógica”¹⁵⁵ na obra firminiana, Alves vê nos textos de Maria Firmina dos Reis, Lélia Gonzales e Djamila Ribeiro um projeto comum de “desalienação coletiva na luta por direitos”¹⁵⁶ que esbarra no projeto político de Marielle

¹⁵² CALADO, Karina de Almeida. *Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da Memória*. 2019. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019, 16

¹⁵³ POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992, p. 5.

¹⁵⁴ ALVES, Renata Carmo. *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 104.

¹⁵⁵ Ibid., p. 12.

¹⁵⁶ Ibid., p. 107.

Franco, cujo assassinato tornou-se um gatilho constante nesta pesquisa.

Também em 2019, a pesquisadora Fernanda Rodrigues de Miranda defendeu, no curso de Letras da Universidade de São Paulo, sua tese *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. Nesta pesquisa, Miranda faz um levantamento dos romances de autoria negra publicados no Brasil no período selecionado, inaugurado pela obra de Maria Firmina dos Reis, onde também percebe uma espiral de continuidades nos textos selecionados, uma vez que “persiste nas obras também uma continuidade de fala, que resvala na visão interseccional como dicção histórica da mulher negra.”¹⁵⁷

Na dissertação defendida em 2019 no curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*, Jéssica Frizon Neres segue um caminho de análise comparativa de obras fora do cânone, tal como proposto em outras pesquisas já apresentadas, mas escolhendo tratar junto à obra firminiana um texto a ela ainda não comparado. Neres prezou em sua seleção por “textos que, em algum momento, foram esquecidos pelo leitor e/ou pela crítica”¹⁵⁸ a fim de comparar estes autores para compreender as estratégias usadas em seus textos para representar a escravidão.

Engajada com a destruição dos estereótipos impostos às pessoas negras na literatura, a pesquisa de Michelly Cristina Alves Lopes – *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo* – defendida no Mestrado em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2019, faz uma análise comparada das obras produzidas pelas três autoras onde aborda e discute os principais estereótipos associados às personagens negras: o da mãe-preta, o da hipersexualização e o da bestialização. A pesquisadora foi orientada por Adelia Miglievich Ribeiro, líder do Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento. Assim, Lopes percebe que, no caso da obra de Maria Firmina dos Reis há, de fato, a construção de novas representações das personagens negras: ali elas são dotadas de bondade e individualidade. Não existem os estereótipos da hipersexualização ou bestialização e o estereótipo de mãe preta, tratada por Lopes como a mulher “capaz de renegar seus próprios

¹⁵⁷ MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 231.

¹⁵⁸ NERES, Jessica Frizon. *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019, p. 7.

filhos para se dedicar a criar os da ‘sinhá’”¹⁵⁹, é de fato desconstruída em *Úrsula* e, mais ainda, em *A Escrava*, onde a escrava Joana enlouquece de dor diante da perda dos filhos. Assim, Lopes entende que estas obras partem de experiências próprias de suas autoras negras para criar personagens diferentes dos estereótipos vigentes.

Finalmente, destacamos a pesquisa de Vanessa Jamile Santana dos Reis. Produzida no mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia e defendida também em 2019. Essa dissertação se propõe a uma análise dos romances *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e *Ponciá Vivêncio*, de Conceição Evaristo como ferramentas para permitir a análise da representação das minorias - no caso, de mulheres negras - nos instrumentos de informação. Definida pela autora como “alicerce imprescindível para a manutenção das relações sociais de grupos, como componente primordial às trans(formações) do sujeito, além de elemento para o desenvolvimento social, individual e coletivo”¹⁶⁰, a análise e a inserção deste grupo social tornam-se imprescindíveis.

Desta breve análise das pesquisas selecionadas, pudemos perceber que quem tem se interessado pelo estudo de Maria Firmina dos Reis são principalmente mulheres em programas de mestrado na área maior de Letras. No entanto, o elemento mais recorrente nestes trabalhos é a preocupação em impedir que o nome de Maria Firmina dos Reis caia no esquecimento. Imbuídas de maior ou menor grau de agência política, esse desejo de iluminar a figura da maranhense está presente nos esforços feitos para analisar sua vida e sua obra pelas mais diversas óticas, seja inserindo-a no cânone literário, seja retomando sua trajetória como inspiração para lutas contemporâneas. Podemos também perceber que alguns prismas são mais valorizados do que os outros: a questão de sua escrita antiescravista, discutida através de conceitos como literatura negra, literatura afro-brasileira, - inescapável, pois presente em seus principais e mais analisados textos (*Úrsula* e *A Escrava*) - e a questão de gênero são as mais presentes. A análise em ordem cronológica nos dá indícios para as motivações destas escolhas: iniciado em plena década de 1970 - momento de efervescência dos movimentos negro e feminista - o processo de redescoberta da figura desta mulher negra, nordestina e pobre que se arriscou no mundo das letras, confrontando as mais solidificadas expectativas sobre o que era o negro no século XIX, atendia perfeitamente a uma demanda por representatividade destes grupos.

¹⁵⁹ LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019, Resumo.

¹⁶⁰ REIS, Vanessa Jamile Santana dos. *A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social*. 2019. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019, p. 15.

São estas motivações, objetivos e justificativas para o empreendimento das pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis que analisaremos no próximo capítulo.

2 PARA QUÊ ESTUDAR MARIA FIRMINA DOS REIS?

Para além de identificar quem se interessou em pesquisar Maria Firmina dos Reis e procedeu com o reavivamento e atualização de sua memória, interessa-nos analisar porque tais autores se lembram da autora maranhense. Dito de outro modo, interessou-nos identificar quais foram as justificativas e objetivos que levaram estes 29 pesquisadores a escolher a maranhense e sua obra como objeto de pesquisa. O que, na vida e obra de Firmina, os motivou a escolhê-la como objeto de estudo? Assim, neste segundo capítulo, nos dedicaremos a analisar as justificativas, motivações e objetivos apresentados nas pesquisas selecionadas.

Inicialmente, é preciso distinguir os trabalhos que tomaram Maria Firmina dos Reis e seus textos como assunto principal daqueles que a abordaram em perspectiva comparada ou aliada a outras temáticas.

Tabela 2: Pesquisas que tomam Maria Firmina dos Reis como tema central

n.	Pesquisador (a)	Título	Ano
1	Adriana Barbosa de Oliveira	Gênero e etnicidade no romance <i>Úrsula</i> , de Maria Firmina dos Reis	2007
2	Juliano Carrupt do Nascimento	O romance <i>Úrsula</i> de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro	2009
3	Melissa Rocha Teixeira Mendes	Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance <i>Úrsula</i> , de Maria Firmina dos Reis	2013
4	Virgínia Silva de Carvalho	A Efigie Escrava: a Construção de Identidades Negras no Romance <i>Úrsula</i> , de Maria Firmina dos Reis	2013
5	Ana Carla Carneiro Rio	Autoria, devir e interdição: os "entre-lugares" do sujeito no romance <i>Úrsula</i>	2015
6	Katiana Souza Santos	Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance <i>Úrsula</i>	2015
7	Carla Sampaio dos Santos	A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do Século XIX	2016
8	Thayara Rodrigues Pinheiro	Vozes femininas em <i>Úrsula</i> , de Maria Firmina dos Reis, "Uma maranhense"	2016
9	Luciana Martins Diogo	Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras "Úrsula" e "A Escrava" de Maria Firmina dos Reis	2016
10	Rafael Balseiro Zin	Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista	2016
11	Geraldo Ferreira da Silva	Maria Firmina dos Reis: a voz negra na Literatura Brasileira dos oitocentos	2017
12	Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho	Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis	2018
13	Sidinea Almeida Pedreira Vrbata	Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil	2018

Fonte: A autora

Tabela 3: Pesquisas comparativas ou de temas diversos

Pesquisador (a)	Título	Ano
1 Norma de Abreu Telles	Encantações: escritoras e crítica literária no Brasil, século XIX	1987
2 Algemira de Macêdo Mendes	Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX	2006
3 Paraguassu de Fátima Rocha	A representação do Herói Marginal na Literatura Afro-Brasileira: Uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo	2008
4 Sandra Maria Job	Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras	2011
5 Régia Agostinho da Silva	A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX	2013
6 Janaína dos Santos Correia	O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil	2013
7 Vanessa Figueiredo de Souza de Alcântara	Entre a letra e a lei: Narrativas e Identidades Femininas	2014
8 Bárbara Loureiro Andreta	Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula	2016
9 Francisca Pereira da Silva Meneses	As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães	2017
10 Rodrigo Gouvêa Rodrigues	Romance de autoria feminina: "o ser mulher" em Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes	2018
11 Vanessa Jamile Santana dos Reis	A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social	2019
12 Karina de Almeida Calado	Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da Memória	2019
13 Fernanda Rodrigues de Miranda	Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada	2019
14 Renata Carmo Alves	As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco	2019
15 Jéssica Frizon Neres	A figura do negro escravizado em Úrsula e Assombramento	2019
16 Michelly Cristina Alves Lopes	Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo	2019

Fonte: A autora

Assim, podemos notar que as pesquisas comparativas e de temas diversos são mais numerosos do que aquelas que têm Maria Firmina dos Reis como único objeto de estudo. Nota-se também que o primeiro trabalho a tomar Maria Firmina como objeto central da pesquisa foi publicado em 2007, 32 anos após a biografia organizada por Nascimento Moraes Filho e 20 anos após o trabalho de Norma Telles, o mais antigo em nosso *corpus* documental. Além disso, o romance *Úrsula* é o texto mais referido, enquanto os contos *A Escrava, Gupeva* e os poemas reunidos em *Cantos à beira-mar* são os menos analisados ou mesmo ignorados.

Nota-se ainda que as temáticas relacionadas ao feminismo são recorrentes: das 29 pesquisas, 11 trazem já em seus títulos termos como “mulher”, “feminino”, “feminismo” e “gênero”. Dentre estes, apenas uma pesquisa é conduzida por pessoa do sexo masculino. Tal contagem nos permite constatar que o interesse em estudar uma mulher negra maranhense partiu principalmente das mulheres, que mais frequentemente analisaram a obra e a vida de Maria Firmina dos Reis sob a ótica dos estudos feministas. Perceberemos, adiante, como esta abordagem se revelou tanto nas motivações quanto nas conclusões destas pesquisas.

Neste capítulo 2, que se dedica a observar as justificativas e motivações dos pesquisadores para escolherem Maria Firmina dos Reis e seus textos como objeto de estudo, dividiremos a análise em três eixos estabelecidos em função das de sua frequência enquanto justificativa ou motivação para estes trabalhos acadêmicos: a questão das personagens e identidade negras, o tema das personagens femininas e da autoria feminina negra, e o tópico da memória, expresso no desejo de retirar a maranhense do esquecimento, muitas vezes através de sua mitologização.

2.1 As personagens negras

Aquela primeira imagem-lembrança de escritora abolicionista, concebida por Norma Telles e consolidada com a primeira geração de estudiosos de Maria Firmina dos Reis, é abordada, com maior ou menor profundidade, em todos os trabalhos acadêmicos analisados.

Tal imagem constitui legítimo lugar comum e é a característica mais celebrada - e relembrada - na escrita de Maria Firmina. Consiste na evocação do fato de que a maranhense promove o personagem negro ao nível de ser humano ao abordar o escravizado não como “uma entidade abstrata, mas individualiza-o através de duas personagens”¹⁶¹, o jovem escravo Túlio e Preta Suzana. Esta forma da escrita firminiana é relacionada por alguns pesquisadores com as ações políticas da autora. Andreta entende que “em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis apresenta uma atitude política de denúncia das injustiças vividas na sociedade patriarcal brasileira do século XIX”¹⁶², especialmente no que se refere às mulheres e aos escravizados.

Ao compararmos *Úrsula* com outros textos do século XIX, tais como *Vítimas Algozes* (1869) de Joaquim Manuel de Macedo e *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, a construção da personagem negra empreendida por Maria Firmina de fato se

¹⁶¹ TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 172.

¹⁶² ANDRETA, Bárbara Loureiro. *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016, p. 133.

destaca. O texto de Joaquim Manuel de Macedo é construído de uma premissa antiescravista, mas retratando o negro como algoz do branco, como o elemento da sociedade que a corrompe:

Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na exceção. Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moraliza, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem. E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.¹⁶³

A obra de Bernardo Guimarães segue a mesma tendência ao afirmar que “a lei no escravo só vê a propriedade, e quase que prescinde nele inteiramente da natureza humana.”¹⁶⁴ Existe, desta forma, a inovação e humanização na construção da personagem negra na obra de Maria Firmina dos Reis, característica que muitas vezes se converte nos próprios objetivos ou justificativas para os pesquisadores escolherem Maria Firmina dos Reis como tema de seus estudos. Para Luciana Martins Diogo, “compreender a representação da subjetivação do negro (escravo ou forro) na forma literária”¹⁶⁵ a partir da análise de *Úrsula* e *A Escrava* é tarefa importante uma vez que permitiria acessar a visão da autora sobre a “personalidade social dos escravos.”¹⁶⁶

Esta análise que busca estudar a história da escravidão com uma perspectiva que não subalternize os negros, escravos ou forros, é resultado das ampliações da historiografia da escravidão no Brasil. Da mesma maneira que a aceitação de novas fontes e a difusão da Escola dos Annales fortaleceu as relações entre história e literatura, esta ampliação das fontes e este novo olhar proposto para o passado tiveram resultados também na maneira pela qual a escravidão foi analisada na história.

Num primeiro momento, estas mudanças se apresentaram na obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933). Robert Slenes analisa este texto destacando que Freyre trouxe a escravidão para a análise historiográfica de uma maneira que, ainda que tenha assinalado uma mudança de paradigma nos estudos sobre o tema, reproduzia estereótipos de seu tempo. Assim, a inferioridade e a corrupção do negro, ainda assinalada por Freyre como a

¹⁶³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas algozes*. Fundação Biblioteca Nacional, 1869, p. 36.

¹⁶⁴ GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. João Pessoa: Projeto do Autor ao Leitor, 2013, p. 187.

Disponível em:

<<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxiaWJsaW90ZWnhbmFzbnV2ZW5zfGd4Ojg3ZDkzY2VkJTU0OWM4ZA>>. SLENES, Robert. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

¹⁶⁵ DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Ursula e a escrava de maria firmina dos reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 11.

¹⁶⁶ Ibid., p. 11.

“raça inferior”, era tida como um fato. A mudança de paradigma reside na percepção de que estas características derivavam do abuso sofrido sob o jugo dos brancos, não de uma natureza.¹⁶⁷ Ainda assim, está presente na obra a criação do mito da democracia racial, a suposição de uma pacífica convivência entre brancos e negros.

Tal abordagem foi questionada nos anos 1970 e 1980 por estudiosos como Florestan Fernandes que centraram suas análises na impossibilidade dessa convivência amigável proposta por Freyre, entendendo a escravidão como um processo massivo de aculturação do negro¹⁶⁸, que estaria inserido em um meio que tornava impossível a criação e manutenção de laços sociais que promovessem o trânsito cultural e a resistência ao escravismo. Mesmo as revoltas escravas receberam pouca importância neste momento, brevemente destacadas nos estudos de Emilia Viotti da Costa onde, ainda assim, predominava “uma explicação estrutural da ‘desagregação’ do regime escravista, aliada a uma análise conjuntural que não dava muito destaque ao protesto escravo nas décadas anteriores”¹⁶⁹ à promulgação da Lei Áurea, em 1888.

O questionamento dessa perspectiva levou a outro movimento de análise da escravidão brasileira. Inspirados tanto por fatores políticos, como o fortalecimento do movimento negro e a aproximação do centenário da abolição, bem como pelo surgimento de novas perspectivas analíticas, como o marxismo cultural de Thompson e a Nova História Cultural e suas análises sobre o imaginário e o cotidiano, um novo prisma analítico se revela: aquele que enxerga nos pequenos atos do dia a dia uma renovação da noção de resistência e que reconhece o protagonismo negro na luta contra a escravidão. Slenes destaca estes estudos como análises que buscam se distanciar da vitimização do povo negro, sem, no entanto, negar a abominação que foi a escravidão. Buscam, isto sim, devolver e “resgatar aspectos da cultura e da experiência dos cativos.”¹⁷⁰ É neste processo que se insere também a valorização de Maria Firmina dos Reis e sua obra no meio acadêmico. Seus textos são fontes que permitem ao pesquisador novas maneiras de conceber a história dos negros no Brasil, tanto por seu conteúdo quanto pelo estudo da autora, mulher negra e nordestina.

Ainda que poucos trabalhos discutam a questão da historiografia brasileira a respeito da escravidão,¹⁷¹ ao escolherem como objeto de estudo a vida e obra de Maria

¹⁶⁷ SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 29.

¹⁶⁸ Ibid., p. 31.

¹⁶⁹ Ibid., p. 32.

¹⁷⁰ Ibid., p. 45.

¹⁷¹ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) -

Firmina dos Reis, entendemos que todos, mesmo aqueles preocupados apenas com a renovação da historiografia literária, contribuem em alguma medida para este processo de renovação na escrita da história da escravidão.

Outra questão discutida no texto firminiano, e que se converte em justificativa para alguns estudos, é a diáspora negra. Tal tema é tratado no capítulo 9 de *Úrsula*, intitulado “A preta Suzana”. Conforme o título indica, é neste capítulo que a escrava da protagonista Úrsula tem sua fala. Neste capítulo, o recém alforriado Túlio procura Suzana, que fora sua mãe de criação, para contar de sua liberdade e avisar que partirá com Tancredo, seu benfeitor. No decorrer da conversa, onde a personagem questiona a noção de liberdade do jovem, que entende ser impossível nesta pátria que lhe era estranha - o Brasil - a velha senhora conta para Túlio que liberdade ela conhecera apenas na África. Em seguida, narra como foi sua captura. Esta narrativa contém dois elementos de muita importância para os pesquisadores de Maria Firmina dos Reis: a descrição do sequestro de pessoas na África e seu transporte nos navios negreiros.

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome da minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão [...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa.¹⁷²

Dois aspectos são notórios neste excerto: conforme pontuado por Juliano Carrupt Nascimento, esse texto precede em cinco anos o famoso *Navio Negreiro* (1864) de Castro Alves e, ainda se diferencia positivamente deste por sua forma narrativa: os poemas de Castro Alves “são narrativos e a sua voz enunciativa não vem da identidade africana, em sua lírica o negro não fala, aparece apenas narrado e descrito, não possui a internalidade do ponto de criado por Maria Firmina dos Reis. É importante também a inversão de papéis

vista”,¹⁷³

¹⁷²REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 180 - 181.

¹⁷³NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 93.

promovida no texto firminiano através da fala de Preta Suzana: “tudo me obrigaram os bárbaros a deixar!”¹⁷⁴ Com esta adjetivação, Maria Firmina dos Reis inverte a lógica escravista e bárbaros passam a ser seus captores.

Preocupada em “fomentar o debate em torno da memória da diáspora africana”¹⁷⁵, Karina de Almeida Calado analisou os romances *Úrsula*, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* para perceber como este tema foi tratado pela perspectiva da autoria negra. Este estudo foi centrado na ideia da memória como elemento constituinte da identidade, conforme elaborado por Michael Pollak¹⁷⁶, e, sendo assim, denota a importância para a pesquisadora da transição de uma memória negra majoritariamente subalterna - a dos negros - para uma memória oficial, amplamente difundida. A personagem Preta Suzana também se torna importante na análise deste aspecto, uma vez que é entendida por diversos pesquisadores como uma guardiã da memória e ancestralidade africana.¹⁷⁷ Além das agruras do cativeiro, esta personagem conta a história de sua África. Sendo um texto do romantismo – e considerando que a própria Maria Firmina dos Reis nunca conheceu o continente africano – trata-se de uma idealização marcada pela descrição da natureza:

Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí se respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. [...] Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante.¹⁷⁸

Desta forma, na escrita de Maria Firmina dos Reis, segundo a interpretação de Régia Agostinho da Silva, “Suzana funciona como uma espécie de memorialista, tratando do passado ancestral e do movimento de diáspora dos africanos para o Brasil”¹⁷⁹, papel que a

¹⁷⁴REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 180.

¹⁷⁵CALADO, Karina de Almeida. *Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da Memória*. 2019. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019, p. 23

¹⁷⁶POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

¹⁷⁷DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e a escrava de maria firmina dos reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 118; ALVES, Renata Carmo. *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 100.

¹⁷⁸REIS, Maria Firmina dos. op.cit., p. 180-181.

¹⁷⁹SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 141.

torna fundamental para interpretar o discurso antiescravista da escrita firminiana.¹⁸⁰ A descrição de uma África idílica maculada pela presença dos europeus captores acontece quando a personagem “ironiza a ‘liberdade’”¹⁸¹ concedida por Tancredo ao escravo Túlio através da alforria, afirmando que a verdadeira liberdade só poderia existir em sua terra natal, não nesta terra estrangeira e, menos ainda, sendo cedida por aqueles que a primeiro tiraram.

Neste processo de revisitar as representações de nosso passado escravocrata, Paraguassu de Fátima Rocha atentou, em sua dissertação, para a constituição das personagens negras nos romances *Úrsula* e *Ponciá Vivencio* com o objetivo de perceber como foi construído o heroísmo marginal nestes textos. A pesquisadora, entendendo que uma das funções da literatura é a cognitiva¹⁸², ou seja, capaz de promover aprendizado; busca apontar nas trajetórias das personagens negras “uma visão diferenciada do afrodescendente”¹⁸³, justificando seu estudo na ideia de que a existência de personagens negros em papéis heroicos pode ser uma “saída viável para lutar contra o racismo velado.”¹⁸⁴ Atentando para a questão do papel da memória na história, esta pesquisa destaca que “o reconhecimento dessas figuras como heróis da nação afrodescendente aponta, portanto, para a tendência atual de recuperar a memória e resgatar a história do negro no Brasil.”¹⁸⁵

As discussões sobre o dever de memória na historiografia brasileira geralmente estão ligadas à ditadura militar e às questões da identidade negra. Assim, mesmo que nem sempre esteja declarado, como ocorre na pesquisa de Rocha, a tentativa de resgate da memória e, muitas vezes, um consequente dever de memória / dever de justiça¹⁸⁶ terminam se convertendo em objetivos e motivações para boa parte das pesquisas que tomam Maria Firmina dos Reis como objeto.

Também interessada em perceber como as representações de personagens negras podem impactar nossa realidade racista, Michelly Cristina Alves Lopes analisou textos de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo em busca de

¹⁸⁰ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 141.

¹⁸¹ DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

¹⁸² ROCHA, Paraguassu de Fátima. *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Campos de Andrade, Curitiba, 2008, p. 2.

¹⁸³ Ibid., p. 2.

¹⁸⁴ Ibid., p. 24.

¹⁸⁵ Ibid., p. 17.

¹⁸⁶ GUAZZELLI, Dante Guimaraens. O dever de memória e o historiador: uma análise de dois casos brasileiros. *Mosaico*, [s. l.], v. 2, n. 4, 2010, p. 49.

personagens negras que fugissem aos estereótipos relegados à população negra e, principalmente, que fossem construídas por escritoras negras. Em seu texto Lopes descreve a trajetória que a motivou a escolher estas autoras e esta temática: sem conhecer a literatura brasileira durante maior parte da vida, a pesquisadora se sentiu desconfortável quando, ao ler *O cortiço*, conheceu personagens negras construídas com estereótipos negativos: a mulata sensual, hipersexualizada; o negro bestializado, pouco inteligente; e a mãe-preta, que abandona seus filhos para cuidar das crianças brancas. Incomodada com estas representações, criadas por um homem branco, Lopes enxergou nas obras de escritoras negras uma construção que evidenciava “as particularidades da negritude e de suas vivências em relação aos não-negros”,¹⁸⁷ e produziu sua pesquisa com o objetivo de evidenciar estes discursos e “mostrar que, através de suas obras, as autoras restituem à mulher negra sua existência plena.”¹⁸⁸

Assim, podemos perceber que parte do interesse em pesquisar Maria Firmina dos Reis surge de demandas do presente que busca na obra literária uma representatividade positiva, construída através de uma escrita que promove a “humanização do afrodescendente no interior do espaço literário”¹⁸⁹, seja através da “construção de uma ideia de ancestralidade”¹⁹⁰ ou porque além de se deslocar das “narrativas literárias e científicas tratavam o negro como um ser não-humano, Firmina o humaniza e o traz como ser dotado de sentimentos.”¹⁹¹

Este processo de ressignificação e valorização da personagem negra na literatura brasileira se relaciona com o surgimento de uma categoria gestada na historiografia literária: a literatura afro-brasileira. Este é ainda, conforme colocado pelo professor Eduardo de Assis Duarte, um conceito em construção.¹⁹² Por mais que faça parte da literatura brasileira, uma vez que é produzida no mesmo idioma e seguindo procedimentos similares, a literatura afro-brasileira se diferencia da geral por conta de cinco elementos que lhe são próprios: a temática, que deve ser o negro; a autoria, referente a uma escrita proveniente de autor negro; o ponto de

¹⁸⁷ LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019, p. 13.

¹⁸⁸ Ibid., p. 17.

¹⁸⁹ ROCHA, Paraguassu de Fátima. *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Campos de Andrade, Curitiba, 2008, p. 103 – 104.

¹⁹⁰ DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e a escrava de maria firmina dos reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 118.

¹⁹¹ LOPES, Michelly Cristina Alves. Op.cit., p. 20.

¹⁹² DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s. l.], n. 31, p. 11–23, 2008.

vista, que implica na assunção de uma perspectiva identificada com a cultura negra; a linguagem, formadora de uma discursividade específica que incorpora novos significados e vocabulário derivado das práticas linguísticas africanas; e o público leitor enquanto fator de intencionalidade dessa literatura.¹⁹³

Duarte ressalta que “nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação.”¹⁹⁴ Por exemplo, um autor negro escrevendo sobre personagens brancos apenas, não se configura em literatura afro-brasileira. É necessário então que uma obra atenda a mais de um destes critérios, como o faz o romance *Úrsula*, romance que é escrito por mulher negra, traz personagens negros importantes para a trama, construídos de maneira a denotar uma perspectiva identificada à história e à cultura negras. Aos dois últimos aspectos, a linguagem e o público leitor, *Úrsula* não se encaixa totalmente: quanto à linguagem, Régia Agostinho da Silva¹⁹⁵ e Adriana Barbosa de Oliveira¹⁹⁶ atentaram em suas pesquisas para o uso formal do português que Maria Firmina dos Reis faz na escrita de *Úrsula*. No que se refere ao público leitor, por mais que a obra tratasse de um tema que seria caro à população negra, o antiescravismo, o fato de ser publicado em formato de livro por encomenda,¹⁹⁷ o forte apelo religioso e mesmo a noção de caráter pedagógico da obra parecem indicar que seu público alvo fosse a população branca ilustrada.¹⁹⁸

Ainda que não seja o foco desta pesquisa estudar a recepção da obra para além do meio acadêmico, uma breve análise do vídeo que me apresentou Maria Firmina dos Reis e *Úrsula*¹⁹⁹ nos dá algumas pistas de que a situação não mudou inteiramente. Tomando como referência as fotos e nomes dos perfis que comentaram neste vídeo, e o fato de ter sido apresentado por duas mulheres brancas, alunas de cursos de pós graduação²⁰⁰, podemos perceber que a maranhense e sua obra foram, naquele espaço, lidos e comentados majoritariamente por mulheres brancas, ainda que com a presença de algumas mulheres negras e homens nos comentários, permanecendo assim em uma esfera reduzida e

¹⁹³ DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s. l.], n. 31, p. 11–23, 2008, p.12.

¹⁹⁴ Ibid., p. 12.

¹⁹⁵ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 141.

¹⁹⁶ OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 27.

¹⁹⁷ DIOGO, Luciana Martins. A primeira resenha de Úrsula na imprensa maranhense. *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, [s. l.], v. 3, n. 8, p. 11–25, 2018, p. 8.

¹⁹⁸ Ibid., p. 8.

¹⁹⁹ PANDA CLÁSSICOS, Úrsula. 2018. (13m16s) Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=p_YzEtvM1nA>. Acesso em 04 mai. 2018.

²⁰⁰ Informação coletada em outros vídeos do canal.

culturalmente elitista. É importante lembrar que o referido vídeo foi publicado em 2018, ano com o maior número de edições de *Úrsula* publicadas desde seu lançamento, em 1859. Possivelmente em 2020 a obra e sua autora já tenham se popularizado mais e alcançado outros grupos sociais.

Assim, percebendo que “o cânone não é neutro, é historicamente construído”²⁰¹ e que pode “exercer uma força excludente”²⁰², passa-se a destacar a “importância de uma Literatura Afro-brasileira *feminina*, pois ela vem para rasurar paradigmas amplamente construídos durante os séculos pelo cânone nacional.”²⁰³ Este outro elemento, o feminino, associado à questão da autoria negra feminina é nosso próximo ponto de reflexão.

2.2 A questão das mulheres e a autoria feminina negra

Assim como a questão da escravidão passou por ampliações historiográficas, a história das mulheres, através das teorias provenientes do movimento feminista, ganhou espaço no meio acadêmico. Tal movimento geralmente é analisado com a noção de que suas ideias formam três ondas distintas. A primeira situa-se no final do século XIX e início do XX e sua principal demanda era pelo direito ao voto. A segunda onda trata do direito ao corpo e à luta contra o patriarcado, tendo se iniciado em meados dos anos 1960. A terceira onda derivou dos estudos pós-estruturalistas, ganhando força na década de 1990. Cada uma destas ondas trouxe consigo uma categoria de análise própria: mulher, mulheres e gênero, respectivamente, cujos usos são percebidos nas pesquisas a respeito de Maria Firmina dos Reis aqui analisadas.

A partir do fortalecimento das teorias feministas até “nos anos 1970, a categoria seria a de “mulher”, pensada como a que identificaria a unidade, a irmandade, e ligada ao feminismo radical.”²⁰⁴ Suas bases teóricas, no entanto, contemplavam apenas a realidade das mulheres brancas.

Mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma ‘diferença’ – dentro da diferença. Ou seja, a categoria ‘mulher’, que constituía uma identidade diferenciada da de ‘homem’, não era suficiente para

²⁰¹ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 16.

²⁰² NERES, Jessica Frizon. *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019, p. 42.

²⁰³ LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019, p. 97.

²⁰⁴ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio de Janeiro), [s. l.], v. 12, n. 22, p. 270–283, 201, p. 271.

explicá-las. Elas não consideravam que as reivindicações as incluíam. Não consideravam, como fez Betty Friedan, na Mística Feminina, que o trabalho fora do lar, a carreira, seria uma ‘libertação’. Essas mulheres havia muito trabalhavam dentro e fora do lar. O trabalho fora do lar era, para elas, apenas uma fadiga a mais.²⁰⁵

Assim, a categoria ‘mulher’ foi ampliada para a de ‘mulheres’, buscando não apenas distingui-las dos homens, mas incluir a diversidade feminina. Os estudos de Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe*, e de Kimberlé Crenshaw com o conceito de interseccionalidade são importantes nesta discussão. Crenshaw elabora este conceito de interseccionalidade como uma sobreposição de opressões às quais as mulheres não brancas estão submetidas devido à sua condição de raça e sexo.²⁰⁶ Pensada inicialmente no contexto jurídico, uma vez que Crenshaw é advogada, o conceito logo encontrou espaço nas teorias feministas nos mais diversos campos.

A categoria ‘mulheres’, no entanto, é questionada pela terceira onda do feminismo, derivada dos posicionamentos pós-estruturalistas. Nesta concepção é adotada a categoria de ‘gênero’, percebido não apenas como uma forma de elencar a experiência das mulheres através dos tempos, de maneira descolada da dos homens, mas como uma organização social da diferença sexual, construída culturalmente.²⁰⁷ Logo após o início da utilização de gênero como categoria surgiram as primeiras críticas ao termo. A filósofa Judith Butler apontou que gênero é uma “performance apoiada em sanções mutáveis e tabus”²⁰⁸ que podem, assim, ser performadas de maneiras alternativas.

Estas ondas e estas categorias, nesta ordem cronológica, surgiram e se desenvolveram no hemisfério norte. No entanto, Joana Maria Pedro aponta que a mesma cronologia não ocorreu no Brasil ou no restante do hemisfério sul. Além disso, uma vez que “as novas categorias que surgem não fazem [...] desaparecer as anteriores.”²⁰⁹ Pedro aponta que, em 1980, no Brasil as pesquisas ainda se valiam da categoria “mulher” e, apenas após a década de 1990, passaram a trabalhar com “mulheres”. Quanto à categoria de “gênero”, afirma que “apesar de o artigo de Joan Scott ser muito citado, tanto no Brasil como em outros países do Cone Sul, e a palavra ‘gênero’ constar no título das obras, o conteúdo continua

²⁰⁵ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, [s. l.], v. 27, n. 54, p. 281–300, 2008. p. 287.

²⁰⁶ CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004, p. 9.

²⁰⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista, conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 67.

²⁰⁸ BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista, conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 214.

²⁰⁹ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio de Janeiro), [s. l.], v. 12, n. 22, p. 270–283, 2011.

falando de ‘mulheres.’,²¹⁰

Esta utilização de “gênero” e “mulheres” como sinônimos ocorre nas pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis. A título de exemplo, Sandra Maria Job (2011)²¹¹ e Rodrigo Gouvêa Rodrigues (2018)²¹² usam o termo “mulher” em seus títulos, mas trazem “gênero” em suas palavras-chave e discussões.

Outro aspecto apontado por Joana Maria Pedro é o da resistência da historiografia em incorporar seja a categoria de “mulher”, seja “gênero.”²¹³ Podemos perceber esta resistência no nosso *corpus* documental: conforme mencionado anteriormente, do total de 29 pesquisas analisadas, apenas três são oriundas do campo da história. Ainda que nem todos os trabalhos abordem a questão de gênero ou da história das mulheres na obra de Maria Firmina dos Reis, o fato é que todos trazem uma mulher e/ou seu trabalho como objeto de análise. Há inclusive que se destacar que a emergência da “história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino,”²¹⁴ uma vez que é característico dessa abordagem o diálogo com outras disciplinas, como a literatura, campo onde as pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis são mais numerosas. Assim, a “interdisciplinaridade assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres.”²¹⁵

No entanto, a resistência inicial à incorporação das mulheres na historiografia cedeu lugar a intelectuais que “passaram a pensar na importância da sexualização do discurso historiográfico.”²¹⁶ Na análise de nosso *corpus* documental, percebemos que a primeira pesquisa selecionada, a de Norma Telles, em 1987, já carregava essa preocupação. Seu trabalho se comprometeu a descobrir e analisar aquele “continente escuro e silencioso”²¹⁷ onde as escritoras brasileiras do século XIX estavam escondidas. Dezenove anos após a pesquisa de Norma Telles, em 2006, a pesquisa de Algemira Macêdo Mendes segue se valendo da categoria mulheres em sua análise e persegue o mesmo objetivo. Mobilizando teorias da História das Mulheres, Mendes busca com sua pesquisa “reconstruir a trajetória

²¹⁰PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio de Janeiro), [s. l.], v. 12, n. 22, p. 270–283, 2011., *passim*.

²¹¹JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

²¹²RODRIGUES, Rodrigo Gouvêa. *Romance de autoria feminina: “o ser mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes*. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

²¹³Ibid., p. 276.

²¹⁴SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, [s. l.], v. 27, n. 54, p. 281–300, 2008, p. 285.

²¹⁵Ibid., p. 285.

²¹⁶RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *cadernos pagu*, [s. l.], v. 11, p. 89–98, 1998, p. 90.

²¹⁷TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012, p.64.

literária das escritoras em estudo”²¹⁸, no caso Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua.

Já a pesquisa de Adriana Barbosa Oliveira, publicada em 2007, é a primeira a se apoiar na categoria de gênero para efetuar sua análise. Este uso se revela na análise da relação entre as personagens femininas e masculinas, no caso na figura do jovem Tancredo, par romântico de Úrsula no romance homônimo. O objetivo principal desta pesquisa é, no entanto, “contribuir para o atual processo de revisão da nossa historiografia literária”²¹⁹ e restituir Maria Firmina dos Reis e sua obra “o lugar que lhe é devido na historiografia literária.”²²⁰ Tais objetivos expõem o uso de gênero quase como que sinônimo de mulheres, conforme observado por Joana Maria Pedro²²¹ e que se relacionam intimamente com o trabalho de sua orientadora, Constância Lima Duarte, pesquisadora da história das mulheres e com extenso trabalho na área.²²²

Para além da questão da valorização da escrita de autoria feminina e se integrando a uma abordagem que incluísse nas análises as particularidades das mulheres negras, o enfoque da questão afrodescendente torna-se adequada para as pesquisas que, mais do que estudar Maria Firmina dos Reis e sua obra, quiseram observar este conjunto destacando o fato de Maria Firmina ser afrodescendente. A pesquisadora Paraguassu de Fátima Rocha (2008) quis assim analisar tanto *Úrsula* como *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, como forma de trazer a personagem negra para o centro da análise, desnaturalizando estereótipos a ela ligados para, assim, “contribuir para a construção de uma nova identidade para o afrodescendente na Literatura Afro-Brasileira.”²²³

Deslocando o foco da análise das personagens negras em geral para a mulher negra, Sandra Maria Job (2011), motivada a entender “quem é, como e onde está a mulher negra no Brasil”²²⁴, articulou teorias do feminismo negro para alcançar o principal objetivo de

²¹⁸ MENDES, Algemira Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 13.

²¹⁹ OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 18.

²²⁰ Ibid., p. 18.

²²¹ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio de Janeiro), [s. l.], v. 12, n. 22, p. 270–283, 2011.

²²² A título de exemplo, mencionamos DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Autêntica, 2018 e DUARTE, Constância Lima et al. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Editora Mulheres, 2005.

²²³ ROCHA, Paraguassu de Fátima. *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vivêncio de Conceição Evaristo*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Campos de Andrade, Curitiba, 2008, p. 9.

²²⁴ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 21.

sua pesquisa: “identificar a representação de gênero e raça na literatura afro-brasileira de autoria feminina, através da análise das personagens”²²⁵ de obras de Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Marilene Felinto. Com esta análise a pesquisadora buscou assim, “refletir, brevemente, sobre a condição social e literária da mulher negra na literatura e sociedade brasileira.”²²⁶

Apoiada na junção das categorias gênero e representação, Melissa Rosa Teixeira Mendes (2013) teve como objetivo analisar como as mulheres maranhenses do século XIX foram representadas na escrita de Maria Firmina dos Reis. Assim, sendo este um trabalho produzido da área da História, a pesquisadora debruçou-se inicialmente nos documentos e fontes do século XIX selecionados para perceber qual era o papel atribuído à mulher naquela sociedade, nos âmbitos do casamento, educação, família e trabalho. Com este conhecimento, objetivou “associar as representações sociais sobre as mulheres com as personagens do romance”²²⁷, percebendo as representações-chave na obra de Maria Firmina dos Reis: Úrsula como a mulher ideal, Adelaide como a mulher que não deve ser e as demais personagens em sua dimensão materna.²²⁸

Ainda que tenha feito um trabalho historiográfico de cruzamento das fontes, como é requerido aos historiadores que lidam com a literatura, Mendes tratou de gênero apenas como elemento descritivo, o que o torna “um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres”²²⁹. Esse uso incide em um problema apontado por Joan Scott, teórica utilizada por Mendes para trabalhar com gênero, uma vez que “perpetua a ideia de esferas separadas na escritura da história”²³⁰ que, mesmo quando usado para analisar as relações sociais entre homens e mulheres, “não diz nada sobre as razões pelas quais estas relações são construídas como são; ele não diz como elas funcionam ou mudam.”²³¹

Retomando a categoria “mulheres”, a pesquisadora Régia Agostinho da Silva (2013) também buscou perceber como Maria Firmina representou as mulheres do Maranhão oitocentista. Silva, igualmente advinda do campo da história, empreendeu pesquisa sobre o cotidiano urbano maranhense, concluindo que este era um cenário diversificado, povoado por

²²⁵ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 26.

²²⁶ Ibid., p. 27

²²⁷ MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013, p. 14.

²²⁸ Ibid., p. 92 – 133.

²²⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) *Pensamento Feminista, conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p.55.

²³⁰ Ibid., p. 55.

²³¹ Ibid., p. 55.

homens e mulheres, livres e cativos, ricos e pobres. Entre as mulheres, havia as alfabetizadas e as iletradas, as donas de casa, as quitandeiras e muitas outras.²³² Sua análise também contemplou as expectativas da sociedade para as mulheres, concluindo que, mesmo letrada, ela “estava fadada a ser um objeto de adorno.”²³³ Por fim, Silva passou a analisar como Maria Firmina dos Reis representou as mulheres em sua obra, composta de donzelas e mães, percebendo que as imagens de pureza e docilidade ligadas à personagem Úrsula, as de ganância e corrupção relacionadas à Adelaide, e a de mãe sofredora imputada às mães de Úrsula e Tancredo,

casavam-se com aquele discurso que idealizavam o mundo feminino. Embora possamos perceber que ao falar de tudo que a mãe de Tancredo sofre nas mãos do marido e da —mulher serpente! Adelaide, essa construção não foge muito dos ideários construídos para as mulheres no século XIX.²³⁴

Mesmo trabalhando com “gênero” e não “mulheres”, como Silva, Katiana Souza Santos (2015) obtém resultados semelhantes. Apoiada no trabalho de Roger Chartier em suas aproximações da história com a literatura, Santos teve como objetivo de pesquisa “compreender as construções do gênero por Maria Firmina dos Reis, a partir da análise das relações de gênero presentes em seu romance ‘Úrsula’ ”, enfocando o “processo de construção literária da obra, analisando igualmente sua autora, suas múltiplas identidades, intervenções e locais de fala.”²³⁵ A pesquisadora dedica um subcapítulo para discutir as representações masculinas na obra, concluindo que o “discurso produzido por Firmina foi pautado em conceitos ligados a heteronormatividade presente no cenário social e nos sujeitos sociais, fruto do contexto que ela escreve.”²³⁶

Ao valorizar a categoria mulheres, outras vertentes da crítica literária preocuparam-se em abordar as peculiaridades da escrita feminina, diferentes da masculina tanto por sua condição biológica quanto cultural. Preocupada em realizar uma análise singular, que abordasse as vozes femininas em *Úrsula* em suas particularidades, Thaynara Rodrigues Pinheiro (2016) se apoia na ginocrítica para atingir este objetivo, uma vez que se trata de uma modalidade da crítica literária que busca,

²³² SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 27.

²³³ Ibid., p. 31.

²³⁴ Ibid., p. 122.

²³⁵ SANTOS, Katiana Souza. *Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance Úrsula*. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso Interdisciplinar, Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015, p. 15 – 16.

²³⁶ Ibid., p. 123.

a partir da diferença sexual, se voltar para a escrita feminina e produção literária de mulheres, a fim de traçar uma crítica que tenha por objetivo estudar as produções literárias femininas, incorporando as diferentes facetas da construção da mulher - cultural, social, econômica.²³⁷

Assim, podemos observar que por intermédio da mobilização de múltiplas categorias, o processo historiográfico se renova à medida que as mulheres, tanto na condição de pesquisadoras quanto na condição de objeto de pesquisa, se inserem no meio acadêmico.

Analizar a obra de Maria Firmina dos Reis atentando especificamente para sua condição de escritora negra também se constituiu em objetivo e justificativa de algumas pesquisas. Uma vez que todas as pesquisas aqui analisadas estão lidando com uma mulher que escreve, esta questão é abordada com maior ou menor profundidade nas pesquisas.

Inicialmente é preciso frisar que, em diálogo com o desenvolvimento das teorias feministas abordadas anteriormente, enquanto algumas pesquisas analisaram a escrita de Maria Firmina dos Reis apenas pelo prisma da escrita feminina, outras atentaram para a diferença da escrita feminina negra. Este primeiro prisma, da escrita feminina em geral, está intimamente ligado com a história das mulheres e com o desejo de abrir para essas mulheres um lugar na história da literatura brasileira. Esta motivação é evidenciada nas pesquisas de Norma Telles e Algemira Macêdo Mendes, anteriormente analisadas.

Já a preocupação com a questão da especificidade da autoria feminina negra, mais recente nas pesquisas, é central no estudo de Sidneia Almeida Vrbata (2018), que articulou as noções de escrevivência, memória e lugar de fala para “pensar sobre o espaço biográfico e literário da escritora Maria Firmina dos Reis e, assim, refletir sobre a literatura de autoria negra feminina no Brasil”²³⁸, de forma a “apresentar Maria Firmina dos Reis como Iyalodê e intérprete do Brasil.”²³⁹ Os conceitos escolhidos por Vrbata para atingir seus objetivos funcionam como um conjunto coeso. Escrevivência, conceito elaborado por Conceição Evaristo, remete à “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”²⁴⁰, enquanto lugar de fala; na concepção de Djamila Ribeiro, trata da possibilidade de substituir a historiografia tradicional por uma que considere os espaços geográfico, social e

²³⁷ SOUZA, Natália Salomé; PEREIRA, Vinícius Carvalho. A ginocrítica como exercício de metacrítica em novas cartas portuguesas. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress 2017*, Florianópolis. Anais... Florianópolis Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498244566_arquivo_aginocriticacomoexerciciodemetacriticamenovascartasportuguesas.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

²³⁸ VRBATA, Sidneia Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018, p. 14.

²³⁹ Ibid., 14

²⁴⁰ OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva De. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 621–623, 2009, p. 622.

político particulares.²⁴¹ A história oral e a memória somam-se a este projeto como um “canal de re-apropriação da História.”²⁴²

Podemos perceber que, conforme pontuado por Joana Maria Pedro, além do uso de “gênero” e “mulheres” como sinônimos, as ondas feministas e suas teorias não reverberaram em nossas pesquisas de forma contínua. Inicialmente marcada pelo uso de “mulheres”, mesmo sem discutir a questão das mulheres negras em específico, as pesquisas de nosso *corpus* documental navegaram entre estas categorias de forma não regular. De “gênero” retornou-se a “mulheres”, algumas vezes tratando da questão da autoria e personagens negras, outras vezes com este plural significando nada mais que a perspectiva de uma literatura comparada entre duas ou mais autoras. Percebe-se também o uso intencional de “mulheres”, como forma mesmo de demarcar as diferenças entre homens e mulheres. Isto nos mostra que Maria Firmina dos Reis e sua obra possuem múltiplas facetas, que podem ser analisadas através de múltiplas lentes.

Assim, a preocupação com uma mudança na historiografia - tanto geral quanto a literária - que passe a incluir e considerar as especificidades de uma escrevivência negra ou apenas da experiência feminina é, talvez, o motor maior que impulsiona as pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis, uma vez que, mesmo que as questões femininas ou de gênero não surjam de objetivos específicos de todas as pesquisas, ao escolherem estudar uma mulher negra, todas contribuíram para esta renovação historiográfica, que por sua vez gera impactos, desejados ou não, na elaboração e celebração de uma memória contemporânea da maranhense.

2.3 Entre ressurreição e canonização: a (re)construção da memória

“Eu quero resuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, [...] tirando-as, como as outras, da barbaria do esquecimento, para fazê-las surgir, como merecem, à tonada celebração.”

(Ignez Sabino, 1899)²⁴³

“Esse trabalho é apenas o início de uma jornada para fomentar os estudos literários maranhenses, a mulher escritora, a mulher Maria Firmina dos Reis que merece ser colocada não somente como parte do cânone literário, mas como aquela que revolucionou a cena literária brasileira.”

(Thayara Rodrigues Pinheiro, 2016)²⁴⁴

²⁴¹ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 15

²⁴²Ibid., p. 14.

²⁴³SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brasil*. [s.l.] : Editora das Mulheres, 1996, p. 9.

²⁴⁴ PINHEIRO, Thayara Rodrigues. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: "Uma*

A motivação percebida na escrita de Sabino e Pinheiro também se encontra presentes em todos os estudos que tratam de Maria Firmina dos Reis, com maior ou menor força: o desejo de *resgatá-la*, livrar esta escritora do “bárbaro” esquecimento. Tal desejo é expresso através dos esforços de pesquisa não apenas para descobrir quem foi a maranhense e restituir seu lugar na história da literatura brasileira, mas também em transpor sua imagem do passado para o presente com uma aura mitológica e sagrada. Mas o que se destaca aqui, para além da legitimidade da proposta de reconhecimento, é que o esquecimento é concebido apenas como algo negativo. Por quê? Contra qual esquecimento se luta? Contra o esquecimento de quê?

Seixas pontua que “o esquecimento, sob o prisma historiográfico, tem sido modernamente enfocado exclusivamente como a *negação da memória*”²⁴⁵, convertendo-se assim em algo que historiadores buscam evitar. O que se ignora em uma perspectiva que repudie o esquecimento é a noção de que é a partir dele que a memória surge. Em perspectiva diversa, tanto Nietzsche quanto Proust apontam para o aspecto positivo do esquecimento. Enquanto o primeiro enxerga no excesso de memória histórica uma imobilidade que é superada apenas com o equilíbrio entre esquecimento e memória²⁴⁶, o segundo vê no esquecimento involuntário a possibilidade de fazer ressurgir a verdadeira memória: a involuntária, uma memória que carrega também este equilíbrio.²⁴⁷ No entanto, a contemplação de um esquecimento positivo não existe nas pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis. Ao contrário, o tom destes trabalhos é o de uma interdição do esquecimento e de uma verdadeira cruzada pela memória e pelo reconhecimento. São trabalhos da memória e, nesse sentido, legítimos trabalhos de rememoração das imagens-lembrança.

Ao analisar as produções literárias da maranhense e de Amélia Beviláqua, Algemira Macedo Mendes afirma que quis “retirar do esquecimento muitas das produções dessas escritoras, na tentativa de contribuir para o construto de uma nova história.”²⁴⁸ Da mesma maneira, Thayara Rodrigues Pinheiro entende que Maria Firmina se empenhou em dar voz às mulheres e aos escravizados, “merecendo [por esta razão] ser estudada e

maranhense”. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p. 20.

²⁴⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 75-95, 2000, p. 78.

²⁴⁶ Ibid., p. 86 – 87.

²⁴⁷ Ibid., p. 88 – 89.

²⁴⁸ MENDES, Algemira Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 264.

rememorada.”²⁴⁹ Torna-se interessante, neste momento, retornarmos à distinção estabelecida por Aristóteles entre memória e reminiscência. A memória para o filósofo abarcaria uma infinidade de conteúdos restritos ao passado, mas a rememoração, que o pensamento historiográfico confunde com memória, seria “reencontrar, de forma voluntária e graças a um esforço intelectual [...] um conhecimento ou uma sensação já experimentada no passado.”²⁵⁰ Esta visão deixa de lado os componentes afetivos da memória, e aponta para um tipo de uso que dela se faz, que entende ser possível, de forma voluntária e *calculada*, recuperar o passado.

A pesquisa de Adriana Barbosa de Oliveira tem como motivação expressa o “desejo de divulgar a autora e sua obra”²⁵¹, evidenciando ainda a imagem-lembrança de Maria Firmina dos Reis escritora e abolicionista ao ressaltar que em sua escrita, o “principal mérito está nas denúncias que faz à condição feminina e do negro na sociedade de seu tempo e também pela forma inovadora com que representa o negro.”²⁵² Também para Sandra Maria Job “ratificar o resgate desta autora esquecida pela historiografia literária brasileira”²⁵³ constitui-se em um de seus objetivos de pesquisa.

Os desejos manifestos nestas pesquisas coincidem com aquilo que Jacy Seixas, ainda em 2000, afirmou: “busca-se contemporaneamente não apenas o *direito à memória*, mas também, e, sobretudo, o *dever à memória*.”²⁵⁴ Trata-se não apenas de inserir na historiografia e no cânone literário, ou nos volumes históricos as figuras dos excluídos, mas de impedir qualquer tipo de esquecimento. Esta “interdição do esquecimento”²⁵⁵ se apresenta, no caso de Maria Firmina dos Reis, desde as comemorações do sesquicentenário de seu nascimento, em 1975, até as constantes reedições de *Úrsula* e sua maior frequência como objeto de pesquisas acadêmicas.

Dentre as celebrações do sesquicentenário de seu nascimento²⁵⁶ estavam o lançamento da biografia produzida por Nascimento Moraes Filho: *Maria Firmina dos Reis*,

²⁴⁹ PINHEIRO, Thayara Rodrigues. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*: "Uma maranhense". 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p. 86.

²⁵⁰ SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 75-95, 2000, p. 83.

²⁵¹ OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 19.

²⁵² Ibid., p. 20.

²⁵³ JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 27.

²⁵⁴ SEIXAS, Jacy Alves de. Op. Cit., p. 76.

²⁵⁵ Ibid., p. 76.

²⁵⁶ Aqui considerando a data de 11 de outubro de 1825.

fragmentos de uma vida, que reúne não apenas a pesquisa do historiador, mas os contos *Gupeva, A Escrava* e alguns poemas de autoria da maranhense. Além deste volume, as celebrações foram marcadas pela publicação de um “artigo no Jornal do Brasil contribuindo para despertar o interesse dos estudiosos pela escritora e sua obra”²⁵⁷, assinado por Josué Montello, o busto criado pelo artista plástico Flory Gama e pela proclamação daquele dia – 11 de outubro – como o Dia da Mulher Maranhense. Outras homenagens recebidas pela maranhense em outras ocasiões foram a nomeação de uma rua e uma escola em sua honra, localizadas em Guimarães e Maçaricó, respectivamente.

Em meio a estas comemorações em tributo a Maria Firmina dos Reis se desenrolou uma problemática referente à sua representação imagética. Maria Firmina não deixou retratos. Para a composição de sua imagem, o único recurso ao qual podemos recorrer é à descrição coletada por Nascimento Moraes Filho nas entrevistas com os filhos de criação da maranhense: “rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanhos escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; meã (1,58, pouco mais ou menos), morena.”²⁵⁸

A problemática da reprodução de sua imagem está centrada no embranquecimento, no esquecimento gerido de sua negritude, a ela imposto: durante alguns anos a Câmara de Vereadores de Guimarães exibiu uma pintura da escritora gaúcha Maria Benedita Câmara Borman identificada como Maria Firmina dos Reis.

Figura 4: Ilustração de Maria Benedita Câmara Borman existente em *Mulheres Ilustres do Brasil*



Fonte: Site Memorial de Maria Firmina dos Reis

Figura 5: Pintura reproduzida por Rogério Martins



Fonte: Site Memorial de Maria Firmina dos Reis

²⁵⁷ PINHEIRO, Thayara Rodrigues. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: "Uma Maranhense"*. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p. 27.

²⁵⁸ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 16. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

Encomendada por Antônio Norberto ao pintor Rogério Martins, este retrato foi produzido tomando por base a imagem da escritora Maria Benedita Câmara Borman existente no volume *Mulheres Illustres do Brazil*.²⁵⁹ Conforme podemos perceber nas Figuras 1 e 2, trata-se de uma mulher branca e ricamente adornada. Ainda que o engano já tenha sido desfeito²⁶⁰, ainda hoje esta imagem é utilizada por *websites* para representar Maria Firmina dos Reis. Questionado sobre tal representação (legítima figura do esquecimento) onde Maria Firmina dos Reis aparece como branca, Martins repudia aquilo que chama de “crítica politicamente correta” e afirma que “para o observador arguto”, os traços de sua obra são “típicos de uma mestiça.”²⁶¹

Sua outra representação imagética é o busto executado pelo artista Flory Gama e inicialmente exibido na praça do Panteon Maranhense, em São Luís. Conforme podemos notar na Figura 3, trata-se da representação de alguém de nariz e lábios finos e de busto avantajado. Esta representação também destoa bastante dos relatos orais nos quais foi baseada e, considerando a escolha de esculpir um busto avantajado e à mostra, parece querer ressaltar muito mais o fato de tratar-se de uma mulher do que se comprometer com a descrição existente sobre Maria Firmina dos Reis.²⁶²

Figura 6: Busto em bronze de Maria Firmina dos Reis



Fonte: Site Memorial de Maria Firmina dos Reis

Diogo e Silva observaram esta disparidade entre a única descrição existente da fisionomia de Maria Firmina dos Reis e suas duas principais representações imagéticas,

²⁵⁹ DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 73-74.

²⁶⁰ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 102.

²⁶¹ DIOGO, Luciana Martins. Op. Cit., p. 74.

²⁶² SILVA, Régia Agostinho da. Op. Cit., p. 96.

entendendo que “essa não certeza de como era de fato a fisionomia da escritora levou a memória social a uma série de enganos”²⁶³, ou poderíamos dizer, na ausência de uma reprodução fotográfica, sua imagem física esteve aberta a construções do imaginário a informar mais sobre a imaginação de seus produtores, do que da fisionomia da retratada. Assinalando a tentativa de,

por meio da memória, contornar o invisível e elaborar um possível retrato da escritora, mas também nos leva a pensar rapidamente a respeito do ‘peso da dimensão estética na conformação do preconceito racial e do racismo’ ao embranquecer-la.²⁶⁴

As questões que cercam as representações imagéticas e o *boom* comemorativo referentes a Maria Firmina dos Reis são características de uma luta de e por memórias que envolvem este processo de (re)descobrimento da autora que se desenrola desde que Horácio de Almeida e Nascimento Moraes Filho recuperaram sua obra e biografia. As maneiras pelas quais estas memórias – bem como os esquecimentos que lhes acompanham – se configuraram no discurso acadêmico formam o conteúdo do terceiro e último capítulo desta pesquisa.

²⁶³ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 97.

²⁶⁴ DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Ecrava de Maria Firmina dos Reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 58.

3 COMO MARIA FIRMINA DOS REIS FOI LEMBRADA E ESQUECIDA?

“A mais expressiva figura feminina maranhense [...] que, no presente, evocamos como paradigma que devem suas conterrâneas tomar, não só no cultivo da inteligência, mas também na prática do feminismo que Maria Firmina dos Reis encarnou: não o falso feminismo – o destrutivo – que quer criar a mulher inimiga do homem. Mas o verdadeiro feminismo – o construtivo – que reivindica para a mulher – meira natural do homem – as responsabilidades da vida e na vida. (...) Faleceu aos 92 anos de idade – pobre e cega! Ela que, durante a vida, enriqueceu tanta gente e deu luz a tanto cego!”

*(Nascimento Moraes Filho, 1975)*²⁶⁵

As memórias que hoje se formaram sobre Maria Firmina dos Reis são diversificadas e, algumas vezes, controversas. Ademais, uma vez que a maioria das pesquisas aqui analisadas retomam a biografia produzida por Nascimento Moraes Filho como base para tratar da vida da maranhense, o resultado é uma repetição pouco crítica do que este pesquisador conseguiu averiguar em seu trabalho, empreendido há 45 anos.

Um exemplo desta questão está na indefinição a respeito do nascimento de Maria Firmina dos Reis. O primeiro registro desta informação encontra-se no Dicionário Bibliográfico Brasileiro produzido por Sacramento Blake, e transcrito na biografia organizada por Nascimento Moraes Filho. Ali, Blake afirmava que Maria Firmina tinha nascido em São Luís do Maranhão em 11 de outubro de 1825 e que era filha de “João Pedro Esteves e dona Leonor Felipa dos Reis”²⁶⁶, sem mencionar qualquer dado a respeito da cor da pele de seus pais – ou da própria Firmina. Apenas no ano de 2015, Dilercy Adler encontra documentos que trazem informações divergentes desta: a data de nascimento é marcada como 11 de março de 1822, seu pai é declarado como negro e a mãe como “molata forra”.²⁶⁷

Outro exemplo trata da epígrafe acima transcrita. Mesmo os trabalhos mais ligados às questões das mulheres não chegaram a questionar esta visão de feminismo e de mulher desenhada por Nascimento Moraes Filho. E ainda que não sejam tão abertas em seu desejo de colocar a maranhense como um exemplo a ser seguido pelas mulheres, as pesquisas que a retratam como uma militante²⁶⁸ ou como “a voz das mulheres e dos negros”²⁶⁹ acabam

²⁶⁵ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 11 - 12. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

²⁶⁶ Ibid., parte 6, p. 1.

²⁶⁷ ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018

²⁶⁸ LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019, p. 19.

²⁶⁹ VRBATA, Sidinea Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyadolê do Brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana,

trazendo sentidos flutuantes, ambivalentes, que transformam Maria Firmina dos Reis em uma figura exemplar, desenraizando-a de seu tempo e humanidade.

A percepção da memória como uma demanda do presente e como um elemento constituinte das identidades são noções nas quais este estudo tem se apoiado, desde a apresentação das pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis até a análise dos objetivos e motivações que levaram pesquisadores a escolher a maranhense enquanto objeto de estudo. O mesmo direcionamento guiará as investigações daqui em diante, onde trabalharemos com duas noções: as imagens da memória e as imagens do esquecimento de Maria Firmina dos Reis. De resto, são imagens complementares como o é o ato de lembrar e esquecer. Queremos saber como estas imagens são construídas, estudadas, evocadas e atualizadas. O que é lembrado e o que é esquecido quando se fala de Maria Firmina dos Reis? A quais demandas esta lembrança e este esquecimento atendem?

3.1 Imagens da memória

Assim como evocamos as metáforas da escrita e da escavação para tratarmos dos estudiosos de Maria Firmina dos Reis, organizaremos este capítulo discorrendo sobre as imagens da memória e do esquecimento que surgiram ou foram criadas pelos escribas e arqueólogos que se ocuparam da vida da maranhense. Desta forma, ao tratarmos das imagens da memória, as maneiras pelas quais Maria Firmina foi lembrada, abordaremos suas facetas de pioneira, abolicionista e crítica da questão feminina. Já no que se refere aos aspectos que foram mais ou menos esquecidos por seus estudiosos, trataremos das imagens de professora e pessoa historicamente situada que a maranhense foi.

3.1.1 Pioneira na escrita feminina

Norma Telles, em muito apoiada nos escritos de Virgínia Woolf em *Um teto todo seu* e *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, deixa claro que, “para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino [...] é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes.”²⁷⁰ De fato, considerando que a regulamentação para a primeira escola para meninas no Brasil ocorreu

2018, p. 97.

²⁷⁰TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, [s. l.], v. 0, n. 120, 1989, p. 75.

apenas em 1827²⁷¹, seria natural esperar que o acesso feminino à leitura e à escrita fosse bastante incipiente. Mesmo com a abertura de escolas para meninas, nem o acesso, nem o direcionamento pedagógico era igualitário: “enquanto se pretendia formar mulheres dentro dos padrões culturais europeus de requinte, objetivava-se também a formação de criadas que dentro das residências da elite, não desvirtuassem os ‘bons costumes’ ali empregados.”²⁷²

No caso de Maria Firmina dos Reis, as pesquisas estimam que tenha sido educada em casa e que fosse, em grande parte, autodidata.²⁷³ Este aspecto tem sido abordado com interesse pelos autores que exaltam Maria Firmina dos Reis como a primeira escritora afrodescendente do país. A lembrança de Maria Firmina dos Reis como a primeira mulher negra a escrever um romance antiescravista é, sem dúvida, a imagem mais presente dentro e fora do meio acadêmico.

Horácio de Almeida, o primeiro nome que mencionamos em nosso estudo, já defendia o pioneirismo de Firmina sobre outras autoras no prefácio que produziu para a edição fac-similar de *Úrsula* em 1975.²⁷⁴ Os estudos que se seguiram mantiveram este posicionamento. Desde José Nascimento Moraes Filho, que proclamava ser Maria Firmina “a primeira romancista da literatura brasileira”,²⁷⁵ até Eduardo de Assis Duarte que aprofunda esta qualificação, afirmando ser a maranhense a “primeira afrodescendente a publicar romance no Brasil” e a “primeira autora de romance abolicionista na língua portuguesa”,²⁷⁶ Maria Firmina é lida como a primeira mulher negra a produzir literatura antiescravista. Assim, seu pioneirismo na literatura se mantém como sólida imagem a justificar a importância de ser lembrada.

Esta perspectiva se repete e se soma a outras imagens complementares à de pioneira nas pesquisas analisadas, conforme podemos observar nos trechos abaixo. Tratam-se de excertos das teses e dissertações selecionadas onde a palavra pioneirismo aparece relacionada à Maria Firmina dos Reis, fora das citações de outros autores.

²⁷¹ DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003, p. 153.

²⁷² CRUZ, Mariléia dos Santos. *Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no Século XIX*. 2008. 195 f. Tese (Doutorado) Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Araraquara, 2008, p. 130.

²⁷³ CORREIA, Janaína dos Santos. *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013, p. 100.

²⁷⁴ ALMEIDA, Horácio de. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Luís: Governo do Maranhão, 1975, p 5.

²⁷⁵ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida*, 1a. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 4.

²⁷⁶ DUARTE, Eduardo de Assis. Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis, Estudos Linguísticos e Literários, v. 0, n. 59, p. 223–236, 2018, p. 223.

Tabela 4: Trechos que caracterizam Maria Firmina dos Reis como pioneira

Trecho	Pesquisador (a)	Ano
A perspectiva pioneira em que Maria Firmina descreve a escravidão.	Algemira Macedo Mendes	2006
...fato de a maranhense ter sido pioneira na produção romanesca da autoria feminina no Brasil.	Juliano Carrupt Nascimento	2008
Pioneira , negra, mulher e abolicionista.	Régia Agostinho da Silva	2013
Maria Firmina dos Reis é pioneira no romance antiescravagista/abolicionista no Brasil.	Geraldo Ferreira da Silva	2017
...em 1859, concordamos com a visão predominante entre os estudiosos de Firmina de que a escritora pode ser considerada como pioneira .	Luciana Martins Diogo	2017
uma das pioneiras como participante na imprensa maranhense.	Jéssica C. Barbosa de Carvalho	2018
pioneira por tratar da temática da escravidão, da crítica da mulher e do negro enquanto personagens literárias e históricas na literatura brasileira.	Sidinea Almeida Vrbata	2018
Maria Firmina dos Reis, a julgar por sua escrita, sabia o quanto sua existência como mulher preta, concursada, professora, escritora, empreendedora, artista, pioneira e atuante política, incomodava.	Renata Carmo Alves	2019
Maria Firmina dos Reis, ao se verificar que ela tem uma escrita pioneira e transgressora, em vários aspectos.	Karina de Almeida Calado	2019
Com esse romance, Firmina foi pioneira por tratar o negro escravizado com uma humanização nunca vista antes na Literatura nacional.	Michelly Cristina Alves.	2019
Pioneira na questão abolicionista, Maria Firmina é uma escritora atemporal, que diz muito de sua época e, mais ainda, para os leitores atuais.	Jéssica Frizon Neres	2019

Fonte: A autora

Mas por que exaltar o fato de ser pioneira? Régia Agostinho da Silva, ao discutir questões da biografia de Maria Firmina dos Reis escrita por Nascimento Moraes Filho, observo que se trata de uma pesquisa empreendida em um momento sensível na história brasileira, a ditadura militar, onde “os movimentos negros e de mulheres retomavam suas posições e reconstruíam suas lutas. Encontrar uma escritora negra esquecida era se colocar neste debate político e trazer à tona uma memória subterrânea.”²⁷⁷ A biografia converte-se, então, em um texto cuja maior preocupação é destacar Maria Firmina dos Reis como primeira mulher a publicar um romance no Brasil, “numa tentativa meio desesperada de trazer para o cânone literário a autora injustamente esquecida”²⁷⁸. Isso culmina no fortalecimento desta imagem da memória: a primeira, a pioneira.

²⁷⁷SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 95.

²⁷⁸Ibid., p. 93.

Em termos de análise histórica, o foco exacerbado nesta originalidade pode ser problemático. Marc Bloch em seu *Apologia da história ou o ofício do historiador* (2001), texto seminal neste campo, alertava e criticava aquilo que chamou de o ‘ídolo das origens’. O entendimento de um começo que não só explica, mas “basta para explicar”²⁷⁹ é repudiado por Bloch uma vez que pode levar o historiador a “confundir uma filiação com uma explicação.”²⁸⁰ Em maior ou menor grau percebemos que em alguns trabalhos perpassa a sensação de que o fato de ter sido Maria Firmina dos Reis a primeira afrodescendente a escrever é quase que um fim em si, que não carece de apreciação crítica. Ter sido pioneira bastaria para sua consagração como escritora. Para além das problemáticas advindas do significado histórico do termo pioneirismo, vinculado a uma distinção ou autojustificação, resta outro questionamento: o da dificuldade de se constatar factualmente o festejado pioneirismo, que não raro é posição relativa e provisória. Maria Firmina dos Reis foi realmente a primeira mulher negra a escrever ou apenas aquela que conseguiu ter sua obra publicada e, assim, registrada para apreciação da posteridade? Além disso, Roland Barthes nos chama a atenção para o fato de que nenhum texto é uma invenção inédita, “mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura.”²⁸¹ Assim, não só existe a possibilidade de que Maria Firmina dos Reis tenha tido sucesso na empreitada de publicar seus escritos quando outras não tiveram, mas torna-se relevante entender que seus escritos não partem de um lugar inabitado.

De fato, dentro do nosso *corpus* documental poucos foram os pesquisadores que sinalizaram o desejo de deslocar suas análises do pioneirismo de Maria Firmina dos Reis no mundo da escrita. Luciana Martins Diogo teve a preocupação de “repensar Maria Firmina dos Reis como uma ‘pioneira’, apenas um caso singular”²⁸² e relacioná-la com seu tempo e espaço. Mesmo com essa tentativa, Diogo acaba por concordar com o pioneirismo da autora pela publicação de *Úrsula* (1859), e a situando com ideias comuns a seu contexto apenas quando publica *A Escrava* (1879).²⁸³ Percebe-se assim, quase que um paradoxo, uma vontade da memória que se impõe à análise: mesmo objetivando repensar a maranhense como pioneira, é difícil deslocá-la totalmente desta imagem da memória já tão firme a seu respeito.

²⁷⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 57.

²⁸⁰ Ibid., p. 58.

²⁸¹ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 3.

²⁸² DIOGO, Luciana Martins. Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras *Úrsula* e *a escrava de maria firmina dos reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 69.

²⁸³ Ibid., p. 95.

Esta imagem-lembrança tão forte remonta a Horácio de Almeida, mas se solidifica pesquisa após pesquisa, desde a biografia de José Nascimento Moraes Filho, a tese de Norma Telles, até as pesquisas mais recentes. É importante frisar que, em nossa pesquisa, o que interessa não é deslocar - ou destronar - a maranhense de seu posto, mas analisar a formação desta imagem tão forte e a sua operacionalidade para a compreensão histórica. Enfim, qual noção de história cultivamos quando nos apoiamos na ideia de pioneirismo como justificativa para abordar os sujeitos históricos? Ela precisa do título de pioneira para ser considerada uma escritora cuja obra mereça ser lida, ou mulher cuja trajetória possa ser estudada e compreendida? Ao afirmar que “o que mais distingue os livros não é o exagero romântico, ou as peripécias do enredo, mas sim o tratamento que a autora dá ao escravo”²⁸⁴, Telles reforça o lado social do texto de Maria Firmina dos Reis, que será retomado diversas vezes; além de operar uma justaposição da autora, da pessoa Maria Firmina dos Reis, com a escritora de *Úrsula*.

É importante nos questionarmos sobre o motivo da insistência no enfoque neste título de pioneira. Será que o pioneirismo é mais importante do que qualquer outro aspecto para tornar Maria Firmina dos Reis uma pessoa memorável? Se esse título se provasse incorreto, ela perderia suas qualidades literárias, sua relevância história e seu apelo para o presente? A eventual descoberta de outra autora negra que tivesse escrito um romance anterior a ela, porventura diminuiria a importância história de Maria Firmina dos Reis? Estamos certos de que não, porque não cultivamos uma noção de história laudatória. Como foi pontuado por Carlo Ginzburg, a história hoje não mais se interessa apenas pela “gesta dos reis.”²⁸⁵ No entanto, mesmo que se preocupe em “estender às classes mais baixas o conceito histórico de ‘indivíduo’”²⁸⁶, muitos estudiosos do passado ainda encontram dificuldades de se desvincular da necessidade de exaltar as figuras que estudam, quase como uma maneira de justificar seu estudo. Esquecem-se de que mesmo um indivíduo comum “pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico.”²⁸⁷

3.1.2 Abolicionista /antiescravista

Alguns estudos diferem quanto ao uso do epíteto antiescravista ou abolicionista

²⁸⁴TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, [s. l.], v. 0, n. 120, 1989, p. 77.

²⁸⁵GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Editora Companhia das Letras, 2017., p. 11.

²⁸⁶Ibid., p. 20.

²⁸⁷Ibid., p. 20.

para se referirem à obra de Maria Firmina dos Reis. É interessante notar que Norma Telles não procura qualificar o romance como abolicionista ou antiescravista, ressaltando apenas o mérito na construção da personagem negra humanizada. Já a pesquisadora Algemira Macêdo Mendes entende que *Úrsula* “não tem a pretensão de ser uma bula abolicionista”²⁸⁸, ainda que tenha forte cunho antiescravista. Mendes não discute, no entanto, a escolha pelo termo antiescravista.

Tal discussão é empreendida por Régia Agostinho da Silva, em 2013, que em seu trabalho destaca a impossibilidade de que o discurso de Maria Firmina dos Reis, em *Úrsula*, seja compreendido como um texto abolicionista, tanto pelo fato de que não propõe estratégias para o fim imediato da escravidão²⁸⁹, quanto pela questão da inexistência de um movimento abolicionista no Brasil em 1859.²⁹⁰ As mesmas reflexões e conclusões são retomadas por Luciana Martins Diogo, em 2017, na percepção de Maria Firmina dos Reis como antiescravista²⁹¹. No entanto, a problematização a respeito da escolha de antiescravista ou abolicionista se restringe a estas pesquisadoras. Majoritariamente as pesquisas (re)afirmam *Úrsula* como um romance abolicionista²⁹², sem se aprofundar na reflexão sobre o significado deste termo.

Esta caracterização do romance *Úrsula* como antiescravista se dá, sobretudo, pela construção das personagens negras empreendidas por Maria Firmina dos Reis no texto. No personagem Túlio, a autora mostra que, mesmo sobrecarregado pelas dificuldades da escravidão, uma pessoa escravizada poderia ainda ser boa e generosa. No romance, as qualidades éticas do personagem branco, Tancredo, são citadas em comparação às de Túlio, convertendo o personagem negro na bússola moral do livro: “desafiando toda a racionalidade colonial eurocêntrica, Túlio é o parâmetro a partir do qual se poderia conceber um universal

²⁸⁸MENDES, Algemira Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 97.

²⁸⁹Ibid., p. 137.

²⁹⁰Ibid., p. 137.

²⁹¹DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 194.

²⁹²OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 12; CARVALHO, Virgínia Silva de. *A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Memória e Cultura, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013, p. 41; LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019, p. 107; MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 84.

mais humano.”²⁹³

Já na caracterização da personagem Preta Suzana a autora traz o relato da captura na África e configura esta mulher como a representação da ancestralidade africana. É principalmente pela figura de Preta Suzana que Renata Carmo Alves comprehende que “Maria Firmina dos Reis devolveu ao indivíduo subalternizado, e aqui destacamos principalmente a mulher preta, a memória, o imaginário, a palavra.”²⁹⁴

Ainda assim, é possível que se construam interpretações destas personagens que possam lesar o verniz de excepcionalidade da escrita de Maria Firmina dos Reis. A pesquisadora Virgínia Silva de Carvalho frisou que, apesar de suas qualidades, o arco da personagem Suzana corrobora algumas representações e estereótipos comuns à época. Ao preferir o castigo severo imposto pelo vilão a denunciar o paradeiro da jovem Úrsula, Suzana “demonstra que, nas relações de subjugos, a estima e o afeto que o cativo dispensava a seu dono poderiam levá-lo à morte, o que corrobora mais uma vez a imagem do servo fiel e leal.”²⁹⁵ A nosso ver, o personagem Túlio também entra nesta categoria: ao receber a alforria o personagem decide continuar como servo de Tancredo e morre por conta desta relação.

Assim, percebemos que esta construção humanizada das personagens negras, a fala abertamente contrária à escravidão e as evidências apontando para a primazia da publicação de romance no Brasil, características percebidas e estudadas durante o período sensível da ditadura militar, levaram Maria Firmina dos Reis a uma posição de símbolo para o movimento negro no Brasil. Imagem que se atualiza - e se fortalece - mesmo após 55 anos do início da “glorificação da mulher maranhense na memória”²⁹⁶ da mais “expressiva figura feminina maranhense.”²⁹⁷

3.1.3 Crítica da questão feminina

O fortalecimento teórico do movimento feminista fecundou não apenas novas e

²⁹³ MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 71.

²⁹⁴ ALVES, Renata Carmo. *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 107.

²⁹⁵ CARVALHO, Virgínia Silva de. *A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Memória e Cultura, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013, p.104.

²⁹⁶ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis*, fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 11. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

²⁹⁷ Ibid., parte 1, p. 11.

mais profundas formas de análise da questão feminina ao longo do tempo, mas suscitou a necessidade de trazer para a atualidade figuras femininas antes esquecidas. A este movimento mais geral, soma-se o feminismo negro, que demandará questionamentos e representações próprios, abrindo espaço e necessidade de uma figura como a de Maria Firmina dos Reis.

Mas qual seria a dimensão da excepcionalidade de Maria Firmina dos Reis, em relação às mulheres de sua época? A situação precária da mulher na sociedade brasileira oitocentista é reconhecida. Mencionamos seu restrito acesso à educação, mas seu lugar na esfera política também merece nota. Além dos cerceamentos impostos à educação, na esfera civil também as mulheres não dispunham de muita liberdade. A título de exemplo, no Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1880, que promulgava lei sobre o casamento civil, era do marido o direito de autorizar a profissão da mulher e dirigir a educação dos filhos. Era também direito do marido a representação legal da esposa e filhos, bem como da administração dos bens familiares. No caso de um divórcio, processo difícil de ser aceito, o dote do casamento apenas poderia ser administrado pela mulher se ela fosse considerada inocente no processo de separação.²⁹⁸

Apesar das condições legais e morais a que a maioria das mulheres estavam circunscritas, eventualmente surgiram possibilidades de desafiar estas restrições. A escrita foi uma delas. É por esta análise que boa parte das pesquisas selecionadas neste trabalho se guiam e, em alguns casos, concluem que existe na escrita de Maria Firmina dos Reis um caráter de denúncia da condição feminina na sociedade brasileira do século XIX. Tal conclusão não encontra eco nesta pesquisa, configurando-se, a nosso ver, em mais uma projeção do presente no passado que a retomada da memória da maranhense no século XX e XXI produz: com a emergência dos estudos feministas e feministas negros, uma mulher que, além de condenar a escravidão negra, defendesse e falasse pelas mulheres de seu tempo se configuraria em uma imagem perfeita. Entendemos que é nessa necessidade de representatividade que as análises sobre Maria Firmina dos Reis terminam por lhe conferir contornos protofeministas que não vemos em sua obra. Novamente, precisamos nos questionar. A possibilidade de não ter sido uma feminista ou mesmo uma protofeminista comprometeria a análise e compreensão histórica da vida e da obra da escritora? Porque ela *precisa* carregar esta característica de defensora das mulheres, para que suas ações sejam

²⁹⁸BRASIL. Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890. Promulga a lei sobre o casamento civil. São Paulo, v. 48, p. 3-4, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D181.htm#:~:text=Promulga%20a%20lei%20sobre%20o%20casamento%20civil.&text=Art.&text=%C2%A7%205%C2%BA%20A%20certid%C3%A3o%20de,dos%20nubentes%20o%20houver%20contrahido. Acesso em: 7 set. 2020.

reconhecidas pela historiografia e sua obra valorizada?

Perceber na escrita de Maria Firmina dos Reis um manifesto contra a condição das mulheres de sua época nos parece um desvio interpretativo do qual ela não precisaria para ser considerada digna de ser lida, apreciada e compreendida historicamente. A autora que ficou famosa por humanizar os negros, talvez precise ser reconhecida também em sua condição histórica humana no tempo e no espaço e não como uma heroína. Isto apenas amplia o reconhecimento do valor de suas ações.

Afirmações como “a bandeira que a autora levantou com o feminismo alcançou a vida da mulher maranhense em aspectos diversos, como educação, literatura, música, comunicação, jornalismo”²⁹⁹ excedem em muito os usos controlados do anacronismo – que, nas palavras de Nicole Loraux, nos levaria ao terreno onde os pesquisadores “não contentes de tratar seu presente como uma reserva de questões, esforça[m]-se por encontrar-lhes alguma prefiguração na cidade antiga”³⁰⁰, no passado. Feminismo enquanto movimento inexistiu no Brasil até o início do século XX. Na melhor das hipóteses poderíamos falar em um protofeminismo, manifesto na materialidade de Maria Firmina dos Reis enquanto mulher que escreveu e encorajou outras a fazê-lo, mas que não necessariamente escreveu defendendo as mulheres ou clamando sua ascensão do lugar subalterno que ocupavam.

Adriana Barbosa de Oliveira afirma que, mesmo que possua uma visão biologizante de homens e mulheres, a escrita de Maria Firmina dos Reis desestabilizaria este binarismo ao apresentar no personagem Tancredo um “herói que escapa do padrão estabelecido, pois, contrariando as exigências de rigidez e dureza destinadas ao sexo masculino, sensibiliza-se com seu sofrimento e com o alheio, comove-se, chora e até desmaia.”³⁰¹ À postura e falas do personagem Tancredo também é creditada uma “crítica contundente à situação de opressão em que se encontrava a mulher de seu tempo.”³⁰²

Já Virgínia Silva de Carvalho entende *Úrsula* como um texto que se expressa, através de Tancredo, “defendendo a mãe submissa das tiranias do marido, a jovem órfã suscetível aos caprichos do tio despótico, o negro em luta pela liberdade roubada.” Esta concepção poderia ser dotada de sentido se considerasse a escrita de Maria Firmina dos Reis

²⁹⁹ MENESES, Francisca Pereira da Silva. *As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017, p. 104.

³⁰⁰ LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 63.

³⁰¹ OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 87.

³⁰² Ibid., p. 96.

como uma escrita irônica e com um toque de morbidez, uma vez que estas personagens - a mãe de Tancredo, Úrsula e Túlio - longe de serem salvos pelo herói, são abandonados (no caso da mãe) ou morrem em sua companhia e serviço. Esta perspectiva da escrita de *Úrsula* como algo quase gótico foi pontuada brevemente por Norma Telles, que entende que “não há solução para a época a não ser a destruição de todos.”³⁰³

A possibilidade de compreensão do texto firminiano como uma construção capaz de “ironicamente radicalizar a naturalização submissa da mulher”³⁰⁴ é pensada por Juliano Carrupt do Nascimento, perspectiva da qual discordamos. Ainda que possamos entender que no prólogo de *Úrsula* a autora se valha desta figura de linguagem ao depreciar seu “mesquinho e humilde” livro, que será examinado pelos “homens ilustrados, que aconselham, que discutem e corrigem”³⁰⁵, entendemos que na construção da obra este uso não se repete. Por mais subjetiva que possa ser a interpretação da ironia, entendemos que o fato de Maria Firmina dos Reis não se valer desta estrutura em seus outros textos e de não sustentar uma postura abertamente crítica da questão feminina, torna menos plausível que sua fala se valha da ironia na denúncia da condição feminina de seu tempo.

Tomemos a escrita de outra brasileira, antecessora de Maria Firmina dos Reis, como base de comparação. Já em 1832, Nísia Floresta publica *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Ainda que não exista acordo sobre a origem deste texto³⁰⁶, ele é um marco para as lutas pela emancipação feminina. Nesta obra, Nísia Floresta afirmava que “os homens se beneficiavam com a opressão feminina, e somente o acesso à educação permitiria às mulheres tomarem consciência de sua condição inferiorizada”, e “ridiculariza a ideia dominante da superioridade masculina.”³⁰⁷

Nosso entendimento da escrita de Maria Firmina dos Reis como uma produção que, para além do prólogo de *Úrsula*, não desafia, delata ou denuncia a condição da mulher em seu tempo vem do seguinte questionamento: se tal situação lhe parecia absurda e errada, porque não se opôs a ela de forma aberta e veemente como fez com a escravidão? Se com sua voz pessoal Firmina declarou esperar que seu livro estimulasse outras mulheres a escrever³⁰⁸ e

³⁰³ TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 171.

³⁰⁴ NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 97.

³⁰⁵ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 93.

³⁰⁶ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Travessura Revolucionária. *Revista Piauí*, n. 169, 6 out. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>>. Acesso em: 9 out. 2020.

³⁰⁷ DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003, p. 153.

³⁰⁸ REIS, Maria Firmina dos. Op. Cit., p. 94.

lecionou para meninos e meninas em sala mista quando isso era proibido,³⁰⁹ porque estas atitudes não foram transferidas para a literatura? Se trabalhamos então, com a noção de Barthes da separação entre indivíduo, autor e obra,³¹⁰ porque não basta a valorização de suas ações extraliterárias?

O questionamento a esta exacerbação da representação feminina enquanto denúncia na obra de Maria Firmina dos Reis não é inédito: Régia Agostinho da Silva aponta que algumas pesquisas, como as de Juliano Carrupt do Nascimento, Adriana Barbosa Oliveira e Algemira Macedo Mendes se detém apenas em supostos avanços da escrita firminiana em relação à mulher sem se deterem na representação dicotômica que a autora faz: a mulher angelical e perfeita personificada por Úrsula e a demoníaca, cruel e ambiciosa retratada em Adelaide, resultando em uma “tentativa de enaltecer o trabalho firminiano, acabam deixando um pouco de lado a imagem negativa da mulher construída por Maria Firmina dos Reis.”³¹¹ Ao nosso ver, tal enfoque não apenas ignora as representações negativas do feminino na escrita firminiana, mas deixa de estabelecer uma crítica a respeito da pouca diversidade na representação feminina em sua obra, buscando mascarar quaisquer falhas, faltas ou limites e sacralizar excessivamente os méritos.

Novamente frisamos: tratar ou não tratar da submissão feminina com um posicionamento a ela contrário em nada aumenta ou diminui a importância de Maria Firmina dos Reis na história da literatura brasileira. O que questionamos é que, no anseio de (re)afirmar a maranhense em nossa história ou de inseri-la no cânone sejam-lhe conferidos contornos que, se não podemos afirmar que não existissem em seu íntimo, é possível perceber com uma leitura crítica que não expressava em suas obras. São construções posteriores legítimas da memória social, mas não são ações e significações historicamente pertinentes a Maria Firmina dos Reis e seu tempo de vida. São do âmbito da memória, portanto, e não da história, acontecimento vivido.

3.2 – Imagens do esquecimento

Lembrança e esquecimento são partes complementares de um mesmo movimento

³⁰⁹ Considerando que mesmo estas não foram revolucionárias. Sua aula mista, iniciada em 1880 e fechada dois anos depois, pode estar mais relacionada com sua dedicação enquanto professora (frequentemente esquecida) do que com uma indignação particular com o cerceamento feminino. Especialmente porque, de acordo com a pesquisa de Carla Sampaio dos Santos, meninas deveriam ser ensinadas por professoras do mesmo sexo. Assim, Maria Firmina dos Reis estava em contato direto com a educação feminina.

³¹⁰ BARTHES, Roland. *A morte do autor*. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

³¹¹ SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 125.

da memória: a primeira não pode existir sem a segunda e o contrário também se aplica. Desta forma, a análise histórica que faz assomar a memória não é completa se não aborda o esquecimento. O que ocorre é que “sob o prisma da historiografia, o esquecimento tem sido enfocado exclusivamente como negação da memória”³¹², algo a ser combatido e evitado a todo custo, não apenas por uma historiografia alinhada à versão dos vencedores, mas inclusive quando esta memória se refere a histórias subalternas e marginalizadas.

Seixas aponta que, desde o pensamento grego clássico, a memória foi valorizada como uma memória-conhecimento, vista como uma faculdade intelectual, em detrimento do esquecimento, entendido como “falha ou ausência de conhecimento.”³¹³ Sendo a história, entre os gregos clássicos, embutida da tarefa de valorizar acontecimentos *memoráveis*,³¹⁴ nada mais natural, nesta perspectiva, que o esquecimento destes acontecimentos memoráveis seja tido como algo a se evitar. Apenas a partir das críticas a este vínculo entre memória e inteligência o esquecimento tem a chance de ter sua faceta positiva reconhecida. Esta positividade é ressaltada especialmente nas falas de Nietzsche e Proust, apontadas anteriormente, como uma forma de equilíbrio: a busca do perfeito balanço entre memória e esquecimento.

Para além da positividade ou negatividade do esquecimento, é importante perceber os motivos para este esquecimento. Esquecimentos também podem ser involuntários e geridos politicamente, como a memória. Para Ricoeur, em sua relação com a memória, o esquecimento se apresenta através da memória impedida, da manipulada e da anistia. A memória impedida se apresenta principalmente no âmbito psicanalítico. Assim como na imagem da escavação proposta por Assmann, Ricoeur retoma Freud com o entendimento de que o esquecido não é inalcançável.³¹⁵

Já o esquecimento relacionado à memória manipulada e à anistia estão intimamente relacionadas ao processo historiográfico. A primeira, geralmente manifestada através das histórias oficiais e oficiais, resulta em um “desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos.”³¹⁶ É neste nível, inclusive, que Ricoeur percebe na historiografia não apenas a possibilidade, mas a responsabilidade, de operacionalizar os estudos sobre o esquecimento difundidos nos campos da psicanálise, de forma a promover a “reconquista pelos agentes sociais do domínio de sua capacidade de fazer

³¹² SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 75-95, 2000, p. 78.

³¹³ Ibid., p. 83.

³¹⁴ Ibid., p. 82.

³¹⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 452.

³¹⁶ Ibid., p. 455.

narrativa.”³¹⁷ É também neste nível que as pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis operam: buscando uma narrativa diferenciada da oficial, que dê visibilidade e crédito para os grupos sociais cuja imagem de uma mulher negra, de alguma maneira extraordinária, possa representar.

Já a anistia enquanto face do esquecimento age como um duplo da memória obrigada: este esquecimento obrigado tem como projeto confesso “a reconciliação entre cidadãos inimigos, a paz cívica” e uma “relação mais profunda e mais dissimulada com um passado declarado proibido.”³¹⁸ É contra este tipo de esquecimento, no caso brasileiro marcado pelo desejo de ignorar e suavizar um passado escravocrata que moldou as relações atuais, que agem os pesquisadores de Maria Firmina dos Reis em seu desejo de rememorá-la e retirá-la do esquecimento a todo custo.

Os motivos para o esquecimento de Maria Firmina dos Reis foram, curiosamente, pouco discutidos. Percebe-se a variedade das atribuições dadas por Nascimento Moraes Filho em *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida* e pelos pesquisadores de nosso *corpus* documental que, em sua maioria, se utilizaram da biografia produzida por Moraes Filho para embasar seus estudos.

Para o biógrafo, Maria Firmina dos Reis foi antes ignorada, denegada, do que esquecida.³¹⁹ Os motivos apresentados pelo autor para este fato são a ausência de tradição na literatura brasileira, a alienação em que se encontram os escritores em relação a esta tradição, e mesmo em relação à sociedade, e o “divórcio com o povo”³²⁰ mantido pelo autor que escreve mais para, e sobre, as elites intelectuais do que para o povo.

Já para os pesquisadores de nosso *corpus* documental, o esquecimento de Maria Firmina dos Reis está relacionado a diversas questões: um cânone excludente, o histórico escravocrata de nosso país e à questões relacionadas a gênero e etnia.³²¹ Para Rafael Balseiro Zin e Karina de Almeida Calado, este esquecimento foi causado pelo “silenciamento ideológico vindo das elites condutoras da vida intelectual brasileira.”³²² Em outra direção,

³¹⁷ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 456.

³¹⁸ Ibid., p. 460.

³¹⁹ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 13. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³²⁰ Ibid., parte 1, p. 13.

³²¹ NERES, Jessica Frizon. *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019, p. 38.

³²² ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no brasil oitocentista*. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 27.

Bárbara Loureiro Andreta, se apoiando em Eduardo Assis Duarte, entende que o apagamento histórico da maranhense se deu pela utilização de um pseudônimo feminino, pelo fato de ser nordestina e ter escrito longe da corte e por conta do tratamento inovador que Maria Firmina dos Reis deu ao escravo em seus textos.³²³

É importante perceber que, independente da diferença de tempo entre os textos de Nascimento Moraes Filho e as teses e dissertações analisadas, que se valem de sua interpretação para fundamentar suas pesquisas a respeito da maranhense, as motivações apresentadas para o esquecimento de Maria Firmina dos Reis em muito diferem. Isto não é, por si só, um problema. Nosso questionamento se dirige mais ao fato destas teses e dissertações terem se valido desta biografia sem se referir aos posicionamentos do biógrafo, seja para questionar ou validá-los.

À parte dos motivos que possam ter levado Maria Firmina dos Reis ao esquecimento ou silenciamento, nos chamou atenção que, no processo de rememoração da maranhense, certos aspectos continuaram esquecidos ou ignorados pelos pesquisadores, seja por escolha de não querer se reportar a eles ou por, simplesmente, não terem conhecimento de sua existência. É importante frisar que, assim como se manuseia a memória, manuseia-se o esquecimento. Ao escolher determinadas memórias em detrimento de outras, imputa-se certos traços a uma pessoa ou ocasião do passado. O foco em tentar recuperar a figura da primeira romancista antiescravista do Brasil suprimiu em muito a imagem de Maria Firmina dos Reis como professora, mulher e indivíduo de seu tempo. Em nome desse projeto, o processo de mitificação e sacralização da maranhense teve mais força do que as tentativas de compreendê-la como sujeito histórico humanizado e inserida em seu tempo. Do mesmo modo que falamos em imagens-memória, evocamos agora, as imagens do esquecimento de Maria Firmina dos Reis.

3.2.1 A professora

Enquanto a atuação de Maria Firmina dos Reis como escritora é fortemente rememorada nas teses e dissertações que analisamos, seu trabalho de professora, ao qual se dedicou por trinta e quatro anos de sua vida, é colocado em segundo plano. Uma breve análise de nossas fontes evidencia tal afirmação: no exame dos resumos das teses e dissertações selecionadas nesta pesquisa, em apenas três consta o termo “professora” para se referir à

³²³ ANDRETA, Bárbara Loureiro. *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016, p. 54.

Maria Firmina dos Reis.³²⁴ Na análise da totalidade dos textos, as referências ao magistério da maranhense ocorrem com maior frequência, mas apenas como um adjetivo alternativo para se referir a ela ou como uma forma de instrumentalizar sua profissão como um meio para viabilizar sua escrita. A identidade (ou as imagens da memória) construídas para Maria Firmina dos Reis evocam identidades de gênero e étnicas, mas nem sempre de classe ou profissional.

A fala de Jéssica Frizon Neres nos dá algumas pistas: ao afirmar que Maria Firmina dos Reis, “consciente do seu papel de escritora, professora e mulher diante da sociedade, dedica-se a dar aulas para as crianças, filhos de lavradores e donos de terras da região”³²⁵, a pesquisadora faz uma escolha que indica a ordem de importância da maranhense: primeiro como escritora, depois como professora e, por último - e apesar de todas as alusões a seu papel de denúncia da condição feminina - como mulher. Ademais, ao entender que para a maranhense “ser professora lhe fornecia o primeiro meio de propagação de sua visão”³²⁶, Neres se permite uma inferência do conhecimento da consciência e intencionalidade de Maria Firmina ao escrever e lecionar, além de instrumentalizar e desestimar seu trabalho como professora.

De fato, não apenas nesta pesquisa, mas em outras que analisaremos adiante, a rememoração e a discussão de Maria Firmina dos Reis enquanto professora emerge apenas para exaltar sua atuação enquanto escritora e, frequentemente, para lhe fornecer os contornos de excepcionalidade, pioneirismo e agência política observados anteriormente. Ainda na pesquisa de Neres há a afirmação de que “Maria Firmina dos Reis quebra as duas barreiras impostas a ela, isto é, uma mulher negra que sai dos limites domésticos para exercer funções sociais, como escritora e professora.”³²⁷ Esta fala traz algumas implicações que merecem consideração.

Conforme a pesquisa de Mariléia dos Santos Cruz demonstrou, a alfabetização para meninas negras, inclusive escravizadas, existia no Maranhão do século XIX, por mais

³²⁴SANTOS, Carla Sampaio dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016; VRBATA, Sidinea Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyadolê do brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018; CARVALHO, Jéssica C. Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

³²⁵NERES, Jessica Frizon. *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019, p. 49.

³²⁶Ibid., p. 50.

³²⁷Ibid., p. 69.

escassa ou excludente que pudesse ser.³²⁸ A profissão de professora, por sua vez, era comum para o público feminino. Tratava-se de função aceitável e acessível para as mulheres, mesmo aquelas sem formação oficial. Assim, ainda que não fosse uma regra, não seria totalmente incomum ou extraordinário a atuação de uma mulher negra livre como professora. Entendemos, inclusive, que o prestígio com o qual é tratada nos jornais de seu tempo denota que sua situação não fosse uma excepcionalidade que causasse estranheza, uma vez que o magistério era uma das funções sociais aceitas para mulheres solteiras. Outro aspecto se refere às funções sociais destacadas nesta fala: escritora e professora em oposição e rebeldia ao espaço doméstico. Por mais que hoje a restrição à esfera doméstica seja considerada indesejável, não é possível negar sua função social. A problemática talvez resida não na existência de uma esfera doméstica, mas à comum relegação das funções sociais a ela ligadas, como a criação dos filhos e o cuidado com a casa, às mulheres apenas.

Ao afirmar que Maria Firmina dos Reis “mostra-se militante desde o início, já que foi a primeira mulher a ser aprovada como professora em um concurso público pelo estado do Maranhão”³²⁹, Lopes se posiciona nesta mesma espiral de excepcionalidade e exaltação de uma agência política da maranhense enquanto professora, deixando de lado aspectos mais pragmáticos como uma possível necessidade financeira ou mesmo a impossibilidade de atuar em outras esferas profissionais, contribuindo para o constante desenraizamento de Firmina de sua realidade vivida. Da mesma forma, Sidneia Almeida Vrbata percebe que “a própria atuação de Maria Firmina dos Reis como mulher negra e professora em uma província com o histórico escravista como a do Maranhão já se constitui, em si, como um fator de resistência social.”³³⁰ Tal percepção ecoa o tom sacralizante observado em toda esta pesquisa e evidencia uma percepção de que a própria existência de uma mulher negra professora e escritora é algo tão excepcional que se explica a si mesmo, além de denunciar o quanto a escolarização e a história da atuação dos negros na docência, durante o império brasileiro, ainda são desconhecidas.

A instrumentalização da atuação de Maria Firmina dos Reis no magistério também é promovida na pesquisa de Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho, que entende que

³²⁸ CRUZ, Mariléia dos Santos. *Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no Século XIX*. 2008. 195 f. Tese (Doutorado) Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Araraquara, 2008, p. 140.

³²⁹ LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019, p. 19.

³³⁰ VRBATA, Sidneia Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018, p. 59.

“seu papel como professora possibilitou sua inserção em grupos sociais que acabam por motivá-la a seguir também como escritora, tendo recebido incentivos significativos para que se tornasse reconhecida, burlando, em parte, o sistema de opressão vindo de diversas instituições limitadoras da mulher em sociedade, colocando-a apenas em ambiente interno.”³³¹ As pesquisas acima destacadas são aquelas que falam do magistério de Maria Firmina dos Reis para além de reconhecer sua existência ou utilizá-lo quase como um adjetivo alternativo à escritora no processo de escrita. A exceção encontra-se na pesquisa de Carla Sampaio dos Santos, que foi a única dentre as consideradas em nossa análise que se dedicou mais profundamente a abordar a atuação de Maria Firmina dos Reis na educação. Percebemos, no entanto, que ainda há uma predominância e maior valorização da sua atuação como escritora do que como professora no próprio título da pesquisa: *A escritora Maria Firmina dos Reis: História e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*.

Naquele trabalho, Santos analisa extensivamente os processos de efetivação, aposentadoria e afastamentos da maranhense durante seu tempo como professora, assim como busca perceber nos documentos disponíveis como poderia ter sido o dia a dia na sala de aula firminiana, quantas alunas atendeu ou qual era sua postura enquanto professora. O termo memória em seu título, inclusive, remete à releitura e análise das entrevistas recolhidas por Nascimento Morais Filho na biografia por ele produzida. Para além de reunir o que a documentação pode nos dizer da vida profissional de Maria Firmina dos Reis, Santos buscou evidenciar os aspectos pedagógicos da obra firminiana, aspectos estes observados também por Renata Carmo Alves.³³² A pesquisadora é, no entanto, mais crítica do que seus antecessores em sua análise, ao afirmar que “suas obras não chegam a ser tão significativas do ponto de vista literário, mas certamente o são do ponto de vista educativo”³³³ ecoando e deslocando (ainda que talvez não intencionalmente), a apreciação de Norma Telles de que o valor do texto firminiano, no caso *Úrsula*, não está em sua qualidade literária.

Estas apreciações, dificilmente admitidas em outras pesquisas, nos levam a perceber ainda mais o forte componente de um dever de memória que está atrelado ao (re)descobrimento de Maria Firmina dos Reis: ela *precisa* ser lembrada, principalmente enquanto escritora, independente da qualidade de sua escrita ser significativa ou não. Santos

³³¹ CARVALHO, Jéssica Catherine. Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de maria firmina dos reis*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p. 92.

³³² ALVES, Renata Carmo. *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 12.

³³³ Ibid., p. 107.

percebe que

Redescobrir e recuperar a figura da intelectual, como aquela pessoa que faleceu em 11 de novembro de 1917 aos 92 anos, solteira, cega e pobre diz muito sobre a cultura e a política do início do Brasil republicano, mas de fato, pouco diz sobre a figura de Maria Firmina dos Reis.³³⁴

Assim, esta pesquisa se preocupa em perceber que não só Maria Firmina dos Reis atuou no contexto de seu tempo,³³⁵ mas buscou destacar que sua carreira de escritora não era mais importante, mas confundia-se com sua profissão docente.³³⁶

Para nós, resta ainda um último questionamento. Por que pesquisas produzidas em âmbito acadêmico, tomando como assunto uma professora, relegam esta condição a um lugar subalterno, escolhendo evidenciar outras características muitas vezes não tão evidentes?

Uma resposta possível jaz na história da mulher negra na docência brasileira. Ainda que existam poucas pesquisas que discutam a inserção destas mulheres na docência em períodos anteriores ao início do século XX,³³⁷ consideramos que a menor importância dada à atuação de Maria Firmina dos Reis como professora, percebida desde a biografia produzida por Nascimento Moraes Filho (que dedica maior parte de seus esforços em reunir sua literatura e declarar sua primazia nas belas-artses), está relacionada a algumas questões adjacentes à história da mulher negra no magistério.

A primeira delas se refere ao apagamento historiográfico da mulher negra na docência brasileira, evidente na escassez de pesquisas sobre o tema e alicerçada no processo de branqueamento que não apenas o magistério, mas a sociedade em geral, enfrentou ao final do século XIX e que foi encarado como uma solução para alcançar a “heterogeneidade racial e cultural”³³⁸, entendida como necessária para construir um país moderno. Em importante pesquisa a respeito das mulheres negras na docência, Maria Lúcia Rodrigues Muller percebeu que em períodos anteriores ao início do século XX existia uma quantidade considerável de mulheres negras professoras. Tal situação muda com a aspiração ao progresso da sociedade brasileira e que, aos moldes europeus, preconizava uma hierarquia entre as raças que relegava a negros e orientais os patamares mais baixos.³³⁹ Assim, sendo considerada a escola primária

³³⁴ ALVES, Renata Carmo. *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis* em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 108.

³³⁵ Ibid., p. 108.

³³⁶ Ibid., p. 109.

³³⁷ MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. *Interfaces da educação*, [s. l.], v. 5, n. 14, p. 68–81, 2014, p. 69.

³³⁸ Ibid., p. 71.

³³⁹ MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues, VIANA, Luciana S. Professoras negras no Rio de Janeiro: História de um

como “o espaço preconizado para a criação do povo brasileiro”³⁴⁰, a presença de mulheres negras nestes espaços passa, aos poucos, a ser sutilmente coibida.

Um segundo aspecto que permite pensar as razões para o preterimento do magistério de Maria Firmina dos Reis como tema principal de pesquisa refere-se à desvalorização que a profissão enfrenta não apenas na atualidade, mas desde o século XIX. Desde a criação das primeiras escolas brasileiras, o ensino para meninos e meninas era diferenciado, sendo que as mulheres eram preparadas não para cargos públicos ou profissões, mas para o lar. Estes ensinamentos relacionados à esfera feminina deveriam, então, ser repassados por outras mulheres. Tanto este fator, quanto o imaginário da profissão de professora como uma função relacionada ao cuidado, carinho e proteção, contribuíram para uma feminização do magistério.³⁴¹

No que concerne o fato de as pesquisas aqui analisadas não se deterem sobre a carreira docente de Maria Firmina dos Reis, uma terceira possibilidade se apresenta. Somada à desvalorização do magistério nos níveis básicos, no nível de ensino superior existe uma outra forma de depreciação do ensino. Uma vez que os professores universitários não são apenas professores, mas pesquisadores, é perceptível uma tendência a desvalorizar e instrumentalizar a primeira função em detrimento da segunda, assim como Maria Firmina dos Reis escritora é valorizada sobre sua versão professora. Sendo a pesquisa, muitas vezes, o foco e a realização profissional destes professores, a atuação em sala de aula por vezes se converte em um mal necessário. Desta forma, como um espelho de si mesmo, uma sensibilidade, certa figuração da ordem do imaginário acadêmico sobre o ser professor, que se aproxima da desvalorização da docência, se pronuncia na visão de conjunto sobre estes trabalhos. Outro detalhe a respeito da biografia de Maria Firmina dos Reis dá pistas sobre este tema: frequentemente é sublinhado que a maranhense foi autodidata. Trata-se, a nosso ver, de uma informação especulativa, mencionada em nosso *corpus* documental pela primeira vez por Algemira Macêdo Mendes³⁴², sem indicação de referências para tal informação e constantemente replicada. No entanto, a imagem de alguém que “por esforço próprio

340 branqueamento. In: II CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: História e Memória da Educação Brasileira, 2, Natal, 2002, *Anais eletrônicos...* Natal: UFRN, 2002, p. 2. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0641.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

341 *Ibid.*, p. 2.

342 RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antônio Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: *VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*. 2006. p. 6168.

343 MENDES, Algemira Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 19.

conseguiu romper a cadeia da exclusão das mulheres no mundo das letras³⁴³ e que, assim, subverte os limites de raça, classe e gênero para se educar e elevar sozinha é bastante atraente. Independente do embasamento para tal afirmação, alimentar o imaginário de alguém que, apesar de todas as dificuldades impostas, é uma empreendedora³⁴⁴, pessoa capaz de aprender e triunfar sozinha, serve a uma desvalorização da figura do professor como apoio educacional, além de fomentar ideais a respeito de meritocracia e merecimento individual que nos enfraquecem enquanto sociedade e docentes.

Novamente, nos resta questionar: até que ponto somos capazes de nos desvincular de imagens desejáveis no presente da rememoração e às quais estamos habituadas, enraizadas em nosso imaginário - pioneira, autodidata, militante - para analisarmos a construção histórica destas ideias, sua atualização, seus usos e abusos?

Estes questionamentos são pertinentes ao caráter da nossa pesquisa, mas as escritas pessoais de Maria Firmina dos Reis, registradas em seu *Álbum*, denotam que ela mesma não valorizava sua docência o suficiente para refletir sobre ela em seus diários íntimos. Tal fato pode ter diversas explicações: talvez signifique que ela mesma internalizou a desvalorização da docência, ou que ela mesma encarava sua profissão como um amparo para sua atividade escrita ou ainda, pode não significar nada. pode ser que apenas não tenha desejado falar sobre alguns aspectos mais práticos de sua vida³⁴⁵, de sua vida pública ou que as páginas perdidas (ou censuradas)³⁴⁶ contivessem mais informações. Tudo isso nos remete à metáfora da escavação: ainda que os arqueólogos e escribas de Maria Firmina dos Reis queiram desenterrá-la, é impossível uma reconstrução total de seu passado. Seja por carência de fontes físicas, seja pela dificuldade em explorar sua subjetividade e mentalidade, seja pelo desejo, por vezes manifesto, outras vezes subentendido, de quem estuda sua vida e sua obra de deslocar a maranhense de seu tempo para o nosso, atualizando-a, o que também, vale dizer, é procedimento que se funda no esquecimento da distância entre ela e nós.

³⁴³SILVA, Régia Agostinho Da. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. *Leitura: Teoria & Prática*, [s. l.], v. 29, n. 56, p. 11–19, 2011, p. 13.

³⁴⁴ALVES, Renata Carmo. As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019, p. 50.

³⁴⁵Nas entradas que sobreviveram deste *Álbum*, predominam anotações relacionadas à morte de pessoas próximas, alguns registros de viagens, nascimentos e casamentos. Excepcionalmente há notas onde a maranhense fala sobre si mesma.

³⁴⁶MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 15. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

3.2.1 Uma pessoa historicamente situada

As origens familiares e a data de nascimento de Maria Firmina dos Reis são ainda incertas. Os primeiros registros, tais como a biografia de Nascimento Morais Filho, apontam sua data de nascimento no dia 11 de outubro de 1825, na cidade de São Luís, tomando como base o verbete do *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Sacramento Blake. Sabemos, no entanto, que este verbete foi construído de forma indireta, através de cartas recebidas por Blake³⁴⁷, o que coloca sua exatidão em cheque.

Mais recentemente, descobriram-se os *Autos de Justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis*, documento ainda pouco estudado.³⁴⁸ Este documento coloca o nascimento da maranhense no dia 11 de março de 1822, alegando que apenas seu batismo teria tomado lugar em 1825. Tal fato torna-se de difícil verificação, uma vez que o documento de batismo “não apresenta nem data, nem o local do seu nascimento, indicando apenas ter sido batizada em 21 de dezembro de 1825.”³⁴⁹ Um elemento que não chegou a ser discutido em nenhuma das teses e dissertações aqui analisadas é a possibilidade do *Auto de justificação* ser um documento forjado pela necessidade de Maria Firmina dos Reis comprovar a idade de 25 anos (e não 22, caso fosse nascida em 1825), exigida por lei para a posse do cargo de professora em 1847.³⁵⁰

Outro elemento pouco debatido é a filiação da maranhense. Na biografia de Nascimento Morais Filho sabemos que Maria Firmina dos Reis era filha de Leonor Filippa dos Reis e João Pedro Esteves e que esta união não era oficial.³⁵¹ Não temos, no entanto, indicações a respeito da cor de seus pais, ainda que Morais Filho caracterize a maranhense como “mulata”³⁵² sem, no entanto, mencionar se esta informação foi passada por seus entrevistados ou subentendida pela afirmação da maranhense, em seu *Álbum*, de que Deus lhe negara o “albor” da lua.³⁵³

Já nas pesquisas que se referem aos *Autos de Justificação* encontramos

³⁴⁷ ALMEIDA, Horácio de. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Luís: Governo do Maranhão, 1975, p. 4.

³⁴⁸ Infelizmente, as condições impostas pela pandemia de Covid-19 me impediram de consultar pessoalmente estes documentos.

³⁴⁹ CRUZ, Mariléia dos Santos; DE MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. *Notandum*, [s. l.], v. 1, n. 48, p. 151–166, 2018, p. 158.

³⁵⁰ *Ibid.*, p. 158.

³⁵¹ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 3. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁵² *Ibid.*, parte 6, p. 3.

³⁵³ *Ibid.*, parte 4, p. 26.

informações divergentes: enquanto a pesquisa de Dilercy Aragão Adler aponta que Leonor Felippa dos Reis era “molata forra” e João Pedro Esteves “negro”³⁵⁴, a pesquisa de Mariléia dos Santos Cruz não traz apontamentos sobre a cor do pai, mas esclarece que na certidão de batismo da maranhense “não consta nenhuma indicação de paternidade” e que apenas na certidão de óbito o nome é mencionado, “algo que foi declarado por pessoa próxima da autora”.³⁵⁵ Cruz afirma que João Pedro Esteves era sócio de Caetano José Teixeira, ex-senhor de Leonor Felippa dos Reis, e homem de posses.

Ainda sobre os laços parentais, esta pesquisa menciona outro aspecto recorrentemente afirmado nas teses e dissertações de nosso corpus documental: o suposto parentesco de Maria Firmina dos Reis com Francisco Sotero dos Reis, famoso homem de letras maranhense e Inspetor da Instrução Pública em 1847³⁵⁶, ano da aprovação de Maria Firmina dos Reis em concurso público.

Natural de São Luís, seus biógrafos têm repetido que³⁵⁷, aos cinco anos Maria Firmina dos Reis muda-se para Guimarães com a família, onde viveu “encerrada na casa materna”³⁵⁸, cercada pelas tias, primas e avó. Ali, recebeu a “educação freirática”, cuja essência não é clara. Geraldo Ferreira Silva descarta “qualquer possibilidade dessa educação ter sido em algum convento católico, pois desde a sua época até os dias atuais não há conventos em Guimarães.”³⁵⁹ Supõe-se, assim, que essa educação tenha sido ministrada em casa, talvez por “sua tia afortunada que deveria ter alguma formação educacional.”³⁶⁰

Maria Firmina dos Reis não chegou a se casar. É interessante notar como, mesmo para Morais Filho, seu mais fervoroso adorador, este fato era tão notável e a tornava não mais que um “campo ubérrimo para florescer as flores roxas da morbidez”, uma mulher “bastarda!... e pobre!... e de sobejo uma solteirona ou ‘moça velha’ de amor frustrado.”³⁶¹ A maranhense, no entanto, cultivou muitos laços de familiares e de amizades. Durante sua vida, foi mãe de criação de diversas crianças, madrinha de muitas outras, a quem se refere em seu

³⁵⁴ ADLER, Dilercy Aragão. *A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense*. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 83.

³⁵⁵ CRUZ, Mariléia dos Santos; DE MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. *Notandum*, [s. l.], v. 1, n. 48, p. 151–166, 2018, p. 158.

³⁵⁶ Ibid., p. 158.

³⁵⁷ Trata-se de uma informação replicada desde a biografia de Nascimento Morais Filho.

³⁵⁸ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 4, p. 21. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁵⁹ SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 201, p. 43.

³⁶⁰ Ibid., p. 43.

³⁶¹ MORAIS FILHO, Nascimento. Op. Cit., parte 6, p. 3.

Álbum, marcando desde suas datas de batismo, idades de desmame e quando aprenderam a andar, até o falecimento de muitos deles. Estas mortes, tanto dos filhos de criação quanto de crianças próximas, como Adelsom, “criança gentil, simpática, bonita”³⁶² que viveu apenas nove meses, são marcados por notas de tristeza muitas vezes convertidos em poemas.

Um destes filhos, Renato, nasceu dezembro de 1862, e em função do falecimento de sua mãe biológica, cuja identidade não é mencionada, foi dado à Maria Firmina dos Reis para o criar. Não viveu muito. Em junho de 1863, aos 41 anos, Maria Firmina dos Reis escrevia sobre a dor de perder seu “pobre anjinho.”³⁶³ Trata-se do primeiro registro de adoção e morte de um filho de criação, assim como o mais longo. Os registros seguintes são bem mais curtos, dando uma ideia de triste aceitação diante das constantes perdas que sofreu durante a vida. O ano de 1872 lhe trouxe o falecimento de pelo menos duas pessoas próximas, Caetana e Isidoro, cuja perda é descrita no *Álbum* e resvala em um artigo sobre suas impressões de viagem publicadas no jornal *O Domingo*: “basta em fim; porque a alma enlanguece a força da dor que a dilacera; os olhos inchutos pelas agoniás da vida; o coração desfeito, e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura! E o vapor corria, corria sempre.”³⁶⁴

A carreira docente e a vida de professora de Maria Firmina dos Reis, aquela imagem do esquecimento que identificamos anteriormente, não foi descrita em seus diários íntimos. É pelo olhar de outros que podemos almejar conhecê-la. Talvez o episódio mais reproduzido a partir da biografia de Nascimento Moraes Filho seja o do palanquim. Diz-se que ao ser nomeada para o cargo de professora, seus familiares quiseram que fosse receber o título em um palanquim, pedido que ela teria recusado veementemente afirmando que “negro não é animal para se andar montado nele.”³⁶⁵ Para além desta curiosidade, conforme mencionamos anteriormente, pouco se discutiu a atuação de Maria Firmina dos Reis enquanto professora em nosso *corpus* documental.

No geral, o que chama a atenção são os frequentes pedidos de afastamento solicitados pela maranhense e o suposto pioneirismo na criação de uma aula mista no

³⁶² MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 4, p. 29. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁶³ Ibid., parte 4, p. 22.

³⁶⁴ REIS, Maria Firmina dos. Um artigo das minhas impressões de viagem. *O Domingo*, Maranhão, 8 de set. de 1872. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=718670&pesq=Maria%20firmina%20dos%20reis&pag=fis=11>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

³⁶⁵ MORAIS FILHO, Nascimento. Op. Cit., parte 1, p. 12.

Maranhão, apresentada e descrita na biografia produzida por Nascimento Morais Filho³⁶⁶ e replicada ao longo das pesquisas que abordaram o tema. Tal pioneirismo é desacreditado na pesquisa de Mariléia dos Santos Cruz, que aponta uma outra aula mista em 1862 em Cururupu, também no estado do Maranhão,³⁶⁷ enquanto a aula mista de Maria Firmina dos Reis teria ocorrido em 1880. Apesar da glorificação desta aula mista como uma demonstração das “ideias avançadas e revolucionárias”³⁶⁸ da maranhense, era possível que “outros aspectos da realidade social carente do interior”³⁶⁹ a tivessem levado a aderir tal modelo educacional, como, por exemplo, a falta de professores para os dois sexos.

A respeito de seus muitos pedidos de afastamento, é importante notar que alguns coincidem com a data de publicação de algumas de suas obras: em 1859, para *Úrsula*, e em 1871, para *Cantos à Beira Mar*.³⁷⁰ Muitos outros pedidos ocorreram, o que remete à sua “compleição débil.”³⁷¹ Em sua pesquisa, Carla Sampaio dos Santos analisa estes pedidos, percebendo que Maria Firmina dos Reis foi uma “professora que conhece e faz uso das regras burocráticas e administrativas.”³⁷² Sua saúde debilitada e os constantes pedidos de licença, que eventualmente começam a ser negados, culminam no “desligamento de sua condição de docente da província, por aposentadoria”³⁷³, em 1881.

Sua vida enquanto escritora é muito mais amplamente analisada. Sabemos que publicou um romance, *Úrsula* (1859), um conto indianista, *Gupeva* (1861), um conto abolicionista, *A escrava* (1887) e diversos poemas publicados em jornais e reunidos na obra *Cantos a Beira Mar* (1871). Maria Firmina dos Reis também apareceu nos jornais de seu tempo assinando artigos sobre suas impressões de viagem,³⁷⁴ texto também melancólico cuja data de publicação coincide com três notas sobre falecimentos em seu *Álbum*, brindes de

³⁶⁶ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 12. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁶⁷ CRUZ, Mariléia dos Santos; DE MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. *Notandum*, [s. l.], v. 1, n. 48, p. 151–166, 2018, p. 164.

³⁶⁸ SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis*: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017, p. 48.

³⁶⁹ CRUZ, Mariléia dos Santos; DE MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda. Op. Cit., p. 164.

³⁷⁰ SANTOS, Carla Sampaio dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis*: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 69.

³⁷¹ MORAIS FILHO, Nascimento. Op. Cit., parte 4, p. 21.

³⁷² SANTOS, Carla Sampaio dos. Op. Cit., p. 69.

³⁷³ Ibid., p. 73

³⁷⁴ REIS, Maria Firmina dos. Um artigo das minhas impressões de viagem. *O Domingo*, Maranhão, 8 de set. de 1872. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=718670&pesq=Maria%20firmina%20dos%20reis&pag=fis=11>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

casamentos,³⁷⁵ charadas³⁷⁶ e poemas obituários.³⁷⁷

É, no entanto, por sua “avezinha silvestre”³⁷⁸, o romance *Úrsula*, que lhe rendeu mais atenção tanto em nosso tempo quanto em seu próprio. Definido como “belíssimo e interessante romance, primoroso trabalho da nossa distincta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis”³⁷⁹, este livro é seu trabalho mais relembrado. O mesmo jornal que dá estes créditos ao livro pede a “benevolente atenção” do público, de modo a não desanamar a autora de continuar escrevendo, o que parece ter surgido efeito. Ainda que não tenha escrito outro romance, a maranhense teve vida ativa nos jornais do Maranhão. Além disso, há de se considerar a possibilidade de diversos escritos seus não terem sido publicados, uma vez que “já velha, ainda, muitas vezes passava horas e horas escrevendo.”³⁸⁰

A velhice de Maria Firmina dos Reis foi tratada por ela mesma. Em uma das últimas anotações em seu *Álbum*, intitulada “Lágrimas da velhice”, a maranhense define esta lágrima como “o resumo de quanta dor na vida, de quanta amargura nos punge a alma, de quanta mágoa nos dilacera a alma.”³⁸¹ É ainda, uma “lágrima vertida em solidão, escondida a todos; porque ninguém comove.”³⁸² Esta entrada, sem data, é precedida por uma série de anotações curtas referentes a viagens e mortes de conhecidos, quase como em um inventário. Na última delas, antes de “Lágrimas da velhice”, a maranhense conta que Leude, seu filho de criação, foi para São Luís em 1903. Maria Firmina dos Reis ora para que “Deus o guarde, e a todos os meus filhos. Amo-os.”³⁸³ A última anotação de seu *Álbum* nos informa da viagem de retorno do Pará para Guimarães, em 1903, encerrando assim os escritos da maranhense sobre sua longa vida.

Tudo indica que, de fato, Maria Firmina dos Reis morreu pobre e, de acordo com

³⁷⁵ REIS, Maria Firmina dos. Um brinde à noiva. *Pacotilha*, São Luís, n. 190, 11 ago. 1900. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=23056>. Acesso em: 1 dez. 2020.

³⁷⁶ MARQUES, Cezar Augusto Marques. (org). *Almanach de lembranças brasileiras*. São Luís: Botica Imperial. 1863, p. 126 - 127. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706680&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=417>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

³⁷⁷ REIS, Maria Firmina dos. Nenia. *Pacotilha*, São Luís, n. 67, 16 mar. 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=9006>. Acesso em: 1 dez. 2020.

³⁷⁸ Id., *Úrsula*, Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 93

³⁷⁹ O JARDIM DAS MARANHENSES, São Luís, n. 23, 20 set. 1861. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761265&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=13>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

³⁸⁰ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 4. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁸¹ Ibid., parte 5, p. 3

³⁸² Ibid., parte 5, p. 3.

³⁸³ Ibid., parte 5, p. 3.

Nascimento Moraes Filho, cega.³⁸⁴ Em uma publicação de 1910, sete anos antes de seu falecimento, o Diário do Maranhão registrava que a professora jubilada requeria um “pedido de abertura de crédito de vencimentos”,³⁸⁵ o que indica que seu salário de aposentada era insuficiente para suas despesas.

O que podemos inferir de sua biografia? À parte da possibilidade ou mesmo utilidade de conhecer a intimidade de um indivíduo para entender sua obra, percebemos que Maria Firmina dos Reis optou por escrever e descrever os aspectos mais tristes e humanos de sua existência, o que para Nascimento Moraes Filho significava que seu ultra-romantismo não era artificial, mas “tinha raízes profundas em suas entranhas.”³⁸⁶ Esta visão, infelizmente, culminou em um estado onde as pesquisas a seu respeito muitas vezes carecem de consulta crítica às fontes primárias e recaem em uma romantização exagerada de sua vida³⁸⁷.

Entendemos que, independente de seu pioneirismo em qualquer esfera, Maria Firmina dos Reis atuou, avançou e recuou dentro daquela “jaula flexível e invisível”³⁸⁸ fornecida pela cultura e dentro da qual cada um de nós se movimenta.

3.3 Maria Firmina dos Reis por si mesma

“Bem compreendeis o que é um álbum - são as páginas d’alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança – saudade, ou dor, eis o que ele significa”

(Maria Firmina dos Reis, 1869)³⁸⁹

Se a escrita de si é uma “ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejará ser visto” e de “refutar as representações que os outros têm de nós”,³⁹⁰ Maria Firmina dos Reis escolheu deixar para o mundo talvez a face mais crua de sua existência. O *Álbum* da maranhense é o texto mais íntimo deixado por ela. São nestes

³⁸⁴ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 1, p. 11. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁸⁵ DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, n. 11004, 8 mar. 1910. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720011&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=42841>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

³⁸⁶ MORAIS FILHO, Nascimento. Op. Cit., parte 6, p. 3.

³⁸⁷ CRUZ, Mariléia dos Santos; DE MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. *Notandum*, [s. l.], v. 1, n. 48, p. 151–166, 2018, p. 164.

³⁸⁸ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Editora Companhia das Letras, 2017., p. 20

³⁸⁹ MORAIS FILHO, Nascimento. Op. Cit., parte 4, p. 23..

³⁹⁰ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, [s. l.], v. 11, n. 21, p. 9–34, 1998, p. 31.

fragmentos, recolhidos por Nascimento Morais Filho, e no prefácio de *Úrsula*, que podemos encontrar mais elementos da subjetividade de Maria Firmina dos Reis.

As condições de publicação destes fragmentos, no entanto, recomendam mais cautela do que originalmente necessário ao lidar com documentos autobiográficos. Leudes Guimarães, o filho de criação de Maria Firmina dos Reis, que entregou para Morais Filho estes escritos pessoais, justificou a fragmentação com um roubo que teria sofrido em um hotel em São Luís.³⁹¹ Luíza Lobo, em seu *Crítica sem juízo* (1993), dedica algumas páginas à análise material do *Álbum*, entendendo que as páginas disponíveis

Apresentam breves notícias e saltos de quatro, por vezes mais anos. Por isso é questionável que parte dos originais tenha sido roubada numa pensão [...]. O álbum parece ter forma entrecortada, descontínua. Embora eu não tenha tido o original em mãos, o conteúdo não parece apresentar páginas perdidas.³⁹²

Infelizmente, muitas questões referentes à materialidade deste *Álbum* não podem ser verificadas, uma vez que os originais desapareceram e contamos apenas com os fragmentos reproduzidos na biografia de Morais Filho, que foram transcritos por Jamil Jorge, poeta e dramaturgo.³⁹³

A tônica das anotações pessoais de Maria Firmina dos Reis é bastante melancólica. A maior parte das entradas do *Álbum* se refere a morte de conhecidos, lamentações e apelos religiosos. A religiosidade, presente também em sua ficção, parece ser o único freio para os impulsos suicidas da maranhense, que em uma anotação de 2 de fevereiro de 1861, aos 39 anos, na qual relata a mudança para uma casa nova, onde espera ser mais feliz, escreve: “tentar contra os meus dias, seria um crime contra Deus, e contra a sociedade; mas almejo a morte. Perdoai-me Deus de misericórdia! Mas a vida é-me assaz penosa, e eu mal posso suportá-la.”³⁹⁴

A respeito de si mesma, em uma entrada de 1863 intitulada “Resumo de minha vida”, escrita aos 41 anos e três anos depois da publicação de *Úrsula*, Maria Firmina se descreve: “de uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais.”³⁹⁵ O texto segue contando de sua infância na casa

³⁹¹ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 6, p. 4. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁹² LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p. 230.

³⁹³ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 33, n. 96, p. 91–108, 2019, p. 100.

³⁹⁴ MORAIS FILHO, Nascimento. Op. Cit., parte 4, p. 20.

³⁹⁵ Ibid., parte 4, p. 21.

materna e com poucos amigos. Em seguida, fala sobre o amor, declarando-o a “felicidade da vida”, mas também “uma paixão funesta – é o amor quem espreme no mundo tanto fel, tanta amargura, é quem torna a vida peso insofrível, por demais incômodo.”³⁹⁶ Esta concepção do amor é perceptível em *Úrsula*, uma vez que além de não existir final feliz, o caminho que o casal trilha desde o início do livro é pavimentado em dificuldades e tristezas, em uma antecipação de seu final.

Ainda no “Resumo de minha vida”, Maria Firmina dos Reis afirma que

A mulher é como a flor, esta sonha meiguices ao despertar do sol, porque o sol que surge há de afagá-la, sorrir-se [...] de felicidade sem lembrar-se a pobrezinha que esse viver de deleites é dum momento, e que esse mesmo sol, que tão docemente a seduziu em seus transportes amorosos com suas faíscas ilusórias, vai-lhe roubando a vida e os encantos.³⁹⁷

Pela disposição do texto, escrito logo após o parágrafo onde fala de sua infância, e pela afirmação seguinte de “eu experimentei já essa doce ilusão que mais faz amargar os últimos dias da existência”, subentende-se que a maranhense estava não apenas escrevendo sobre sua juventude, aparentemente frustrada em relação a casamentos e namoros, mas também que com 41 anos, já se imaginava às beiras da morte: os “últimos dias de existência” se prolongariam por mais 54 anos, nos quais a tristeza continuou sendo o tema maior de seu diário pessoal.

Este trecho nos permite também pensar em como Maria Firmina dos Reis percebia as mulheres de seu tempo. Além de não denotar, em parte alguma de seus escritos íntimos, qualquer posicionamento acerca das infelicidades femininas do século XIX, neste trecho fica claro que a ideia de mulher para a maranhense estava deveras alinhada com o imaginário social de sua época: meiga, doce, ingênua e frágil, a quem o sol (os homens, a vida) iria machucar. Apesar disso, existe uma crítica, senão a respeito das infelicidades, da educação destinada às mulheres de seu tempo. Além de creditar à “educação freirática” a piora de suas frágeis disposições naturais, Maria Firmina dos Reis também remete ao assunto no prólogo de *Úrsula*, ao desculpar-se pela qualidade de seu romance, “escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada.”³⁹⁸ Neste texto também afirma esperar que seu romance, por mais defeituoso que fosse, servisse de “incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais

³⁹⁶ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 4, p. 21. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

³⁹⁷ Ibid., parte 4, p. 21.

³⁹⁸ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 93.

timidez do que nós.”³⁹⁹

Em uma das poucas pesquisas que se dedicaram a analisar os escritos pessoais de Maria Firmina dos Reis, Melissa Rosa Teixeira Mendes apontou para esta questão da visão idealizada da maranhense sobre as mulheres:

Em algumas passagens de seus escritos pessoais, Firmina adjetiva mulheres próximas a ela como “virgens, meigas, belas, sedutoras”, mulheres que inspiram a “mais doce e meiga simpatia”, “uma linda e interessante menina”, “pobre flor”, “filha, mãe e esposa; mas cortada em flor a tua existência”, entre outras passagens.⁴⁰⁰

Também analisando o *Álbum*, o pesquisador Geraldo Ferreira da Silva percebe nestas representações da mulher e nas descrições de si mesma feitas pela maranhense uma “capacidade de retratar a si e as mulheres como seres sofredores.”⁴⁰¹ Além disso, ao analisar a “educação freirática” recebida por Maria Firmina dos Reis resultou na falta da

“presença paterna e masculina na sua formação direta. Esse dado pode ter influenciado de forma significativa sua escrita, onde se percebe que Firmina, subvertendo as marcas de exceção, a timidez e a fragilidade, imprimiu em seus textos uma ânsia de lutar pelas mulheres, pelos negros e por todos os excluídos.”⁴⁰²

À parte as já comuns generalizações quando se fala da maranhense, esta conclusão nos permite pensar novamente na sacralização da autora. Sua história de vida de fato denota que foi uma pessoa, se não forte, resiliente. No entanto, nesta fala percebemos mais um deslocamento da humanidade de Maria Firmina dos Reis: como na máxima popular – *o que não nos mata nos fortalece* – as dificuldades enfrentadas pela maranhense são lidas como outra faceta de sua excepcionalidade, tendência compreensível, mas que interdita a abordagem de sua dimensão humana, que declarava em seu diário não ter apego à vida e nem nela ter encontrado felicidade. Talvez mesmo pela ausência desta figura paterna.

Afora os apontamentos a respeito da educação feminina e o relato de algumas ocasiões sociais e viagens, nos diários de Maria Firmina dos Reis não existem referências a assuntos de preocupação social. Importante frisar que durante sua longa vida, a maranhense foi contemporânea do início e do fim do reinado e D. Pedro II, das atribulações do período, como a Guerra do Paraguai e a Proclamação da República, bem como da escravidão e de seu

³⁹⁹REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 94.

⁴⁰⁰MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Ursula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013, p. 135.

⁴⁰¹SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017, p. 42

⁴⁰²Ibid., p. 42-43.

longo processo de abolição. A autora afirma que o *Álbum* é o livro da alma, o que deixa pistas de seu caráter mais íntimo. Mas não há nele qualquer menção à situação dos escravos, pelos quais lhe é atribuída grande afinidade e empatia, nem a sua função como professora, talvez por essa não ser a fonte de suas mágoas e sim a dos “benéficos sorrisos”,⁴⁰³ que não são assuntos de um *Álbum*.

Assim, é interessante notar que mesmo tendo dedicado páginas de seu diário a assuntos corriqueiros do dia a dia, como viagens de barco até São Luís⁴⁰⁴, nascimentos e mortes, Maria Firmina dos Reis não refletiu nestas páginas sobre a publicação de seu livro e poemas, sobre o reconhecimento que estes lhe proporcionaram, ou mesmo a respeito de sua profissão de professora ou das doenças que a afastavam constantemente do trabalho⁴⁰⁵.

Uma possível razão para tal escolha reside na interpretação do *Álbum* como uma escrita, de certa forma, ficcional. Para Mendes, esta ligação está nas semelhanças entre o diário e *Úrsula*, perceptíveis na ideia da morte como libertação e na idealização das mulheres.⁴⁰⁶ Para Carvalho, esta conexão existe na possibilidade de enxergar o *Álbum* como uma fonte que tanto

poderia ser algo literário, no sentido de não manter relação direta com suas concepções acerca daquilo que escreve; quanto pode conter descrições pessoais, ser instrumento de construção do passado e uma representação memorialística do vivido, voltada para o modo como Maria Firmina dos Reis poderia construir para ser lida no futuro.⁴⁰⁷

Para Sidneia o *Álbum* evidencia “a ligação da autora com a estética romântica. Traços que falam da insatisfação da vida no tempo presente, da desilusão com a sociedade e da não-disposição em acreditar no futuro caracterizam esses escritos.”⁴⁰⁸

Desta forma, o que há, em seu *Álbum*, é uma representação (de uma presença ou

⁴⁰³ MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, parte 4, p. 23. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

⁴⁰⁴ SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017, p. 44.

⁴⁰⁵ SANTOS, Carla Sampaio dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 68-74.

⁴⁰⁶ MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013, p. 135.

⁴⁰⁷ CARVALHO, Jéssica C. Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p. 82.

⁴⁰⁸ VRBATA, Sidinea Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyadolê do brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018, p. 53.

de uma ausência), uma escrita de si, com todas as implicações teórico-metodológicas envolvidas nesse tipo de fonte, que não sabemos se foi completa ou mesmo intencional, de uma mulher que sofre e sente-se sozinha. Para os efeitos de nossa pesquisa, resta um questionamento: se o *Álbum* foi pouco analisado nas pesquisas isso não pode ser um indicativo de que não se interessaram, ou mesmo quiseram esquecer, seu lado cru, triste, *humano*? Não buscaram escolher passagens e prismas mais atraentes em detrimento de outros que desenraizaram Maria Firmina dos Reis não só de seu tempo, mas de si mesma? Mesmo quando consultado, o entendimento deste diário como um registro de eventos da vida da maranhense ou como um “material [que] revela ainda traços íntimos da autora que contribuem para a compreensão do seu fazer literário como um todo”⁴⁰⁹ não confirma, mais uma vez, a permanência e sacralização de sua imagem como escritora – a primeira! - e seu esquecimento como ser humano, demasiadamente humano?

⁴⁰⁹ NERES, Jessica Frizon. *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019, p. 45.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa nos orientamos pelo objetivo de compreender como a memória de Maria Firmina dos Reis tem sido evocada e construída no meio acadêmico. Buscamos esta compreensão apoiados em um entendimento dos estudos da memória que a considerassem algo mais do que uma ferramenta para a escrita da história, contemplando suas subjetividades e particularidades, sem esquecer de elementos importantes em seu estudo e que muitas vezes são deixados de lado: o dever de memória e o esquecimento.

Pudemos, assim, perceber a existência de um *boom* de memória sobre a maranhense a partir da comemoração de seu sesquicentenário e da publicação do fac-símilar de *Úrsula*, em 1975. Maria Firmina dos Reis é objeto de interesse principalmente de cursos da grande área de Letras, majoritariamente conduzidos por mulheres e localizados em sua maioria em universidades das regiões Sudeste e Nordeste. Estas pesquisas trabalham tanto com o estudo isolado quanto comparativo de Maria Firmina dos Reis. Em sua maioria trazem o romance *Úrsula* como objeto de análise. Boa parte destas pesquisas tem como base a biografia produzida por Nascimento Moraes Filho, *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*, muitas vezes sem questionar a imagem da memória que ali começou a ser construída: pioneira na escrita feminina brasileira, modelo de mulher a ser observado pelas outras, delatora das misérias impostas às mulheres brasileiras do século XIX, pessoa de grande força e resiliência, militante abolicionista. Em contrapartida, em nossos estudos pudemos notar que em função de sacralizar e engrandecer estas imagens, outras foram esquecidas ou ignoradas: professora, pessoa de seu tempo, indivíduo com suas próprias subjetividades e individualidades, ser humano com defeitos. Maria Firmina dos Reis foi, assim, desenraizada de seu tempo e humanidade para ser alçada, pelo dever de memória e necessidades do presente, a um patamar mitológico.

A principal imagem, a de pioneira, impõe um esquecimento do fato de que Maria Firmina dos Reis pode ter sido apenas a que primeiro conseguiu ter seus trabalhos publicados. Isto não implica dizer que antes dela tais pensamentos ou escolhas de escrita fossem inéditas. A escravidão era, afinal, o tema de seu tempo. Não questionamos aqui a legitimidade dos movimentos de evocação da memória, do presente, que buscaram na figura da maranhense um avatar que carregasse suas demandas. Nossa intenção é, como praxe dos historiadores, analisar criticamente este processo e fornecer um outro prisma de análise. Entendemos que, talvez diretamente contra suas intenções, as pesquisas acabam contribuindo com o “cortejo dos vencedores” que tanto repudiam, ao elencar apenas as qualidades e mitificar Maria

Firmina dos Reis, sem reservar-lhe um lugar entre os mortais: e haveria lugar mais digno para se ocupar numa obra de história? Isto, inclusive, denuncia outra evidência da vivacidade e independência da memória, que além de nem sempre se reduzir aos métodos historiográficos, pode acabar por se servir deles.

Seu esquecimento enquanto professora nos leva a enfrentar uma questão de enorme importância: a desvalorização da profissão docente, não apenas a do passado, mas a do presente, a que se perpetua no próprio lugar de produção dos trabalhos acadêmicos. A menor importância dada para os anos em que Maria Firmina dos Reis se dedicou a ensinar e a valorização de seu aprendizado solitário revelam sensibilidades do presente que apontam que, ainda hoje e mesmo para pesquisadores advindos de cursos relacionados à docência, a profissão de professora segue secundária: um meio para outros fins.

Esperamos, assim, contribuir não apenas para uma análise crítica dos estudos sobre Maria Firmina dos Reis, mas sobre os estudos das relações entre memória a história. Novas perspectivas e abordagens a este respeito podem se mostrar frutíferas em tempos onde a história é constantemente (re)visada, renovada e (re)negada. A revisão, em si, não é maligna, mas deveria ser empreendida com responsabilidade e cotejando evidências, diversos grupos sociais e metodologias. Desta forma, seus resultados acadêmicos poderão frutificar de forma benéfica na sociedade.

É importante lembrar que esta pesquisa abordou apenas uma das diversas possibilidades de estudo de Maria Firmina dos Reis, de sua memória, de seu esquecimento. Buscamos, mais do que fornecer respostas e fórmulas prontas, instigar questionamentos sobre a nossa relação atual com esta mulher oitocentista e, de resto, com as evocações do passado no presente que constroem mitos representativos de causas caras à nossa sociedade e que em seu percurso deixam de lado, intencionalmente ou não, aspectos importantes para a compreensão destas figuras.

REFERÊNCIAS

FONTES

- ALCÂNTARA, Vanessa Figueiredo de Souza. *Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas*. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2014.
- ALVES, Renata Carmo. *As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- ANDRETA, Bárbara Loureiro. *Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula*. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- CALADO, Karina de Almeida. *Vozes da dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances Úrsula, Um defeito de cor e Becos da Memória*. 2019. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- CARVALHO, Jéssica C. Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.
- CARVALHO, Virgínia Silva de. *A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.
- CORREIA, Janaína dos Santos. *O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil*. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e a escrava de Maria Firmina dos Reis*. 2016. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afrobrasileiras*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- LOPES, Michelly Cristina Alves. *Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

MENDES, Algemira Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

MENESES, Francisca Pereira da Silva. *As questões étnicas e de gênero nos romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães*. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NERES, Jessica Frizon. *A configuração do negro escravizado em Úrsula e "Assombramento"*. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Travessura Revolucionária. *Revista Piauí*, n. 169, 6 out. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>>. Acesso em: 9 out. 2020.

PINHEIRO, Thayara Rodrigues. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: "uma maranhense"*. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

REIS, Vanessa Jamile Santana dos. *A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social*. 2019. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RIO, Ana Carla Carneiro. *Autoria, devir e interdição: os "entre-lugares" do sujeito no romance Úrsula*. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Linguagem, 2015, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

ROCHA, Paraguassu de Fátima. *A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances Úrsula de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio*

de Conceição Evaristo. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria Literária, Universidade Campos de Andrade, Curitiba, 2008.

RODRIGUES, Rodrigo Gouvêa. *Romance de autoria feminina: "o ser mulher" em Maria Firmina e Júlia Lopes*. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

SANTOS, Carla Sampaio dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SANTOS, Katiana Souza. *Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance Úrsula*. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso Interdisciplinar, Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017.

SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX*. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.

VRBATA, Sidinea Almeida Pedreira. *Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

JORNAIS

DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, n. 11004, 8 mar. 1910. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720011&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=42841>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

MARQUES, Cezar Augusto Marques. (org). *Almanach de lembranças brasileiras*. São Luís: Botica Imperial. 1863, p. 126 - 127. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706680&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=417>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

O JARDIM DAS MARANHENSES, São Luís, n. 23, 20 set. 1861. Disponível em: <

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761265&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=13>. Acesso em: 1 dez. 2020.

PACOTILHA, São Luís, 16 de jan. 1911.

REIS, Maria Firmina dos. Nenia. *Pacotilha*, São Luís, n. 67, 16 mar. 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=9006>. Acesso em: 1 dez. 2020.

REIS, Maria Firmina dos. Um artigo das minhas impressões de viagem. *O Domingo*, Maranhão, 8 de set. de 1872. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=718670&pesq=Maria%20firmina%20dos%20reis&pagfis=11>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

REIS, Maria Firmina dos. Um brinde à noiva. *Pacotilha*, São Luís, n. 190, 11 ago. 1900.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=%22maria%20firmina%20dos%20reis%22&pagfis=23056>. Acesso em: 1 dez. 2020.

BIBLIOGRAFIA

ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

ALMEIDA, Horácio De. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina Dos (Ed.). *Úrsula*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

ARKENSMIT, Franklin R. Representação e referência. In: *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, [s. l.], v. 11, n. 21, p. 9–34, 1998.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brazileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <<https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/221681>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BORGES, Jorge Luis. *A biblioteca de Babel*. In: *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BRASIL. Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890. Promulga a lei sobre o casamento civil. São Paulo, v. 48, p. 3-4, 1984. Disponível em: [BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de \(Org.\). *Pensamento Feminista, conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D181.htm#:~:text=Promulga%20a%20lei%20sobre%20o%20casamento%20civil.&text=Art.&text=%C2%A7%205%C2%BA%20A%20certid%C3%A3o%20de,dos%20nubentes%20o%20houver%20contrahido. Acesso em: 7 set. 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. História: *Questões & Debates*, [s. l.], v. 50, n. 1, p. 15–49, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15670>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 5, n. 11, p. 173–191, 1991.

COELHO, Liliane Cristina. *Hieróglifos e aulas de História: uma análise da escrita egípcia antiga em livros paradidáticos*. Revista Mundo Antigo, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 188–205, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

CRUZ, Mariléia dos Santos. *Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no Século XIX*. 2008. 195 f. Tese (Doutorado) Curso de Educação, Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Araraquara, 2008.

_____ ; DE MATOS, Érica de Lima; SILVA, Ediane Holanda. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. *Notandum*, [s. l.], v. 1, n. 48, p. 151–166, 2018.

CUNHA, Maria de Lourdes da Conceição. *Os Destinos Trágicos da Figura Feminina no Romantismo Brasileira*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

DIOGO, Luciana Martins. A primeira resenha de Úrsula na imprensa maranhense. *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, [s. l.], v. 3, n. 8, p. 11–25, 2018, p. 8.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis, Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis, *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 0, n. 59, p. 223–236, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>. Acesso em: 21 jun. 2019.

DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s. l.], n. 31, p. 11–23, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

GARRIDO, Natércia Moraes. *A poética modernista em Azulejos de Nascimento Moraes Filho*. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

GAY, Peter. *Represálias selvagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Editora Companhia das Letras, 2017.

GUAZZELLI, Dante Guimaraens. O dever de memória e o historiador: uma análise de dois casos brasileiros. *Mosaico*, [s. l.], v. 2, n. 4, 2010.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. João Pessoa: Projeto do Autor ao Leitor, 2013. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxiaWJsaW90ZWNhbmFzbnV2ZW5zfGd4Ojg3ZDkzY2VkOTU0OWM4ZA>>.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IYALODE. In: *A dictionary of the Yoruba Language*. Lagos: Church Missionary Society Bookshop, 1913. Disponível em: http://edeyoruba.com/uploads/3/0/0/1/3001787/yoruba_dictionary.pdf. Acesso em: 01 jul. 2020.

LE GOFF, Jacques, *O imaginário medieval*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LER ANTES DE MORRER. Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. 2019 (18m40s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8L7Vi85gAIU>> Acesso em: 01 jun. 2020.

LIMA, Tania Andrade. *Restos humanos e Arqueologia Histórica*: uma questão de ética. South Carolina Institute of Archaeology and Anthropology, 1994. Disponível em: <<https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2017/08/tc3a2nia-andrade-de-lima.pdf>> Acesso em: 4 jan. 2021.

LITERATURE-SE. Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. 2019 (11m33s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oCiBd6M2OZ4>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas algozes*. Fundação Biblioteca Nacional, 1869.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 33, n. 96, p. 91–108, 2019.

MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>>.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues, VIANA, Luciana S. Professoras negras no Rio de Janeiro: História de um branqueamento. In: II CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: História e Memória da Educação Brasileira, 2, Natal, 2002, *Anais eletrônicos...* Natal: UFRN, 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0641.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. *Interfaces da educação*, [s. l.], v. 5, n. 14, p. 68–81, 2014.

MUZART, Zahidé L. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Muitas Vozes*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 247–260, 2013.

NOVAES, Irlane Regina Moraes. *Ana Jansen: empreendedorismo feminino no século XIX*. 2012. 141f. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva De. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 621–623, 2009.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Travessura Revolucionária. *Revista Piauí*, n. 169, 6 out. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>>. Acesso em: 9 out. 2020.

PANDA CLÁSSICOS, Úrsula. 2018. (13m16s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p_YzEtvM1nA>. Acesso em 04 mai. 2018.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi* (Rio de Janeiro), [s. l.], v. 12, n. 22, p. 270–283, 201.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Mundos novos*, [s. l.], 2006. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: *VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*. 2006.

- RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *cadernos pagu*, [s. l.], v. 11, p. 89–98, 1998.
- RAGO, Margareth. Em defesa da escrita feminina. In: TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. [s.l.] : Editora das Mulheres, 1996.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista, conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 32, p. 75-95, 2000.
- _____. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História*. São Paulo: Ed.PUC/SP, jun 2002.
- _____. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, [s. l.], v. 27, n. 54, p. 281–300, 2008.
- SOUZA, Natália Salomé; PEREIRA, Vinícius Carvalho. A ginocrítica como exercício de metacrítica em novas cartas portuguesas. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress 2017*, Florianópolis. Anais... Florianópolis Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498244566_arquivo_aginocriticacomoexerciciodemetacriticaemnovascartasportuguesas.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. *Revista de História*, [s. l.], v. 0, n. 120, 1989. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: USP, 1994.